

**ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA LEVADA A EFEITO PELA CÂMARA MUNICIPAL DE SUMARÉ, REALIZADA AOS QUINZE DIAS DO MÊS DE JUNHO DE DOIS MIL E VINTE E DOIS, QUINTA-FEIRA, COM INÍCIO ÀS 18:00 HORAS.-.....-**

**“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Muito boa noite a todas e a todos! Sejam todos muito bem-vindos na Câmara Municipal de Sumaré, no Plenário da Câmara e também aqueles que nos acompanham pelo YouTube (nosso canal aberto de comunicação aqui da Câmara Municipal de Sumaré). Recebemos à Mesa Diretora, antes, porém, quero fazer aqui uma composição, pedir aos Srs. Vereadores para que se assente aqui à Mesa Diretora, se quiserem sentar aqui nessa Mesa, fique à vontade, os que estão presentes. Podem sentar aqui, ou na Mesa Estendida, fiquem à vontade. Vereador, Vereador Lucas Agostinho, Vereador Ney do Gás, Vereador Ulisses, Vereador Gilson Caverna, Vereador Pereirinha, se os senhores quiserem sentar aqui na Mesa, fiquem à vontade, se quiserem ficar aí, fiquem à vontade. A Presidência recebeu o Ofício datado de 6 de maio de 2022, de autoria do Exmo. Vereador Rudinei Lobo, uma solicitação para a Audiência Pública para o dia 15/06, às 18h, para a discussão sobre o tema: autismo e políticas públicas. Pediu também que fosse oficializado às entidades públicas e privadas do Município e que cuidam desse tema, como também os departamentos públicos e entidades que prestam serviços ao Município, bem como a Secretaria de Saúde, Secretaria de Inclusão, Secretaria de Educação, Secretaria de Desenvolvimento Humano do Município, Câmara Municipal, Conselho da Criança e do Adolescente, Conselho de Pessoas com Deficiências, ONGs (como a Pestalozzi, a APAE, a Carinha de Anjo) e a população em geral. Nesse sentido, o Ofício foi encaminhado à Presidência da Câmara, e, no dia 18 de maio, a Presidência autorizou a realização da Audiência Pública, bem como fez a devida convocação. Nesse sentido, no dia de hoje, nós temos a honra e a grata satisfação de dar início agora, às 18h48, na Audiência Pública, convocada pela Câmara Municipal de Sumaré. Avisamos todos os Vereadores e tornamos público o máximo o convite e todos os Vereadores foram convidados. Então, ao decorrer da Sessão, a gente espera ainda a presença de mais parlamentares por aqui. Sejam todos bem-vindos e bem-vindas, a Audiência Pública tem um rito aqui na Câmara Municipal, faremos aqui a composição da Mesa Estendida, dos convidados, dos Srs. Vereadores, ouviremos aqueles que foram convidados para fazer as falas de apresentações, conforme sugestão do Vereador, e depois nós abrimos ao público, e qualquer cidadão ou cidadã pode falar na Audiência Pública, tem esse direito. Tudo que for falado, apresentado, entregue na Audiência Pública, é feito um relatório pela Câmara Municipal de Sumaré e depois discutido com os Poderes que foram apresentados. Os pedidos da Audiência Pública são pedidos que se tornam documentos oficiais para encaminhar. Às vezes, pedimos auxílio do Ministério Público, de outros órgãos e entidades, ou sai já a formação de Leis que podem ir ao Plenário; outras maneiras, reuniões com o Prefeito, ou implantações de sistemas e adequações da própria Câmara Municipal de Sumaré. Nesse sentido, a importância da participação de todos vocês é fundamental no dia de hoje, para que vocês possam passar cada diagnóstico, cada situação da nossa Cidade e construirmos uma Cidade cada vez mais inclusiva e que respeite a todos, e a todas! Sejam muito bem-vindos a esta Casa de Leis, que é a casa do povo da Cidade de Sumaré. Nesse sentido, convido para fazer aqui... a composição da Mesa, a Sra. Ana Cléia Meneguetti, Secretária Municipal de Inclusão do Município de Sumaré, seja bem-vinda, Ana! Inclusão, Assistência e Desenvolvimento Social. Convido também, o Sr. Rogério Borges, representando o Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Convido a Sra. Mirella Spinelli, Presidente da Associação Equoterapia Carinha de Anjo. Convido o Sr. Fernando Henrique, representando a Nisfram Sumaré. Convido Dr. Jelres Freitas, advogado. Convido a Dra. Solange Fazon, que fará também palestra sobre direito. Convido a Dra. Tamiris Delfino(*sic*), que também fará uma palestra sobre autismo. Convido a Sra. Maria Gorete Camargo Funes, representando a Pestalozzi. Essa é uma Ata inicial, pergunto às

pessoas que estão participando, a entidades, se alguma entidade gostaria de ser representada aqui na Mesa Estendida. Aí você pode levantar a mão, fazer uma sugestão que eu convido oficialmente para vir à dentro do Plenário, fique à vontade para fazer as sugestões. Não? Todos têm direito à fala, mas pergunto se alguém quer fazer parte da Mesa Estendida, nós convidamos, não tem problema. Se os senhores que estão aqui ou as senhoras que chamaram, que estão aqui presentes, tiver alguma sugestão, podem sugerir. Tem sugestão? Pode dizer. O microfone de vocês que estão na mesa, é só passar o dedo aí no botãozinho que ele liga, tá? Isso. **“Sr. Rogério Borges”**: Boa noite senhores, senhoras. Como sugestão, o Marcelo, ele pode representar a roda de conversa que acontece todo mês, na última semana de cada mês. **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Marcelo, por favor. Por favor, seja muito bem-vindo! Tem mais alguma sugestão? Alguém que vocês queiram convidar? Fiquem à vontade, que a gente acaba abordando aqui, não tem problema. **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: Presidente. **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Sim, Ana. **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: A gente tem representantes da Secretaria, não sei se os Secretários estão, mas eu vi da Saúde e da Educação. *[Falas sobrepostas]* **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Quem é que está representando Saúde e Educação? **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: Não sei, não sei se vieram. **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Acho que não, né? **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: É. **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: São trabalhadores, mas não vieram representando o Secretário, é isso? É isso? Então, está bom. Aí *[Risos]*. A gente costuma sempre aqui, ou quando, duas maneiras, né: quando vem o Secretário, a gente convida para a Câmara, e quando não vem o Secretário, a gente coloca para representar com uma nomeação, uma carta representada, né, por se tratar de um poder como Câmara. Mas, reforço, nós convidamos oficialmente os Secretários de Saúde e Educação e os demais, tá? Agradeço, inclusive, a Ana, que sempre está presente aqui na Câmara, toda a Audiência Pública, antes de ser Secretária, inclusive, já estava aqui conosco, sempre participando, né? Muito obrigado. Dito e feita a composição, nesse sentido, eu quero aqui, primeiro, cumprimentar, com todo o respeito aqui ao nosso Vereador Rudinei, mas cumprimentar o Cristian, que é o assessor do Vereador Rudinei Lobo, que trabalha, que é Servidor da Câmara, assessor do gabinete, e que ele é um grande protagonista dessa luta e ele que deu as ideias, que faz o trabalho. Então, o Vereador Rudinei Lobo tem muita sorte de tê-lo ao lado, e é um parceiro da Câmara Municipal. Como Presidente, quero saudá-lo, cumprimentá-lo e dizer que nós temos orgulho de ter o senhor aqui no quadro de trabalhadores da Câmara, que é um grande protagonista dessa Audiência. Cumprimento também profissionais da imprensa, no nome do Foga(F), que está aqui acompanhando e os demais que também queiram aqui participar e passo a palavra ao Vereador Rudinei Lobo, para que dê início, que faça aí as sugestões e o que achar necessário. **“Vereador “Rudinei Olívio Lobo”**: Boa noite a todos! Meu nome é Rudinei Lobo, já estou aqui na Câmara há um bom tempo e, assim como o Presidente Willian disse, há muito tempo a gente vem tocando alguns mandatos aí, mas a gente não tinha um conhecimento total dessa situação. E... aí o Cristian veio ser assessor meu no mandato passado, e a esposa dele ficou grávida do segundo filho deles, ele tem uma filha e um filho. E você sabe que tem problemas na vida da gente, que a gente só passa a saber e ver as dificuldades, a partir do momento que chega até você, e, diante desse fato aí, a gente, o Cristian descobriu, né, o filho dele tinha o autismo, e a gente começou a acompanhar mais de perto. E quando você começa a acompanhar mais de perto, a gente vê que o problema, ele é grande, né, diante da sociedade, mas precisou chegou na gente. E aí, nisso, o Cristian falou assim: “Olha, vamos tentar pegar essa bandeira e ajudar, porque a deficiência é gigantesca”. Diante disso, assim como o Presidente disse, e disse com propriedade, porque ele conhece bem eu, conhece bem o Cristian, e eu falei para o Cristian: “Cristian, o mandato aqui é seu, o que você precisar, fazer uma luta em cima disso, você faça”. E eu quero fazer um relato aqui. Teve um dia, uma pessoa falou assim: “Poxa, mas ele falou uma coisa na rede social”. A gente é político aqui, a

gente conversa bastante, mas tem princípios na vida da gente, que a gente não põe em cima da mesa e isso eu dei a carta para o Cristian. E o Cristian teve a hombridade de hoje utilizar o mandato nosso, do qual é meu, mas é dele (porque ele ajudou a construir), para poder defender não só o filho dele, como o filho de vocês. Eu fico um pouco emocionado aqui, porque eu tenho uma sobrinha, ela tem meio coração, eu só fiquei sabendo também de cada 100 crianças que nasce, uma nasce com um probleminha no coração igual o dela. Ela só tem meio, até dia 20 agora, ela vai fazer a terceira cirurgia, ela tem três anos. Então, às vezes, o problema precisa chegar na gente, para a gente saber como que é. Algumas pessoas até sabem que existe, mas se fingem de cego, e eu acho que é a oportunidade aqui hoje, está sendo feito um marco aqui na Câmara, porque quando esse cidadão chegou na Câmara, no mandato passado (eu já estava aqui, talvez, bem antes), ele chegou e falou assim: “Olha, vamos trabalhar com Audiências Públicas para ouvir o povo, trazer o povo para a Câmara”. E assim a gente tem feito, não só hoje, em diversos aspectos a população tem sido ouvida. Então, acredito, gente, que o momento é agora, assim como o Presidente Willian disse, a gente vai relatar tudo em documentação, a gente sabe que vocês têm muito direito, né? Talvez até quem poderia ajudar, não sabe o direito que vocês têm, e talvez nem quem está para ajudar, sabe de que jeito que ele pode ajudar. Então, eu acho que aqui a hora é de todo mundo dar a mão e cuidar dos filhos da gente, que é o bem maior que a gente tem, tá? Então, o que vocês puderem contribuir para que isso aqui seja de uma grandeza enorme, eu acho que a hora é agora, está bom? Que Deus abençoe a nossa Audiência, que seja bem produtiva. Obrigado a todos. **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Muito obrigado, Vereador Rudinei Lobo. Quero, então, passar aqui, dar o rito, os Vereadores, nós vamos falar depois, né? Os Vereadores querem mais ouvir hoje, né? [Risos]. Então, quero convidar antes aqui, a Adriana Cristino, que é representante da Apae (Sumaré), prazer recebê-la, viu, Adriana, aqui na Câmara, muito obrigado, viu!? Gostaria de agora, então, passar a palavra a Sra. Tamiris Delfito, que é pedagoga e cursa ensino superior em educação especial, é pós-graduada em educação especial e inclusiva, deficiência intelectual, neurociências, psicopedagogia, clínica e hospitalar, e em análise do comportamento aplicado ao autismo. Atualmente, é professora do Instituto Ser Clínica Escola. Por gentileza e fique à vontade! **“Sra. Tamiris Delfito”**: Boa noite a todos! Acho que eu nem preciso me apresentar, né, ele falou tudo que eu fiz, vou contar só um pouquinho da minha trajetória, para vocês saberem por que é que eu escolhi também estar na área da educação especial, me interessar tanto por essas crianças, né, que precisam. Então, aqui está a minha formação (mas ele já falou, vou pular), uma pessoa que está aqui, é uma das pessoas que teve bastante influência na minha escolha, que foi a Mirella. Quando eu comecei a pedagogia, eu fui fazer estágio voluntário na Pestalozzi e eu ficava com ela. E aí eu me encantei e falei: “É isso que eu quero”. E aí, terminando a pedagogia, eu fui fazer as pós-graduações, a primeira foi em educação especial. E eu passava na frente da Apae, eu falava assim: “Um dia eu vou trabalhar nesse lugar”. E eu trabalhei. Então, são dois lugares que eu aprendi muito: A Apae e a Pestalozzi. Ela... eu falo que quem entra nesses dois ambientes sai com uma formação extraordinária, que nenhum curso dá. Mas, quando nós estamos diante das crianças, vão aparecendo desespero dos profissionais também, por que o que é que eu tenho que fazer para melhorar? O que é que eu tenho que fazer para eu desenvolver essa habilidade? O que é que eu tenho que fazer para ajudar essas famílias? E aí eu fui procurando cada vez mais cursos que me dessem alguns horizontes. Aí, o último foi o ABA, né (que é a Análise do Comportamento), e agora eu estou na neuropsicologia, que eu quero saber como que funciona de verdade a cabecinha de cada um - é muito interessante a nossa cabecinha -. E o Cristian me convidou para vir aqui explicar um pouquinho para vocês, né, eu acho que muitos daqui já sabem muito bem o que é o autismo, mas alguns ainda ficam na dúvida: o que é, como, o que eu posso oferecer, então, vamos lá. Eu me baseei, né, no DSM-5, que é o manual diagnóstico, que ele fala que

o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades sociais, né, e comportamentos repetitivos, e restritos. Então, o que seria um comportamento repetitivo? A criança apresenta algumas estereotipias, por exemplo, ela precisa de uma rotina, e se eu abro mão daquela rotina, talvez, se eu vou ao supermercado e ela está acostumada com aquele caminho, se eu mudo, ela vai sentir dificuldade, ela pode ser que ela entre em uma crise e vai aumentando os nossos problemas. E as restrições, existem restrições alimentares, restrições sensoriais, né? Então, a criança com autismo, ela também nasce com autismo, eu não pego e eu não desenvolvo depois do meu nascimento, eu já nasci com autismo, eu não peguei o autismo, tá? E o diagnóstico precoce, que eu acho que é fundamental, por quê? Porque quando eu trabalho o mais cedo possível, melhores os resultados que eu vou ter com aquela criança. Então, se aos dois anos eu apresento já um comportamento e os pais vê que não está dentro do normal, por favor, procurem ajuda, porque o quanto mais cedo, melhor é. Pode ser que eu não resolva 100% dos problemas, mas vai diminuir, sim. E o principal, estava conversando com algumas mães ali, que a gente bate sempre na tecla, onde eu trabalho, a orientação que os pais continuem fazendo o que a gente faz em terapia. Isso é extrema importância. Porque eles ficam conosco um período, e depois em casa é o tempo maior com a família. Então, se essa família não continuar, não der andamento no que nós estamos fazendo, o sucesso não teremos, tá? Então, existem alguns critérios para os diagnósticos. Os critérios, eu vou falar por cima, porque eu acho que os principais são: dificuldade na interação social, são muita dificuldade no contato visual, muitas das pessoas, quando a criança é pequena, ela chama: "João!". O João não olha. "João". O João não olha. Isso pode ser sim um sinal de autismo, mas muitas das vezes, a gente pode pensar também: "Ah, será que ele não tem algum problema auditivo?". Então, qual é o principal fundamento? Vai ao médico, né? Procure ajuda, tire todas essas suas dúvidas com o médico, né? Porque se ele apresenta inaptidão persistente na comunicação social, ele demora para falar, ou ele se recusa a falar em alguns momentos, né? Se ele não mantém o contato visual, se ele não se interage no ambiente que ele está, é uma criança que fica só num cantinho. Então, são sinais do autismo. Também pode demonstrar dificuldade nos seus desenvolvimentos de algumas habilidades, né? Então, é de extrema importância a gente compreender o ambiente, também, que vive. Por quê? Existem crianças que você, se a gente for ficar falando aqui de todos os critérios, vai falar Assim: "Ai, o meu filho tem" porém, se a criança não for estimulada, ela não vai ter. Então, o mais ideal: procure ajuda médica. Então, olha: inaptidão, persistência na comunicação social manifestada em déficit de reciprocidade emocional. Então, eles têm muita dificuldade também de demonstrar, muitas das vezes, né, afeto, carinho, por quê? Eu, às vezes, não enxergo o outro, como que eu vou demonstrar? Eu preciso enxergar, eu preciso sentir o outro. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses restritos, fixação intensa por alguma atividade. Nós temos, eu atendo algumas crianças e algumas são fixas em Sonic, outras em navio, outras na rodinha do carro que gira, né? Então, são "N" exemplos que eu posso dar, porém, cada um tem a sua particularidade. Então, falas e manipulações de objetos de forma repetitiva ou estereotipada. Então, se eu falo: "João, pegue a bola". Ele fala: "João, pegue a bola". Ele não entendeu o meu comando, ele simplesmente repetiu o que eu falei, isso se chama "ecolalia", tá? Persistência em uma rotina, rituais verbais e não verbais, inflexibilidade a mudanças, padrões restritos de comportamento e pensamento. Então, é hiper ou hiporreativo a algumas atividades sensoriais. Tem crianças que não vai colocar a mão em ambientes gelados, tem crianças que não vai pôr a mão na areia, o pé, qualquer coisa, escovar os dentes, por conta de muitas estimulações sensoriais. Os sintomas devem ser, estar presentes no período de desenvolvimento na fase precoce da infância, mas importante ressaltar, que podem manifestar com o tempo, de acordo com a demanda. Como eu falei, se essa criança, às vezes, não é estimulada, você não vai observar, né? Então, conforme o passar, a gente for, for dando mais demanda para essa

criança, nós vamos conseguindo observar melhor os sinais, né, que, talvez, ela venha apresentando. Os sintomas, né, os sinais que a gente pode dizer, eles são presentes, antes dos três anos eu já consigo identificar alguns dos sintomas, né, do autismo. E todos os sintomas causam prejuízos significativos. Então, para que eu consiga, para que o médico consiga, né, o profissional (eu não, porque eu não dou diagnóstico), o médico consiga dar um diagnóstico de autismo, essas habilidades, esses sintomas, eles têm, eles precisam ser significativos no funcionamento da criança. E quais são as causas? Nos estudos que eu li, né, eu li uma pesquisa que ela descreve as causalidades do autismo que envolve cinco países e 10 milhões – desculpa - 100 milhões de pessoas. Então, é um estudo bem, é forte, é confiável, tá? Ele fala que as causas são múltiplas, né, então, ele diz que: 81% das causas do autismo é geneticamente herdada pelas famílias. Então, pode observar que, talvez, terá alguém dentro da família que também tem autismo e, muitas das vezes, não é diagnosticado, principalmente, hoje em dia a gente percebe, atendendo, que está vindo muitas crianças que têm membros das famílias que já são adultos e não foram diagnosticados. Infelizmente, essas pessoas foram rotuladas, né? “Ah, eram mal educadas”, “ah, eram pessoas que não, eram antissociais”, né? Mas não, quando você tem um diagnóstico, você acaba descobrindo outros diagnósticos na família por observação. 18% das vezes não é genética herdada. Como funciona isso? Vamos pensar no atual cenário, o Covid. O Covid, ele não teve várias mutações? A mesma coisa acontece com a nossa genética. Conforme vai nascendo outras pessoas, as nossas mutações genéticas vão mudando, também vão modificando e pode ser que aconteça nessas modificações de mutações que ocorra o autismo na criança, tá? E é uma taxa bem pequena, que fala que de 1 a 3% do autismo ambiental. Quando se fala do autismo ambiental, nós não estamos falando do autismo aqui no ambiente que nós vivemos, é no ambiente uterino, do primeiro ao terceiro mês de vida da criança dentro do útero da mãe. Tem, muitas vezes é causado por medicamentos que a mãe ingere durante esse período, eu não quis trazer o nome de medicamentos, porque eu acho que isso não é da minha parte, tá? Mas é um fator muito baixo, né, essa, a parte ambiental uterina(\*). Quando eu falo em nível de autismo, eu não estou falando do nível da criança, mas eu estou falando do nível de ajuda que ela precisa, né? Então, a gente lidar com crianças que precisa de ajuda leve, tem crianças que precisam da ajuda moderada e tem crianças que precisa de ajuda severa. Como entender? A gente vai observar se essa criança consegue ter uma pequena interação social, apresenta prejuízos, mas ela precisa, sim, de terapias, ela precisa de estímulos, ela precisa de recursos, ela precisa de ajuda para desenvolver essas habilidades, né? Quando eu falo em moderado, é aquela criança que, em relação à interação social, ela não consegue se comunicar sozinha, então, talvez ela vai precisar de uma rotina estruturada, ela vai precisar de um PECs, né, para se comunicar, para mostrar para as outras pessoas que estão ao seu redor, mas ela necessita muito mais de suporte substancial, uma pessoa por perto e uma pessoa que desenvolva estratégias para que ela consiga se desenvolver no ambiente. E o severo, que é aquela criança que necessita de suporte praticamente 100%, é um público que eu trabalho mais, o severo, né? Hoje em dia está bem forte, infelizmente, o público dos severos, mas vocês vão entender porquê também do severo. Feito o diagnóstico, o que é que nos compete? Primeira coisa, né, o diagnóstico é feito clínico, quem faz o diagnóstico (como eu já havia falado) é o médico, né, ele é feito por um profissional especializado (neuro ou psiquiatra), e não existe exames, mas ele é feito sobre observação e conversa com as famílias, ainda não existe, né? Ainda. E aí, pelos relatos das famílias, os médicos se baseiam num DSM-5, então, não existem exames laboratoriais. Quando eu falo em severos, geralmente vai ter o quê? A comorbidade, o que é que significa a comorbidade? Comorbidade é quando eu tenho, em uma pessoa, mais de duas patologias, de duas a mais patologias. Então, essa criança, ela pode ser, ter o autismo e ter uma deficiência intelectual junto; ela pode ter o autismo e pode ter também um TDAH; então, quando eu tenho mais de uma deficiência, de mais de

um transtorno, essa criança tem uma comorbidade. As crianças severas geralmente, praticamente 100% tem a comorbidade. Depois do diagnóstico, o que é que é feito, né? Primeiro, nunca foque: “O meu filho não faz, o meu filho não desenvolve”. Cada ser é um ser, cada ser tem a sua particularidade, cada ser é um ser especial, então, ele não desenvolve, talvez, não vai ser necessário para ele naquele momento, mas então, nós vamos trabalhar. Então, nunca compare uma criança com a outra; se perdoe, porque muitos dos pais, infelizmente, pais e mães principalmente, né, se culpam, não devem se culpar; e aceite; e bora batalhar (igual vocês estão aqui) para o melhor para os filhos de vocês, porque eles precisam, sim, de ajuda e compete a nós, adultos, a correr atrás. Então, muitos dos médicos de autismo defende uma intervenção precoce e terapia intensa, como eu havia falado lá no início, quando eu falo em terapia intensa, não estou falando de ficar com a minha criança, com o meu filho, 40 horas dentro de uma clínica, mas sim, eu ir para a clínica, conversar com os terapeutas e continuar o trabalho na minha casa, né, seguir as orientações que os terapeutas estão passando. Por isso que quanto mais cedo, melhor é, né? Porque daí eu vou pegando as orientações, eu vou desenvolvendo às vezes aquelas habilidades que ele não tinha, eu vou conseguir fazer com que ele desenvolva, às vezes, eu tenho dúvidas se o meu filho está numa crise, se o meu filho está numa birra, né, e às vezes eu acho que é uma crise, mas é uma birra, e como eu não estou entendendo muito bem o que está acontecendo, eu acabo reforçando aquele comportamento, e aí vira uma bola de neve. Então, quanto mais cedo tiver instruções de profissionais, melhor vai ser o resultado do seu filho ao longo da vida, a gente tem que preparar as nossas crianças para a vida, porque nós não somos eternos, por mais que eles possuam uma deficiência e precise - obrigada -, precisa de uma ajuda, nós não somos eternos, então, nós temos que preparar essas crianças para viver. Quando eu falo: “Preparar para viver”, então, desde cedo (que eu já falei bastante, né?), eu falo da estimulação precoce, então, se a criança de dois anos, eu ainda não consegui dar o diagnóstico de autismo, mas ela apresenta alguns sintomas que parecem um atraso, vamos para a terapia, nós vamos tirar a dúvida. Então, estimula, faz exercícios, orienta pais, e se essa habilidade realmente não for desenvolvida, aí é um ponto de alerta; mas se essa habilidade conseguirmos desenvolver e sanar um pouco mais as dificuldades, era somente um atraso de desenvolvimento. Então, é muito importante a estimulação precoce, quanto mais cedo eu conseguir dar um suporte para o meu filho, mais chances de ele ter um desenvolvimento dentro dos padrões, que a gente precisa de sobrevivência, né? Porque muitas das vezes, a gente bate na tecla: “Ah, o meu filho tem que aprender e ler e escrever”, ok? Mas o seu filho lê e escreve com função? Ele lê e escreve, e entende o que ele está fazendo? Ele consegue interpretar aquela frase? Não. Então, como é que ele vai pegar um ônibus, por exemplo, e vai ler, e vai entender “Ah, aquele ônibus vai para o Matão?”, por exemplo, ah, está escrito: “Parque Matão”. Como que ele vai compreender aquilo que ele está lendo? Então, a gente tem que estimular, fazer com que possua estratégias e ver qual a habilidade ele vai realmente conseguir desenvolver, e qual habilidade vai dar realmente função para a vida dele. Então, a gente tem que analisar todos esses pontos, às vezes, a gente bate tanto na tecla que é importante ler e escrever, mas se ele não identificar, por exemplo, o que é uma cola e o que é uma água, não é pior? Né? Se ele não conseguir diferenciar o verde e o amarelo, por exemplo, que eu posso utilizar as cores para ele pegar um ônibus, não é pior? Do que ele aprender ler e ele aprender a escrever, mas sem função (isso eu estou falando de casos graves, tá?). Então, quanto mais cedo mais habilidades importantes para a vida daquela criança eu vou descobrindo e vou desenvolvendo, e trabalhando. Existe bastante tratamentos, então, para a gente falar que é um tratamento, ele precisa ser cientificamente aprovado, né? E existem intervenções tanto na educação como na saúde. As seguintes intervenções, que são realmente cientificamente aprovadas, né - comprovadas, desculpa -, é a análise do comportamento aplicada (que seria o autismo); autismo, muitas das pessoas falam que é um método, não é um método, tá? Ela

é uma metodologia, porque ela é cientificamente aprovada. Ela constitui-se como uma intervenção, que é específica para contextos e que é elaborada com supervisão do analista do comportamento; é uma intervenção que ajuda a criança a aprender habilidades necessárias para a vida até a resolução de alguns problemas comportamentais. Então, eu vou dar um exemplo prático do que seria uma sessão de autismo, né? Uma terapia durante as sessões de autismo, o que é que nós iríamos fazer. Existem habilidades que nós precisamos desenvolver antes de chegarem outras. Então, como eu estava falando da leitura e escrita, tenho bastante crianças que sabem ler e escrever, porém, aprenderam sozinhas, então, essa dificuldade apareceu (eu estou falando de casos graves), apareceu porque ela aprendeu a ler e escrever sozinha, porém, ela não passou pelas etapas da alfabetização, por isso que é um dos fatores importantes para que eu consiga fazer com que ela compreenda. Então, eu tenho que voltar lá no bê-á-bá, muitas das vezes eu tenho que trabalhar com ela a coordenação motora fina, atenção, concentração, eu tenho que trabalhar pareamento de figuras, de palavras, então, eu antes de chegar na leitura e escrita de uma frase, eu tinha que trabalhar do pequeno ao maior; então, outro ponto que é muito importante para o aprendizado, que fala muito no ABA, é trabalhar a imitação. Muitas das crianças com autismo tem dificuldade com relação à imitação, por quê? Eles não olham, como que eles vão imitar? Eles não sentem a necessidade do próximo, né? Porque tem a dificuldade de contato visual. Então, às vezes ele sabe ler e escrever, mas ele não faz uma imitação, ele não olha para mim, então, o primeiro passo, eu vou lá trabalhar o olhar. Eu falo: “Fulano, olha para mim. Fulano, olhou”, a hora que ele olha, eu reforço ele de alguma forma, então, eu reforço com uma cócega, eu reforço com “Muito bem”, pode ser elogios, existem “N” fatores que a gente vai trabalhando passo a passo, até a gente chegar no todo. Muitas das pessoas diz que o ABA robotiza, não é verdade, tá? Ele trabalha a habilidade, porque a criança precisa aprender a sentir a necessidade. Muitas das crianças, para conseguir, ela faz a birra, ela se joga no chão, ela grita e ela consegue o que ela quer, então, ela vai se tornar uma criança sempre assim; mas quando eu mostro para ela que se ela apontar o dedinho (que é um dos fundamentos, apontar o dedinho) e ela conseguir o que ela quer se comunicando através de um gesto, aquele comportamento inadequado de birras vai sumindo, tá? Então, o ABA, ele faz uma análise do comportamento, do contexto que a criança vive e elabora - desculpa -, trabalha as habilidades para que se chegue no todo, mas começando lá do início. Aí ele fala também, né, que uma das terapias é a cognitiva comportamental, que também trabalha com autismo, mas é mais crianças que tem autismo leve, entre 6 a 14 anos, muitas das crianças com autismo, elas demonstram uma depressão e uma ansiedade por trás, né, principalmente, as que tem o autismo leve; eles falam também que a integração sensorial é fundamental no tratamento, porque as crianças com autismo, sim, possuem uma dificuldade sensorial e essa dificuldade sensorial às vezes não chega aos nossos neurônios, então, eu, o sinal que eu posso ter na pontinha dos meus dedos não consegue chegar até o meu neurônio, então, eu tenho que estimular, estimular, para que essa informação, ela consiga chegar até o meu cérebro, meu cerebelo e eu consiga fazer realmente, de fato, o que eu preciso. Outro fator importante é o medicamento, mas lógico, que quem passa, quem prescreve é o médico. E os medicamentos, eles vão trabalhar mais com sintomas secundários, né, que é a agressividade, a irritabilidade e as comorbidades. O autismo em si, não, você vai trabalhar mais com as comorbidades e com os sintomas secundários. E os suplementos, que ajudam na produção de melatonina. Importante ressaltar que, muitas das vezes, a família fala assim: “Ah, ele começou a terapia, eu vou tirar o medicamento”. Não! É um conjunto. Então, a gente tem que pensar assim: “A terapia e o desenvolvimento do meu filho é um conjunto: é família, escola e terapeutas, família, escola e sociedade”, né, porque muitas das vezes a gente não consegue fazer o nosso trabalho sozinho, a gente depende de outras pessoas. Por conta de financeiro, né, até mesmo, e direitos. Então, eu preciso do medicamento muitas vezes para eu controlar aquela criança e ela conseguir se controlar

durante as terapias, e desenvolver algumas habilidades. Posso “Ah, eu vou dar medicamento e vou sair das terapias”. Não. Eu vou dar medicamento e vou continuar as terapias, é um conjunto. E os fonoaudiólogos, né, que são extremamente importantes, principalmente, que a gente sabe que o autismo tem problemas, dificuldades, né, de comunicação social, motricidade oral e eles conseguem, com os manejos deles, desenvolver algumas habilidades da fala. Além da integração sensorial, os terapeutas ocupacionais, eles entendem de adaptações com questões sensoriais, então, eu preciso de adaptação na minha casa, eu preciso de adaptação na escola, de mobílias, o terapeuta ocupacional é extremamente competente para isso. E os psicopedagogos, né? Os psicopedagogos, eles vão, eles são conhecedores de estratégias de aprendizagens para o desenvolvimento de habilidades, adaptação curricular e material, e conseguimos fazer uma avaliação e desenvolver o PEI (que é um Plano Educacional Individual) de cada criança. Aqui está algumas das atividades que nós, que eu desenvolvo lá no instituto. Então, no primeiro é uma criança, que ela não possui imitação, então, nós estamos trabalhando com a imitação. Você conhece esse ser, né? [Risos] É o Luquinhas, ele não possui, né, na verdade, está começando, graças a Deus, insistência da família e nossa, ele está começando a desenvolver as imitações sociais. Por que primeiro a imitação social? Porque ele precisa perceber o próximo, então, a primeira habilidade para eu perceber o próximo é eu imitando, eu tendo que entrar nos ambientes, tendo que cumprimentar as pessoas, eu adaptei esse cumprimento para que ele conseguisse, no início, fazer então, ele não entra, ele não precisa dar tchau assim, simplesmente bater na mãozinha, ele já vai estar percebendo o outro e ele vai estar imitando o movimento do outro. O Lucas não fazia, hoje ele chega nas terapias, ele já vai assim com a mãozinha; e mandar beijo, né, que é um afeto social, e a gente manda beijo para quem? Para as pessoas que a gente gosta, né? Então, a gente está trabalhando imitação social com o Lucas. Na segunda foto, é uma criança que tem muita dificuldade de atenção, então, se eu coloco ela em um ambiente claro, ela vai conseguir ver todos os estímulos que estão ao redor dela, então, eu consegui focar, apagar a luz, deixar o ambiente claro, e focar somente naquela atividade. “Ah, ela vai ficar sempre assim?” Não. Ela, aos poucos, a gente vai aumentando os estímulos, mas ela precisa perceber que tem algo ali, né? E o terceiro, nós estávamos trabalhando coordenação motora fina, então, a gente começa com o pontilhado, com a letra do nome, tudo, não sei se deu para perceber, mas todas as habilidades, todas as atividades, ela tem que fazer sentido para a criança, se ela não fizer sentido, não é apreendido; a mesma coisa nós, se nós não tivermos emoção, se nós não buscarmos a necessidade daquele conhecimento, a gente não aprende, a gente pode decorar para uma prova, mas a gente não aprende, não é um conhecimento adquirido, a mesma coisa acontece com as crianças. Eu tenho que dar significado, eu tenho que mostrar para ela, a necessidade daquilo, para que ela aprenda, para que ela crie emoção, para que ela desenvolva. Trabalhamos também com currículo funcional natural, que a gente tem que trabalhar habilidades, temas, por exemplo, aqui gente trabalhou com o tema Natal(\*), mas as crianças têm muita dificuldade do quê? Alimentação, tem muitos que tem a seletividade. Então, a gente trabalhou, a árvore de Natal dentro da seletividade alimentar, para tentar ampliar esse repertório de alimento que ela come. No dia da Páscoa, nós fizemos culinária, mas uma culinária, por que uma culinária? Ela é um currículo funcional, porque eu estou trabalhando quantidade, eu estou trabalhando textura, eu estou trabalhando... eu entregar aquele bolo para o outro, então, nós fizemos o bolo e essas crianças tiveram que entregar para as outras pessoas, então, elas foram entregar, elas perceberam o outro. É a necessidade, elas devem perceber a necessidade, a importância do outro em minha vida, para ficar mais claro para eles, que existem outras pessoas no ambiente e, com isso, a gente vai trabalhando as habilidades sociais, que são as mais importantes, digamos, na vida do ser. A gente trabalha bastante também com o Teacch (que é um programa de intervenção educacional e clínico que desenvolve um currículo individual), então,

eu começo, eu monto atividades estruturadas, concretas, porque não adianta muitas das vezes eu dar um papel para uma criança que não enxerga nem uma pessoa na frente, então, como que eu vou dar uma atividade em papel? Eu tenho que montar atividades, atividades que eu trabalho a atenção, concentração, compartilhar, para que ela perceba o pegar, né, que ela perceba os movimentos, que ela perceba a sequência, por exemplo, ali na musiquinha estruturada que nós fizemos com o Lucas foi muito interessante, que agora que ele começou a imitar, olhar para a gente, ele conseguiu acompanhar a musiquinha só com o auxílio da lanterna, da sequência, ele conseguiu acompanhar, ele colocou o dedinho, nós cantando e ele vendo as imagens, então, isso desenvolveu, começou a partir da imitação que ele começou a ver a necessidade do olhar, agora, ele consegue fazer pequenas coisinhas, atividades de latência, tempo pequeno ainda, mas ele está começando a desenvolver. Eu falei de todos esses programas, por quê? Quando eu sou pai, quando eu sou mãe, eu não vou ter conhecimento dessas técnicas, né? Então, a necessidade para eu procurar um profissional, há necessidade do meu filho estar em terapia, então, o que é que ele faz em terapia? Muitos perguntam: “Ah, mas o que é que ele faz em terapia? Ele só faz isso?”. Não, não é só isso, existe uma programação, existe um planejamento e cada criança é vista de uma maneira; cada criança, ela exige do profissional um conhecimento, que muitas das vezes, gente, pai e mãe não tem, e não é obrigado a ter, porque não estudou, né? Eles precisam do quê? Eles precisam de orientação, então, eles precisam da ajuda do profissional para adaptar aquele material, adaptar muitas vezes a rotina da casa, ajudar a fazer uma rotina estruturada em casa, para que essa criança tenha menos ansiedade. O profissional é de extrema importância, então, para ajudar a família. Quando se torna um especialista de seu filho, desfrute das peculiaridades especiais da criança, celebre os pequenos sucessos e pare de compará-lo com as outras pessoas. Sentir-se amado e aceito incondicionalmente ajudará a criança mais do que qualquer coisa. Descubra que o que desencadeia os comportamentos desafiadores e perturbadores da criança é o que provoca uma resposta positiva. Então, é como eu falei, se a criança se joga no chão porque quer um pirulito e eu vou lá, eu dou o pirulito, eu estou reforçando positivamente aquela criança, então, essa é uma habilidade aprendida inadequada; mas se eu consigo diferenciar, por exemplo, a birra e a crise, eu não vou estar reforçando, talvez eu vou precisar de ajuda, sim, profissional, é muito importante! Se você entende o que é afeto, você será um melhor para solucionar os problemas e redefinir e modificar situações que causam dificuldade. E o quanto mais cedo começar os tratamentos, mais a chance da inclusão, então, quanto mais cedo eu começar, mais as chances daquela criança, quando virar um adolescente, ela ser incluída em sociedade. É isso. Alguma dúvida? Alguma pergunta? *[Aplausos]* **“Sra. Tamiris Delfito”**: Então, tá. Obrigada! **“Sr. Presidente Willian Souza”**: Muito obrigado, Tamiris, obrigado pelas explicações proveitosas e importantes; depois se alguém mais quiser direcionar a palavra, na Audiência Pública, fiquem à vontade, tá? Então, nós vamos agora passar a palavra para a Dra. Solange Fazon. Se quiser falar daqui, daí, onde preferir, tá? Acho que daqui, né? Seja muito bem vinda! **“Sra. Solange Fazon”**: Boa noite a todos! Eu quero agradecer a gentileza do convite, especialmente ao Cristian; ao Vereador Rudinei, obrigada pelo convite; Adriana que intercedeu aí, é um prazer e um privilégio estar aqui conversando com vocês hoje. E achei muito válida ouvir essas palavras, porque muito do que foi falado aqui faz parte da minha realidade. Hoje eu venho aqui como advogada, mas certamente o que me qualifica para vir aqui falar um pouco a mais dos direitos da pessoa com deficiência, especialmente, do autismo hoje, é a presença de dois autistas dentro da minha casa, então, a experiência dentro de casa é o que me capacita para entender e fazer sentido para mim, e isso que ela falou faz muito sentido para mim, porque é a vivência diária, é aquilo que você presencia. Quando você olha para dentro da sua casa, você sabe, quando você olha para o seu carro, você sabe os defeitos que ele apresenta, porque você conhece, porque todos os dias você dirige, você anda, você já sabe como que você deve conduzir, se

dá para passar naquela valeta um pouco a mais, se ele é mais alto, ou se ele é mais baixo, não é verdade? Quando você vai cozinhar dentro da sua casa, você abre o seu armário, você olha, você sabe o que você tem lá dentro, e a partir disso você consegue estabelecer o seu cardápio, a partir disso você consegue entender o que é possível ser feito, né, é a partir dessa experiência. Então, a partir dessa premissa, o que é que eu penso (e é o meu pensar mesmo para a vida)? Que hoje, os direitos das pessoas com autismo, eles não são respeitados da forma que é devida por falta de conhecimento, muitas pessoas ainda tem um entendimento que é por não querer atender essa necessidade, que é por ignorar simplesmente os direitos da pessoa com deficiência, da pessoa com autismo, e eu discordo plenamente disso, porque acho que aquela pessoa, que ela não tem o conhecimento da necessidade do outro, fica muito difícil de ela atender, porque ela não sabe, de verdade, o que a gente precisa. Então, é por isso que nós estamos aqui hoje, para falar sobre as nossas necessidades, não só sobre os nossos direitos, os direitos são importantes, mas se eu não falar sobre as necessidades, para que o outro entenda a importância delas, os direitos não vão fazer sentido, vão ser pedaços de lei morta no papel, e não vão transformar isso na realidade que a gente busca. Então, hoje eu não trouxe nenhuma apresentação, eu não vim aqui fazer coreografia, falar sobre Leis, a gente já fala bastante sobre isso! Tem pontos importantes a serem falados sempre, principalmente, dentro de uma Casa de Leis, né, a gente precisa falar da importância, mas, gente, eu estou aqui falando para vocês sobre direito da pessoa com deficiência, sobre direito da pessoa com autismo, mas nós temos desde 2009, ali, quando o Brasil ratificou o um tratado internacional de Nova Iorque, uma Legislação muito rica em matéria de direito da pessoa com deficiência, a gente consegue desde lá, nós estamos em 2022; não desmerecendo as Leis que vêm suplementando os direitos aí, naquilo que tem mostrado a necessidade na prática (porque ainda não estão sendo atendidas), mas eu falo com propriedade que, desde 2009, a gente tem uma Legislação de nível internacional muito eficiente, ratificada a nível constitucional, no mesmo nível da nossa Constituição aqui do país, na mesma escala, então, por que é que isso não acontece ainda? Por que é que a gente está discutindo? O que é que está faltando? Informação, está faltando a gente trazer a necessidade prática, não só a Lei, a Lei está lá, tem várias outras e muitas outras ainda virão, porque ainda é necessário, mas hoje a gente tem que falar um pouco mais sobre a necessidade prática, para que leve ao conhecimento de quem pode nos ajudar, até com a elaboração de novas Leis, que sejam mais efetivas, que realmente alcancem a necessidade, e não se tornem mais um pedaço de papel, mais um código para a gente ler na faculdade - não é Dr. Jelres, não é isso? -, mais uma, não. Nós não precisamos de mais umas, nós precisamos das Leis específicas mas, principalmente da efetividade delas. Então, o que é que eu quero colocar para vocês hoje? Às vezes as pessoas falam que as pessoas com deficiência, elas têm mais direitos, então, tem Leis que asseguram mais direitos. Isso não é verdade. Nós temos uma Legislação hoje muito rica no Brasil, que é justamente para efetivar o direito que todo o cidadão brasileiro tem, garantido constitucionalmente: direito à saúde, direito à educação, direito a transporte, direito ao trabalho, são direitos básicos garantidos para todo o cidadão brasileiro, e estrangeiro residente no nosso país. No entanto, quando a gente fala de uma pessoa com autismo, a necessidade dela é diferente, não tem como eu falar num direito a educação, para uma pessoa com ou sem autismo da mesma forma, as necessidades são diversas! A *[Ininteligível]* falou disso muito bem, deixou isso muito claro, a necessidade de uma criança sem o autismo, sem outra deficiência, outra comorbidade, claro que vai ser diferente! Então, daí a necessidade, daí a necessidade de a gente falar de Leis de inclusão, né (como se fala muito), daí a necessidade de a gente falar que uma criança com autismo, muitas das vezes ela vai precisar - eu gosto sempre de falar muitas das vezes, gente, porque eu tenho dentro da minha casa dois autistas leves, a maioria de vocês presentes aqui eu conheço, e a maioria acho que conhece os meus também, porque aonde eu vou arrasto, eles estão juntos, eu adoro, adoro

ver o meu filho de 12 anos vindo revoltado da escola, falando: “Mãe, você ia ficar com orgulho, olha, eu bati no peito hoje para falar, porque o menino falou assim para mim: ‘Você faz não sei o que, porque só autista, você é um autista!’”. São desafios diários que a gente encontra, a gente, enquanto mãe, despedaça, aí você reúne todos os seus cacos quando você olha o seu filho falar: “Eu bati no peito, eu falei: ‘Eu sou e eu tenho muito orgulho e você tem que me respeitar’”. Quando ele está brigando pelo espaço dele, quando ele entende já porque ele iniciou as terapias precocemente, graças a Deus, porque quando eu comecei, falam assim: “Você procura defeito no seu filho, seu filho, olha, o seu filho é lindo!”, quantas vezes eu ouvi isso. Falei: “O meu filho é lindo!”, mas ele não olhava para mim, eu olhava desesperadamente e ele não olhava! Ele não enxergava! Claro que toda mãe espera um filho perfeito, a gente sonha! Nove meses dentro da barriga, cada um desses dias, você imaginando o que ele vai ser lá quando formado, quando ele falar, quando isso... a gente sonha com tudo isso. Só que se a realidade vem diferente disso, a aceitação (como a Tamiris bem falou), ela é necessária, e às vezes ela não vem dentro da própria família, às vezes a gente tem um tempo de aceitação para entender tudo isso. Se isso acontece dentro da nossa casa, com o nosso filho (que é o nosso sangue), para mim não é diferente, não é estranho eu olhar na sociedade e ver que a sociedade ainda não entende. Eu levei um tempo, o pai dos meus filhos levou um tempo diferente do meu para entender, porque ele dizia que eu estava procurando defeito no meu filho. Então, a gente tem que ter essa compreensão da sociedade. Só que, da mesma forma que eu fiz com ele, peguei, falei assim: “Então vamos lá numa palestra. Vem cá, vamos lá, vamos ver isso aqui”, que ele ouviu de uma terceira pessoa falando, um autista falando sobre as dificuldades, o dia a dia, que ele saiu de lá e olhou para mim e falou assim: “É, o nosso filho é autista”. Eu falei: “Ai, então, tá bom”. Porque ele falava para mim: “Você falou o diagnóstico para o médico, você que diagnosticou essa criança, não foi o médico!”, mas não é, eu percebia, eu lia, eu procurava, para ele era um desafio maior, dentro do contexto. Então, a sociedade não é diferente, é desafiador perceber o diferente e não compreender, porque não está dentro da casa dele. Então, para isso que nós estamos aqui hoje: para sermos compreendidos, para trazer, ao ouvido de quem pode nos ajudar, as nossas necessidades, os nossos desafios para explicar porque que é que essa criança que tem o direito legal de ter um cuidador dentro da sala de aula, e pode precisar ou não (é um ponto que eu sempre reforço, principalmente enquanto profissional e enquanto advogada), porque eu tenho dois filhos autistas, e cada um com necessidades diferentes. Então, eu tenho um que alfabetizou muito bem, muito rápido; e tenho o outro que a gente está numa luta ferrenha, aos 7 anos de idade, para alfabetizar, porque ele ainda faz muitas trocas, ele tem muita dificuldade na concentração, e na hora da avaliação, faz a avaliação, tem uma inteligência acima da média, para a idade, mas não tem outros fatores que contribuem, como essa percepção, parar, o olhar, a atenção, tem uma série de outros fatores que ainda não permitiram o desenvolvimento dentro do que é esperado para a idade. Então, eu não posso falar que: “Olha, toda criança com autismo tem direito a um cuidador, toda tem que ter um professor auxiliar dentro do ambiente da sala de aula”, tem que ser avaliado à necessidade de cada um; mas se houver a necessidade, não tem como pensar-se em colocar uma criança com autismo, com atraso de desenvolvimento pedagógico, dentro de uma sala aula normal, vamos colocar uma sala de aula regular que é a regra, o nosso Código Civil trouxe essa inovação, e muito bem, porque a Tamiris bem falou: a gente aprende como, gente? Copiando. Como que você aprende a falar? É observando seu pai, os seus irmãos, as pessoas com que você convive; você aprende a andar vendo o movimento do outro, percebendo o movimento do outro. A partir do momento que eu penso numa escola especial como regra, qual vai ser a referência de aprendizagem dessa criança, né? Se eu coloco ali, ela não tem um estímulo para mais, vamos colocar assim, grosseiramente falando. A partir do momento que eu coloco uma criança com deficiência, “Ah, mas tem que ficar”, não, não tem que

ficar numa escola especial, ela tem que ter uma referência de aprendizagem que puxe ela para cima, que mostre para ela como que é, ainda que hoje ela não consiga, é um exercício diário, todos os dias ela vai ver as crianças brincando, todos os dias ela vai ver as crianças se comunicando, e um dia a mais, um dia a menos, ela vai conseguir também, desde que haja, né, o estímulo adequado. Então, vai ter que se entender, mas a partir do momento que se comprove a necessidade de um professor auxiliar, porque essa criança, ela vai estar inserida, inserta dentro de uma sala de aula com 25, 30, às vezes quase 40 alunos (que é o que nós temos de realidade hoje, 25 eu estou falando de escola particular ali, com turmas, vamos colocar, reduzidas, né, hoje em dia a gente vai trabalhar para cima de 30 alunos dentro de uma sala de aula), uma criança que está com atraso no desenvolvimento pedagógico ali, que ela não está no mesmo nível da turminha, enquanto a turminha... eu vejo pelo meu filho, enquanto a turminha já está alfabetizada, está na letra cursiva, a gente ainda está batalhando ali na letra bastão, com muita dificuldade, mas com muita alegria de cada conquista. Aí falar assim, que a criança com um pouco mais de atraso ela vai ser inserta dentro desse ambiente e ela vai ter plena condição, enquanto as crianças estão falando de abacaxi, ela está na uva, ela está no “A” ainda, ela não chegou lá. Então, há essa necessidade. E quando a gente não olha para essa necessidade precocemente, seja nas intervenções terapêuticas, seja nas inclusões de ambiente escolar, a gente vai ter um custeio disso muito mais caro no futuro, porque essa criança que não é ofertado para ela condições de pleno desenvolvimento, que a gente não oferece uma terapia na idade adequada, vai ser a criança que vai ser sustentada pelos planos assistenciais do Governo, pelo resto da vida dela, porque ela não vai ter tido o estímulo necessário para que ela tenha condições de trabalhar, e ela se autogerir, ela gerir o próprio sustento. Então, se a gente não adquirir hoje essa consciência dessa necessidade de intervenção urgente, e que isso é investimento, isso não é gasto, é investimento; política pública é o melhor investimento que pode ser feito em favor da pessoa com deficiência. Porque hoje se eu invisto na qualificação de uma pessoa, se eu invisto no desenvolvimento dela, eu não vou ter esse custo (que aí vai ser custo mesmo), eu não vou ter que custear essa pessoa pelo resto da existência dela, porque, caso contrário, é isso que vai acontecer, e é isso que a gente tem visto, infelizmente. Quando a gente tem uma criança que não é estimulada, que não é dada condição para ela de pleno desenvolvimento, dentro das suas capacidades e das suas potencialidades, sempre respeitando, é uma criança não que vai ter a segurança da família, e isso a gente vê muito (eu vejo muito no escritório, tenho certeza que quem representa as instituições aqui vê isso muito de perto, a gente faz bastante reunião falando acerca disso), das famílias que têm dificuldade e acaba não abrindo mão do Benefício de Prestação Continuada porque não tem a mínima segurança de como que vai ser no futuro. Hoje pode ter uma oportunidade de emprego, mas eu tiro esse benefício, e se eu morrer, como é que fica? É uma insegurança muito grande. Mas por que tudo isso? Porque isso não foi trabalhado desde a tenra infância, né, não foi oportunizado por nós, pela sociedade, que essa criança, ela se desenvolva dentro das suas potenciais realidades, que ela seja inserta dentro do ambiente com respeito. Porque quando trabalha a inclusão, eu tenho muitas Leis falando sobre a inclusão, sobre a necessidade do respeito ao próximo, mas eu não gosto de tratar dessa forma, quando fala isso como uma obrigação, a gente não vê o ponto mais importante. Quando eu trabalho a inclusão, eu trabalho o respeito na sociedade, o indivíduo que ele aprende a respeitar desde a sala de aula, uma criança com deficiência, a diferença do outro, é um indivíduo que assim, as chances futuras (isso a gente tem estudos profundos a respeito, tá?), as chances futuras desse indivíduo, ele ser um violador da Legislação, ele ser uma pessoa descumpridora daquilo que prevê a Lei, né, que determina, é muito menor. Quando eu trabalho dentro de um ambiente de trabalho, uma inclusão (de forma efetiva, não só pegar uma pessoa com deficiência e colocar dentro numa Lei de cotas ali, inserta dentro de um cantinho dentro da empresa, para dizer que eu estou cumprindo o que

dispõe a Lei), mas quando eu trabalho essa inclusão na prática, quando eu efetivo essa inclusão dentro do ambiente de trabalho, a produção, a produtividade dessa empresa aumenta. Isso a gente tem comprovação em estudos, em números, então, isso não é gasto, é investimento. Toda vez que a gente trabalha a inclusão de forma efetiva, a gente não está falando e não pode pensar que isso seja um gasto, um dispêndio para a sociedade, é um investimento. Porque um profissional, dentro de um ambiente de trabalho, que ele aprende a respeitar a diferença, que ele aprende a respeitar a necessidade do outro, ele aprende a respeitar a empresa que ele está trabalhando também, então, ele não vai apresentar um atestado falso, ele não vai ficar prevaricando na hora do trabalho, vai ser um profissional que vai desenvolver habilidades necessárias para a gente ter melhores resultados na vida. E é esse conceito que a gente tem que ampliar na vida: parar de olhar para a pessoa com deficiência, para a necessidade como uma despesa, como um custo! Tem direito à saúde? Tem. A educação, eu sempre falo que a educação, a gente tem que construir junto, educação é escola, é família, é sociedade, é uma relação continuada; saúde, já é uma situação diferente. Gente, saúde não pode esperar, que alguém aqui, quando está doente espera? Você vê um familiar seu, um filho seu doente, você fala assim: “Não, vamos esperar, vamos construir um futuro melhor, num futuro lá na frente, a gente vai ter uma saúde...”. Esquece isso, gente! Isso é teoria, isso não existe! Saúde é para hoje! A intervenção terapêutica é uma necessidade urgente, não dá para se esperar. E esse conceito de que a gente tem que colocar isso hoje como um investimento para não ter um custo lá no futuro, é o que faz toda a diferença. É só fazer conta! O quanto que custa eu investir hoje, o quanto que custa a gente modelar dentro do Município, como tem referência em vários outros municípios, ambientes multidisciplinares que fazem um atendimento terapêutico da pessoa com deficiência, nas multifacetadas necessidades, então, eu consigo integrar. Porque assim, hoje, graças a Deus, eu consigo fazer isso de forma particular, né, eu consigo com o meu trabalho, custear a terapia dos meus filhos. Então, não é incomum para mim ouvir falar assim: “Não, olha...”, o meu filho, os dois, um já tem menos terapias, o outro ainda um pouco mais, diante da necessidade apresentada, mas é muito comum eu entrar, quando eu vou para a reunião, eu ouvir a terapeuta falar assim: “Nossa...”, a gente já avisa, quando ele sai de lá agitado, porque teve uma contrariedade, porque teve um estímulo mais forte em alguma coisa, ele já sai estressado, ele já sai mais resistente, então, elas já se comunicam, então a intervenção já vem de uma forma diferente. Uma equipe multidisciplinar no atendimento de uma pessoa com autismo faz toda diferença! O ambiente está todo trabalhado o tempo todo, está integrado com a família, então, por que não se pensar nisso na prática? Isso já está na Legislação, já é um direito, é garantido, mas ainda não se efetiva, por quê? Por que não compreender que isso vai gerar menos custo do que ficar cumprindo, né, um monte de liminares aí, uma em cima da outra? Porque toda vez que eu entro, eu não tenho nenhuma, graças a Deus ali, que não foi atendida, não foi deferida, porque é um direito, está na Lei: tem direito à saúde! Que saúde? Plena. Se você precisa de fono, vai ter fono; se você precisa de TO, vai ter TO; precisa de integração sensorial, vai ter integração sensorial! É um direito! Hoje, agora, a briga é por conta do rol da ANS. Nós temos já julgado aí, vai ser objeto de recurso? Vai. Mas, gente, se tirar... e o rol da ANS for ali, aquilo que tem que ser seguido, qual é o nosso próximo caminho? É desesperar e gritar? Não, a gente vai incluir tudo que for necessário dentro desse rol. Porque a saúde é garantida aqui, no mundo, nos tratados ratificados pelo Brasil, não tem que se falar que isso não vai acontecer. Vai dar mais trabalho? Vai, mas nós estamos aqui para isso. A gente não vai abrir mão da saúde dos nossos filhos, dos nossos familiares, daqueles próximos, daqueles que nós atendemos, só que não deveria ser esse o caminho, né? A gente também tem que entender que também tem abusos dos dois lados, infelizmente, a gente tem, e eu sou obrigada a falar isso (muita gente não concorda), mas a gente tem que ter consciência também que a partir do momento que um plano de assistência médica passa a prestar esse serviço,

em que pese ele esteja prestando um serviço que originalmente seria público, e equivale aí em direitos e obrigações ao ente público, mas é uma empresa, uma empresa visa lucro. Então, também não faz sentido que uma empresa venda um plano de saúde por 250 reais mensais e custeie mensalmente um tratamento de 10 mil, uma hora essa conta não vai fechar, a gente também tem que ter essa consciência e entender o que é que está acontecendo do outro lado. Porque também eu sou radicalmente contra (aqui é a minha opinião pessoal mesmo) que o autista vire objeto de comércio. Porque meu filho não é objeto de comércio, nunca vai ser. A partir do momento que eu percebo que está tendo um abuso, seja de qualquer forma, eu vou me manifestar porque eu trabalho com isso todos os dias, infelizmente, eu ainda vejo muito isso acontecer. E nós, enquanto pais, sociedade, né, fiscalizadores, de qualquer que seja o órgão, a gente tem que estar atento a isso também, porque se a gente não estiver atento isso vai ter consequência, e vai sobrar para todos nós, porque são os nossos filhos que vão ter que lutar dobrado, nós também, pela garantia dos direitos. Então, quando a gente fala, gente, de direito à saúde, é saúde plena, está na Constituição. Então, qualquer que seja o tratamento que seja necessário, ele é devido e vai ter que ser prestado. Então, não é melhor que a gente já comece a trabalhar isso num conceito de investimento e não um conceito de custo, de atendimento de liminares em cima de liminares? Porque tudo isso tem um custo. Por que é que a gente ainda não está trabalhando dessa forma? Sabe, eu sou muito grata por olhar essa sala, em véspera de feriado, e ver todos vocês aqui. Mas eu ainda me questiono muito, e estava conversando ali, por que é que essas cadeiras não estão todas lotadas? Porque a necessidade é muito grande lá fora! Isso ainda me indigna muito! Que goste, não goste, eu sinto a necessidade dessa fala. Então, a gente tem que estar aqui e representar, então, já que nós estamos, vamos falar, vamos falar sobre direito à educação dentro das necessidades, o que for, precisa de um cuidador, é um direito, mas avalie essa necessidade, avalie essa necessidade; porque para quem precisa de muleta, muleta é muito bom, agora, para quem não precisa, se eu der uma muleta, ao invés de ajudar, ela vai limitar a mobilidade da pessoa. Tenham sempre essa consciência: nem tudo aquilo que nos é lícito, favorece a nossa vida. Eu sempre falo que a gente tem o direito de ir e vir, mas eu acho que não é conveniente para nenhum de nós, ir até a linha do trem e parar ali, bem no meio dos trilhos. Direito nós temos, podemos ir a qualquer lugar, está lá na Constituição: tenho o direito de ir e vir, não estou praticando nenhum ilícito, mas é bom, isso contribui com a minha vida? A mesma coisa quando a gente fala de um cuidador, de uma pessoa ali, tem que entender a necessidade, tem que passar por avaliação, verificar, porque muleta é bom para quem precisa, para quem não precisa, não, não é de contribuição. Então, muitas vezes a gente tem do outro lado também, né, um desafio grande de fazer com que algumas famílias também tenham essa compreensão, em contrapartida nós temos necessidades gritantes, evidentes dentro de uma sala de aula, uma escola regular, uma criança sem a menor condição de frequentar essa escola regular. E você olha e fala: “Não tem cabimento, é amoral obrigar uma criança, uma família a lutar por um direito que é explícito”. Infelizmente, a gente ainda tem essa situação: de entrar com um processo judicial para conseguir. Eu já até tive essa experiência na prática, de entrar com um processo judicial para conseguir vaga numa escola especial, de uma criança cadeirante, não verbal, com uso de fralda, sem se alimentar sem auxílio e sem qualquer interação social, qual a contribuição tem na vida dessa criança ficar dentro desse ambiente? Aquilo é irritante! Ouvindo crianças gritando, falando alto o tempo todo, berrando, passando do lado? Então, assim, a gente tem que ter essa compreensão também. E havendo essa necessidade, enquanto não houver, né, o atendimento do direito da pessoa com autismo, ingressar com a medida judicial. Não tem outro, né? Mas eu espero, de verdade, em que pese eu seja advogada, né, a minha ideia, o meu pensar é que isso seja cada vez menor a ocorrência disso, e que isso passe a ser efetivo na vida das pessoas, na vida da sociedade, de todos aqueles que precisam, que a gente não precise mais de tantas

liminares, que a gente passe a ter políticas públicas que olhem para a saúde da pessoa com autismo, desde a tenra infância. É muito bom ter um diagnóstico precoce, mas é muito complicado quando isso, meus queridos, quando a gente não consegue a consulta, quando eu não consigo uma consulta com o especialista. Como é que eu vou diagnosticar uma criança? A Tamiris falou, é o psiquiatra, é um neuro, quanto tempo uma mãe leva para uma consulta com um neuro? Como que funciona isso, na prática? Então, a partir do momento que a gente pensa num conceito integrado de política pública de atendimento de uma pessoa, a gente vai desde o diagnóstico; a gente não tem que demorar três anos, quatro anos, cinco anos... Eu tenho colegas agora, com 30 anos, foi diagnosticado com 30 anos. E fala para mim, agora eu entendo o que acontecia com o meu, o porquê. Eu estou há anos sofrendo com depressão, tratando depressão porque não sabe nem porque é que é desse jeito. A gente não precisa mais disso, a gente consegue pensar, hoje, numa política pública municipal, como o exemplo de muitos municípios que a gente já tem hoje, que trabalhe desde o diagnóstico até o acompanhamento, o tratamento; a gente pensar numa política pública que insere as pessoas com autismo dentro do ambiente de trabalho, porque o autista cresce também, autista não é sempre criança. É muito fácil, a gente fala sempre das crianças, né, “Ah, porque a criança...”, “Ai, porque o meu filho...”, mas meu filho cresce, meu filho hoje tem 12 anos, daqui a pouco ele tem 18, como é que vai ser isso, né? Então, eu tenho que trabalhar também essa inserção na sociedade, no mercado de trabalho, para que ele não seja, se tiver a necessidade de ser dependente de algum benefício assistencial ou qualquer coisa assim, é uma outra situação, mas a real necessidade, não por falta de oportunidade, porque isso não é necessidade, né? Quando você não permite o desenvolvimento da criança aí não é necessidade, isso não é justo com nenhum de nós, porque nós pagamos esses impostos também, para que esses benefícios sejam concedidos, então, nós estamos pagando essa conta também, todos nós, né? Então, a gente pensar num ambiente que a gente consiga trabalhar, a gente consiga fazer uma cobrança efetiva, porque a Legislação, ela está aí, tem o direito à saúde, então eu tenho direito a um diagnóstico precoce, uma avaliação fonoaudiológica adequada para a criança com atraso de fala. Os meus dois tiveram, a maioria tem, não são todos, nem todos são iguais. Mas para você conseguir um encaminhamento, para você conseguir um atendimento fonoaudiológico, na prática, gente, isso é muito difícil! Conseguir duas vezes por semana é quase um milagre. Nem os planos de saúde querem fornecer, a gente tem que ficar brigando. E a necessidade é evidente que é mais de uma vez por semana, um atendimento de 30 minutos. Você pega uma criança, quem trabalha com pessoa com autismo aqui sabe, você pega uma pessoa com autismo, entra dentro de um consultório, 30 minutos, 10 você gasta só para trazer ele para você, para você começar, só para ele centrar ali naquilo que vai ser feito, aí 10 você faz de terapia, não é isso? 10 você faz de terapia, 10 é para encerrar, para dizer para ele que já está acabando. Não faz o menor sentido isso, gente, e não precisa ser dessa forma. A gente consegue fazer melhor, mais barato, se a gente pensar nisso como um investimento, a gente pensar num centro que tenha condições de trabalhar, desde o diagnóstico até o atendimento terapêutico, que a gente consiga levar essas terapias para dentro do ambiente escolar. Eu vou precisar de menos cuidadores se as equipes que fazem o atendimento forem melhores treinadas, tiverem... Não são desqualificados, não é isso que eu quero dizer, mas não tem ainda o conhecimento técnico para uma abordagem mais adequada, que seja mais efetiva. Então, por que é que a gente não está fazendo isso ainda? Como forma de investimento e não de custeio, né? Se a gente não quer continuar aí, sustentando, custeando os benefícios assistenciais, por que é que a gente ainda não está numa prática, né, num projeto de política pública, que trabalhe, de fato, a inserção da pessoa com deficiência, da pessoa com autismo dentro do mercado de trabalho, dentro das suas potencialidades. Hoje a gente vê exemplos como o Google, dentre muitos outros, que estão investindo na pessoa com autismo devido... Porque tem déficits, sim, mas tem habilidades. Eu,

colocada do lado do meu filho desenhando, gente, vergonha é pouco perto do que eu passo. E é nato, a facilidade que ele tem, o dom que ele tem para música, de ouvido, a capacidade é muito, muito, muito acima da média. Outro dia o psiquiatra dele falou para mim, Vereador: “O mãe, você tem que colocar esse menino para fazer aula disso, aula daquilo. Mas ele está fazendo?”, eu falei: “Não, doutor, ele não está, porque a mãe dele tem que trabalhar”, alguém tem que trabalhar, como é que faz isso o tempo todo? Como é que você põe na aula de desenho, na aula de violão, na aula de teclado... outro dia ele estava tocando a sanfona, pegou a sanfona e tenta, 5 minutos, 10 minutos com o meu pai, o menino está tocando acordeom. Você para: “Você está brincando né?”. Eu não entendo a escala musical nunca. Então assim, tem déficit? Sim, mas tem muitas potencialidades. Então, descobrir a potencialidade de cada um, fazer uma inserção adequada dentro do mercado de trabalho, gente, isso é um investimento, a gente tem que começar a observar isso dessa forma, parar de olhar para o coitadinho. Não é coitadinho. As nossas crianças, elas estão aqui para nos ensinar sobre diferenças, sobre potencialidades e sobre direitos também! E é assim que elas devem ser vistas. Tem algumas que têm uma limitação maior e não vão alcançar esse resultado? Sim, mas tem um porquê para tudo isso também, tem alguma coisa, a gente aprender e evoluir enquanto sociedade a partir disso também. Não é à toa que essas pessoas, esses seres estão aqui, dentro da nossa sociedade. Pelo menos eu penso dessa forma, eu acho que vai um pouco além do direito, talvez não era essa a fala que vocês esperavam ouvir de mim, mas é a fala que vem a mim hoje, sabe? Quando eu venho falar de direitos, é sair da casinha, sair da caixinha, sair de todos esses conceitos fechados e a gente trabalhar em questões práticas, realmente discutir. O Conselho da Pessoa com Deficiência está aí, essa é uma Casa de Leis, gente, consulte! Eu estive à frente, vários dos meus pares aqui, nós ficamos ansiosos, eu tomo a liberdade - até, Rogério, me dê licença aqui, que você está representando o Conselho hoje, mas você sabe que a minha fala é verdadeira -, de quantas vezes nós ansiamos por receber consultas daqui da Casa de Leis, porque nós estamos ali representando a sociedade civil (pelo menos eu estava representando a sociedade civil), mas são pessoas que estão em contato direto com a deficiência, seja porque trabalham em instituições, porque tem filhos com deficiência e conhecem a necessidade na prática, e também conhecem soluções, porque a gente pesquisa, a gente estuda, a gente busca, a gente vai atrás. Porque é faculdade? Não, é uma necessidade diária, a gente tem que descobrir um jeito de fazer aquilo funcionar. Então, tem muitas sugestões, de verdade, para trazer, para mostrar o que é efetivo, o que funciona, o que não dá certo, e para mostrar quais adaptações também às vezes são possíveis, porque a gente já teve que fazer muitas dentro da nossa casa, trabalhando o nosso orçamento, porque o nosso orçamento nem sempre, na maioria das vezes, ele não contempla todas as nossas necessidades, então, a partir disso, a gente vai aprendendo a fazer ajustes também: o que é prioritário, o que pode ser olhado no segundo plano, né, a necessidade maior das mães, dos familiares que estão sendo levados. Então, fica aqui a minha sugestão nesse sentido também: usem, abusem, porque tem muita informação relevante. Não estou dizendo que não tenham sido feitas, né, foram elaboradas muitas Leis aqui que passaram pelo Conselho, pelo menos um período que eu estava, de muita contribuição mesmo. Essa reunião aqui, hoje, mostra o interesse da Casa, né, a contribuição com a causa, que é muito relevante, mas ainda sinto a necessidade, de verdade, de uma participação maior, de uma inclusão, de uma união maior em torno de um propósito, que eu creio que seja de todos nós, né? Eu não acredito verdadeiramente que qualquer uma dessas pessoas, aqui, hoje, têm intenção de negligenciar, dificultar a inclusão, muito pelo contrário, só que ainda falta comunicação, falta nós termos mais oportunidade de falarmos sobre as nossas necessidades, de mostrar como é possível, que dá para dar um outro jeito, que tem uma solução, que tem um caminho, que nós já olhamos em algum outro município, ou algum outro lugar, alguma coisa que está dando certo para ver se é possível. Se não é possível hoje, para que a gente faça um

planejamento adequado. Não é assim que a gente faz dentro da nossa casa? Eu quero comprar um carro. “Ah, hoje eu não posso comprar esse carro, mas o carro do meu sonho é esse! Então, o que é necessário? Quanto que eu preciso? Para onde que eu estou caminhando”, né? Que a gente consiga ter esse planejamento também, de fazer aquilo que é possível hoje, mas entender o que é necessário para que a gente tenha um direcionamento, para onde que a gente está caminhando, qual é a realidade que nós necessitamos, porque às vezes eu tenho a impressão de que nem isso é do conhecimento, porque a gente não está tão próximo quanto poderíamos e deveríamos, para poder estar manifestando essas necessidades. Então, em relação à Legislação, o que eu tenho para falar hoje, eu acho que já é do conhecimento da maioria, né, é “chover no molhado” (literalmente), é o direito garantido a todo cidadão: direito à saúde, à educação, ao trabalho, ao lazer, a ir e vir de forma plena, e o que for necessário para alcançar isso, deve ser feito; se for cuidador, se for terapeuta, se for acesso, se for rampa, elevador, não importa, a todos que querem estar presentes aqui, tem o direito de estar presentes; a todos que querem trabalhar, que tenham a oportunidade; que querem estar dentro da sala de aula, que tenham condições para isso; e que nós saibamos respeitar que o lugar do autista é onde ele quiser, simples assim, e a gente consiga todos os dias buscar isso, de forma efetiva, não só com palavras, mas com atitudes. Então, hoje, eu particularmente quero parabenizar cada um que escolheu estar aqui hoje, eu estou muito grata e muito feliz por estar na companhia de vocês, tá? Muito obrigada. [Aplausos] **“Sr. Presidente “Willian Souza”:** Eu quero convidar a Edna, que é Conselheira Tutelar do Município de Sumaré, ela chegou faz um tempo, mas eu não quis atrapalhar aqui a fala feita, né, que estava sendo realizada. Puder sentar aqui na Mesa composta, Edna, representando o Conselho Tutelar da Cidade de Sumaré, seja muito bem-vinda! Quero, agora aqui, após a fala da Tamiris e também da Dra. Solange, que foram falas muito proveitosas, realmente a gente precisa aprender cada dia mais, né, para poder atuar. Eu sempre costumo dizer aqui na Câmara, que para a gente poder levantar, para usar a Tribuna, para pegar o microfone, é necessário a gente sentar e aprender bem antes. E é uma aula, né, é uma aula que vocês passaram e que muito contribui com essa Casa de Leis. E dizer, Dra. Solange, que nós estamos sempre à disposição aqui para o que der e vier. E a senhora falou, na sua fala, algo muito importante, que eu achei aqui, que além de outras ponderações, mas fui anotando aqui boa parte do que foi passado, e dizendo da participação aqui na Câmara, né, “Que ansiamos ser consultados pela Casa de Leis”, e dizer a vocês, também foi colocado nas palavras da senhora, né, dizendo o seguinte: “Que nós podemos e devemos”. Eu acho que todos vocês, mais do que podem, devem, que isso é importante, porque às vezes nós temos aqui diversos canais de comunicação da Câmara, como: *site*, a ouvidoria, todas as questões, e muito pouco é acessado pela população. E digo mais: não é porque nós não comunicamos - sabe, Adriana? -, pelo contrário, está em todos os jornais, está nos *sites*, na página, mas às vezes as pessoas não nos passam a ideia. Então, na verdade, aproveitando a tua fala, eu gostaria de convocá-los a participar mais da Câmara Municipal. Aqui é o Poder Legislativo, e é importante que a população diferencie o Poder Executivo do Legislativo; aqui nós estamos para formular as Leis e para fazer cumprir as Leis. E, nesse sentido, a gente sente falta, também, de sermos consultados ou apresentados. E aí, eu faço uma referência importante a Adriana, que está um pouco sumida daqui, mas ela sempre esteve presente, inclusive, em Sessões, e sempre nos corrigindo. E quero aqui fazer publicamente aqui essa menção, porque nós mesmos já levamos alguns puxões de orelha dela, de alguns Projetos (educadamente, claro, como ela sempre faz), mas a gente sente a necessidade. Para vocês terem ideia, na gestão passada, no mandato passado, nós tivemos 186 Audiências Públicas temáticas, algumas pessoas, o pessoal do Carinha de Anjo participou, algumas pessoas que estão aqui participaram, mas algumas nunca pisaram aqui, não é, Adriana? E eu sinto falta, porque nós somos o reflexo daquilo que vocês querem que nós somos. Então, se sinta à vontade, e aproveita o máximo essa Audiência Pública, se a

gente precisar ficar aqui até meia-noite, a gente fica, não tem problema. Mas com as palavras da doutora que, aliás, concordei em muitos pontos, quero aqui, depois, ponderar algumas falas importantes. Tenho pleno acordo, plena convicção, a Tamiris, eu não tenho o que dizer, porque eu só aprendi com a tua fala, então, eu não tenho... nos dá mais lições. Mas dizer a vocês, que vocês precisam dizer aqui para a Câmara também aquilo que nós estamos falhando, né? Uma Audiência Pública é para isso, ou apontar ali do Poder Executivo, algo do tipo, que a gente possa intermediar. Então, nós estamos aqui, hoje, nessa Audiência Pública, após essas falas superqualificadas de duas mulheres capacitadas do assunto, para ouvi-los. Então, agora, nós vamos abrir aqui os microfones de uma maneira muito democrática, espontânea, para que vocês façam as ponderações, as aplicações, para que a gente faça anotações. De antemão de passar a fala, gostaria aqui de prestar a minha homenagem e o meu respeito a todo o terceiro setor da nossa Cidade. Dizer que o nosso terceiro setor da nossa Cidade é algo que nos orgulha muito, que é encantador o nosso terceiro setor. E tenho dito que nós temos que ter uma valorização para além do normal, com o terceiro setor, não só de Sumaré, mas do Estado, do país, porque se não fosse o terceiro setor, muitos, muitos governos teriam menos ainda do que tem. Então, a gente deve essa referência importante. E puxar a orelha de vocês antes que vocês vão embora, que vocês precisam participar também das Audiências do orçamento da Cidade, porque essas ponderações apresentadas pela Solange, do orçamento (que achei superproveitosa, e tenho essa discussão sobre a questão da liminar e a questão da garantia de direito), gasta-se tanto conquistando uma liminar, porque é o dinheiro público que vai no Ministério Público, por exemplo, é dinheiro público que se vai na garantia do direito, e a gente às vezes não participa da montagem do orçamento. Então, é importante, às vezes a gente faz aqui Audiência Pública do orçamento, tem quatro, cinco pessoas, muito pouca gente! Então, a gente precisa mesmo que o terceiro setor, que precisa que vocês estejam presentes conosco. E se você me cobrar assim: “Vamos fazer aqui um cadastro da Câmara, para sempre avisar vocês de tudo”, podem dar a sugestão, a gente está aqui para avisá-los, mas participem, ponderem o orçamento, diga para nós, Vereadores, quando que a gente precisa apresentar tal Emenda, e saibam que todas as Audiências Públicas do Estado, eu pedi mais recurso para o terceiro setor. Eu acho que isso não é um dinheiro jogado fora, tem gente que crítica, mas pelo contrário, se não fosse o terceiro setor estaríamos ainda mais com dificuldades de alcançar a inclusão social, né? Nesse sentido, eu não sei, Vereador, você quer ir passando, ou abre para todos? Os Vereadores querem falar agora ou no final? No final? Hã? Quer ouvir, quer ouvir? Vocês que estão aqui na Mesa composta, preferem que eu vou chamando ou vocês, espontaneamente, vão pedindo a palavra? O que é que vocês preferem? Espontaneamente? Melhor, né, do que forçar uma palavra aí para talvez quem não queira. O Vereador quer falar agora? **“Vereador “José Adilson Pereira dos Santos”**: Só agradecer, né? E dizer, até pedir desculpa, que eu tenho um compromisso, né, um pouquinho atrasado, mas para mim é uma honra estar aqui, né, ouvindo a demanda de cada um, parabenizando o Cristian - né, Cristian? - por essa iniciativa. A gente como um Parlamentar, temos aí um Projeto de Lei, né, em questão dos estacionamento, e o Prefeito, assim atendeu, sancionou já, né, essa lei; e colocar o gabinete do Vereador Pereirinha à disposição de cada um de vocês. Peço desculpas por, né, eu tenho um compromisso e eu vou ter que estar me retirando, mas vou ficar mais um pouquinho. E tenha certeza que essa Casa de Vereadores, essa Casa que não é só dos Vereadores, mas sim, é da população, de vocês, e nós estamos aqui para o que vocês precisarem, né, com o nosso Presidente sempre atendendo a população, atendendo o pedido dos Vereadores, que assim chega a ele, né? Então, eu me coloco à disposição, e tenho certeza que os demais Vereadores assim vos farão. Obrigado, Presidente. **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Obrigado, Vereador. Registrar aqui também, passou por aqui o Vereador Tião Corrêa, mas ele tinha um outro compromisso, mas deixou um abraço, eu vou registrar a presença dele. A Adriana pediu a

palavra? Fique à vontade, viu?! Se quiser pegar o microfone e vir aqui à frente, vocês fiquem à vontade. Está tranquilo? **“Sra. Adriana Cristino”**: Boa noite a todos! Obrigada pela oportunidade da Casa, obrigada Cristian, Vereador Rudinei Lobo. É só ratificando, depois eu falo sobre a Apae, sobre a fala da Dra. Solange, o investimento. Nós temos que pensar que o investimento não é só no PCD, no autista, na pessoa autista, e sim, na família, porque uma família bem assistida com o seu filho, as famílias assim, que não tem esse assistencialismo, está adoecendo emocionalmente e fisicamente. Então, para abrir as palavras de todos aí, nós focamos nisso também, que é o investimento do Poder Público, na família, no cidadão que é o que paga o imposto, porque essas famílias estão adoecendo a cada dia com a falta dessa estrutura, está ok? **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Ótimo! Quem? Edna, Conselheira tutelar, fique à vontade. Quer com microfone? Vai pegar para você. **“Sra. Edna Rodrigues”**: Boa noite a todas e a todos! Gostaria de saudar aqui o nosso Nobre Presidente da Câmara, Willian Souza, e na sua pessoa, também, saudar todos os Vereadores, dizer que o nosso Presidente, ele tem feito um trabalho muito importante para o Município de Sumaré, né, tanto o seu mandato, como a Presidência, os Vereadores também, na defesa e garantia de direitos, nas Políticas Públicas para o nosso Município. Haja vista, que é um mandato que mais desenvolveu Audiências Públicas na Cidade de Sumaré. O nosso parabéns, e temos a certeza que sempre podemos contar com a Presidência e, também, com os demais Vereadores e Vereadoras. Sou Edna Rodrigues, estou conselheira tutelar, né, com todos e todas sabem, né, Sumaré tem um colegiado que atende toda a população de Sumaré. Também, gostaria de saudar os profissionais, os técnicos aqui das diversas áreas, estamos vendo aqui a secretária de assistência, onde, também, o Conselho Tutelar, de modo administrativo, é vinculado à Secretaria de Saúde, aqui na pessoa do Carlos, que sempre nos encontramos nas discussões de sábado - de sábado, não -, sábado nós tivemos ocorrência o dia inteiro - né, Carlos? -, nas discussões e casos, né, e as demais secretarias também. O Conselho Tutelar coloca à disposição, né, para que, realmente, a gente possa articular e pensar Políticas Públicas, de acordo, Sr. Presidente, e os demais Vereadores, o Art. 4º do Estatuto da Criança, Adolescente, só é possível desenvolvermos Políticas Públicas para criança e para adolescente, em todos os seguimentos, aqui em especial voltado para a saúde, quando a família, o Estado, a sociedade, os Poderes constituídos (Legislativo, Executivo e Judiciário), cada um trabalha de modo articulado dentro das suas funções, para que, realmente, essa criança, esse adolescente seja amparado em todas as suas demandas e necessidades. Se uma dessas partes envolvidas, ele não estiver, realmente, em consonância com o Estatuto da Criança e Adolescente, e as demais Leis vigentes, essa Política Pública, ela não avança, né? Então, para que realmente possa funcionar é importante. E dizer, também, aqui aos pais, Srs. Vereadores, que o pai, os genitores, né, que tem um filho autista, são especiais, né? No Conselho, volta e meia, chega crianças lá, né, e vão entrando pela sala, e mexe no Conselho todo, né? Embora a gente, né, talvez não tenha a nossa família, mas a gente, também, atende casos que vão até o Conselho, e a gente percebe toda a dinâmica que os pais têm, né? Então, a gente sempre fala que um pai que tem uma criança, um adolescente assim, são muito especiais para lidar com essa situação, né? E que, realmente, né, assim, como outras Políticas Públicas voltada para a saúde, né, possa, também, o autismo ser, cada vez mais, reconhecido aqui no nosso Município e no nosso Estado. Então, era isso, né, que gostaria de deixar aqui um forte abraço, também, de todo o colegiado, o Conselho Tutelar está em nova sede, e agradecer, também, mais uma vez, ao Presidente da Câmara, por todo o esforço que ele fez, né, em defesa do Conselho Tutelar; os demais Vereadores também; o Sr. Prefeito, né, por garantir várias Políticas Públicas, mudamos de casa, também reajustou aqui o salário dos conselheiros, né? Muito obrigada, aqui é aos Nobres Vereadores. E para concluir aqui, também, nós percebemos que durante os atendimentos, né, que chega até Conselho Tutelar, a gente sempre orienta os genitores, né, para que, realmente, possa

trabalhar, tanto na família, também, foi um acompanhamento de perto dos profissionais especial da saúde, né? Então, porque, às vezes, recebe o Ulisses(\*), relatórios das escolas, né, a cidade inteira, né, onde, às vezes, a família tem essa dificuldade de trabalhar, juntamente, com os combinados, em especial, com a questão da medicação para, e orientações para as crianças e adolescentes. Então, isso a gente recebe muito. E parabenizar, também, as escolas que trabalha de modo, os CRAS, também, de modo articulado, no seu território. Que antes de acionar o Conselho Tutelar, é importante que trabalhe, de modo articulado, dentro dessas políticas, né, em todas as regiões da cidade. Porque quando, às vezes, encaminha para o Conselho Tutelar, as famílias já chegam lá achando que estão negligenciando os filhos, né? Então, é importante, realmente, esgotar as possibilidades, antes de encaminhar para o Conselho. Então, é isso, um forte abraço, a gente coloca à disposição, e que Deus abençoe aí, essa tarefa, esse desafio que tem para todos nós. Muito grata aos Srs. Vereadores. **Sr. Presidente “Willian Souza”**: Muito obrigado, Edna, Conselheira Tutelar da nossa Cidade. Mais alguém gostaria de falar? Fique à vontade. **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: Boa noite a todos, tá? Meu nome é Maria Gorete, eu trabalho na Pestalozzi há 34 anos. Estou há quatro anos trabalhando com projeto de autismo, tá? Boa noite a todos, desculpe. Eu sou simples, tá, se tiver alguma coisa que eu vou enrolar, mas eu gostaria de falar um pouco sobre as nossas necessidades, tá? Quando eu vi a “Audiência Pública Políticas Públicas de Autismo”, e eu hoje, eu sinto na pele a dificuldade, tá? Eu falei: “Eu vou lá, não gosto do microfone, mas eu vou falar do meu jeito”, tá? Eu recebo a mãe todos os dias, o autismo cresceu muito. E todos os dias, quatro, cinco fichas de crianças. E agora, sim, de criança de um ano e meio, que a gente não tinha, tá? Chega sem o laudo? Chega. Mas enquanto está na estimulação precoce, a gente não precisa do laudo, porque as próprias terapeutas já vão atendendo e vendo: “Não, essa criança é autista”, tá? Só que ela precisa do laudo. Quando a criança tem convênio - né, mães? -, é muito mais fácil, porque ela vai no médico dela e faz o laudo, e bate com o nosso laudo, com as terapeutas. E a mãe que eu atendo, que não tem convênio, tá? Hoje, nós estamos atendendo 145 crianças e adolescentes, porque para nós é sempre criança. Em fevereiro, nós terminamos a nossa lista de espera; março começou 31 crianças, que deu as 145. De março para cá, nós temos mais 36 na lista de espera, 80% não tem convênio, tá? E a partir do dia 24/06, nós vamos ter mais essas crianças sendo atendidas, então, vai chegar a 180; 80% não tem convênio, quando tem convênio, vão para... na nossa parte de convênio. Agradeço o Carlos aqui, né? “Carlos, essa criança não tem convênio”. “Mas, Gorete, ele é leve, não é perfil da gente, nós temos o nosso protocolo”. Tá, aonde que eu vou mandar essa criança, essa mãe? Então, a angústia minha é muito grande, porque eu não tenho para onde mandar. Quantos psiquiatras têm na rede? Quantos neuros têm na rede, tá? Todos estão abarrotados de criança, e nós precisamos. Então, se direito é saúde, educação, lazer, tá, vamos primeiro pensar na saúde, por que nós estamos fazendo a nossa parte, nós estamos atendendo. Mas, senhores, e a saúde que não me dá esse laudo para mim poder atender? Eu vou deixar essa criança numa lista de espera até quando? A criança de quatro anos está saindo da estimulação sem laudo. Eu vou deixar, falar para essa mãe: “Mãe, vai embora e conseguir um laudo”? A gente não faz isso. Nós vamos deixar lá, e correr atrás, e correr atrás de quem? A Tamiris falou muito bem, a doutora falou muito bem: precisa de um psiquiatra para dar o laudo, precisa de um neuro. Às vezes, o neuro põe assim para gente - isso é a minha angústia, viu, gente? Eu estou pondo aqui -, o neuro coloca assim: “Compatível” ou “com características”. É laudo? Não é laudo! Se eu mandar isso para... e outra, a mãe chega assim: “Gorete, eu preciso de um laudo, para pedir o BPC, porque lá, o médico que vai fazer a perícia, ele não quer nem saber, ele quer laudo”. Então, precisaria ter uma equipe no Município, uma equipe que fala assim: “Não, é composta de fono, de TO, de psicólogo, vamos fazer esses laudos, vamos mandar para as entidades, que as entidades dão conta do trabalho”. O nosso trabalho, gente, tanto a Apae, Pestalozzi, Carinha, é de

excelência, é de primeiro mundo, o nosso trabalho. Porque eu já recebi pessoas do SUS, de Brasília, e falou que o trabalho de Sumaré é de excelência, as entidades. Então, nós precisamos de vocês, para que essa rede pública tenha mais médicos, coloque médico nos postinhos, daí vai falar assim para mim: “Olha, o pediatra pode dar o laudo”. Mas isso, tem que ser neuro, tem que ser psiquiatra. Não é nós que estamos pedindo isso, é a Lei. Então, nós precisamos que a saúde pense com carinho. Outra coisa, eu faço ficha quase todos os dias de crianças que vem vindo da escola estadual, e eu falo: “Mãe, vai ficar numa lista de espera”. Pensem com carinho de abrir esses aditamentos, que a gente consiga atender essas crianças de escola estadual. Elas pagam o mesmo imposto do que a criança que vem de uma escola municipal. Parabenizo a Secretaria da Educação, porque a nossa parceria com vocês é de excelência! Mas precisamos da parte de saúde. Vamos pôr mais médicos, vamos pôr mais psiquiatras, ajudem lá o Caps I, com a demanda que eles têm, gente, tá? Então, eu gostaria muito, eu gostaria que a minha frustração e de muitas que tem aqui, fossem sanadas, tá? Muito obrigado, viu? [Aplausos] **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Muito obrigado. Muito obrigado, excelente fala. Parabéns pelo trabalho na Pestalozzi, e parabéns pelo trabalho da Pestalozzi, né? Muito obrigado. Fica à vontade. Eu só vou pedir a vocês, como nós estamos gravando, que sempre se identifiquem, tá, no início da fala, mesmo que eu já chamei, porque depois vocês, também, podem utilizar as imagens, e fica fácil para que eles possam inserir ali na Ata. **“Sr. Rogério Borges”**: Boa noite, novamente, meu nome é Rogério, eu estou como Conselheiro do Comdef, né? Mas, assim, como a Dra. Solange falou, o que me qualifica aqui, é como pai de dois autistas. E eu vou começar, vamos dizer assim, uma provocação saudável, Presidente, para que a gente possa, poder discutir um pouco o que a gente tem na prática, né? A abertura foi muito singela e muito importante, tanto da Tamiris - Tamiris, né? -, quanto da Dra. Solange (que eu a conheço já há bastante tempo), e a Gorete, é um amor de pessoa, né? Ainda bem que ela não gosta falar, né? Porque imagine se gostasse, né? Com muita propriedade, né, socorre muitas crianças lá na Pestalozzi, o qual os meus dois filhos estão lá. Obrigado pelo trabalho que vocês fazem lá, viu!? Mesa Diretora, Presidente, Vereadores, eu estive numa Audiência em Paulínia, sobre autismo, e quando a gente, ali, pais, algumas terapeutas, alguns profissionais da área usaram, vamos dizer, o jargão que tem hoje em dia, né? Aquele momento de fala, aquele lugar de fala, pessoas da Mesa se manifestaram contra. Então, ou seja, a gente percebe que quando a gente, realmente, quer trazer algo que a gente está vivenciando (e por isso que eu falei, né, o que me qualifica aqui, não é como membro, Conselheiro do Comdef, o qual tem procurado fazer um trabalho, desde a época da - Fernando, me ajuda aí, a Rosa, né? -, desde a época da Rosa, passando pela Dra. Solange, e agora pela educadíssima Raissa), eles se manifestaram contra, porque a gente estava dizendo algumas verdades. Já fica aqui, então, o meu convite para o Comdef, né, os Pares que estão aqui, né, para ir visitar, assim como a gente vai fazer essas visitas, a partir de agora, na Câmara Municipal, nessa Casa de Leis. E, naquele momento, a gente começou a dizer, por exemplo, que 98% dos pais, dos casais autistas, 98% se separaram. O pai abandona a sua cônjuge, abandona a sua esposa. Vai lá saber o que tem na cabeça dele, mas ele abandona, quando descobre que existe o espectro autista dentro do lar, 60% desses pais, seja ele, pai ou mãe, precisam de tratamento. Saiu uma pesquisa recente, agora, dizendo que os pais não têm condições de ajudar os seus filhos dentro do espectro autista. Ora, se a gente, a gente costuma conversar, né, eu e o grupo que faz parte dessa comunidade, que a gente precisa descansar, né, Marcelo? Como que a gente, que não está bem, vai cuidar de uma criança? Com raras exceções, pessoas, famílias têm condições melhores do que as outras, nesse *roll* da ANS, eu tive 18 ligações de mães dentro da nossa comunidade, que ficaram desesperadas, achando que iam perder liminar, que os seus filhos iam sofrer retaliação, etc. e etc. Tivemos que apaziguar toda essa situação, de uma forma muito difícil, porque, afinal de contas, a gente está no mesmo barco. Mas a gente tem um desejo de que 2 milhões

de pessoas autistas no Brasil, sejam (2 milhões, mais de 2 milhões), a gente consuma usar o DSM, né, mas a gente tem que passar a usar a CID-11, o CID-11, ele tem mais (no meu ponto de vista) autoridade e uma descrição mais qualificada do que o DSM. O DSM é um documento internacional, através de vários tratados e pesquisas científicas, que permite, vamos dizer assim, ter o mesmo linguajar, para que seguimentos diferentes da sociedade possam se comunicar. E aí, a gente cai num pequeno erro, que depois se houver tempo (porque eu quero dar, porque eu quero permitir que outras pessoas falem também), que acaba, a gente acaba caindo num equívoco em dizer: “Severo, médio”, né, ou “moderado e leve”, né? A gente percebe, quem procura ver a literatura sobre o autismo e sobre deficiências intelectuais, e toda a parte da neurologia, que a gente tem um espectro, se a gente tem um espectro, como é que eu vou encaixar uma pessoa, como severo, como moderado ou como leve? Eu consumo dizer na roda de conversa a qual eu participo, que a gente está, o autista, ele está com um pezinho em cada lugar. Ora, em algum momento dentro do moderado, em outro momento dentro do severo, quem olhar para o meu filho, por exemplo, vai falar assim: “Nossa, mas o Pedro é tão lindo”, né? “Tão bonzinho, está tão bem”. Mas vai lá ver em casa como que é essa situação, né? E aí, a gente tem que pensar no que a Tamiris falou, na particularidade de cada autista. E aí, rapidamente para outros falarem, eu vou dizer, mais ou menos, o que tem acontecido. A gente não consegue o diagnóstico, ele é muito caro, um diagnóstico feito por um neuro ou por um psiquiatra de qualidade que, realmente, conheça do assunto, é particular, não tem outra conversa: “Ah, mas tem no SUS?” Me fala, porque eu não eu conheço. Pesquisei todos que eu podia, me fala algum psiquiatra do SUS na nossa Cidade ou adjacência que pode nos ajudar nesse sentido, acaba postergando, postergando, postergando, e o diagnóstico não sai. Veja que a gente não quer diagnosticar os nossos filhos, até porque a gente não quer colocar um carimbo nele. Mas o diagnóstico permite e provê algumas condições que facilitam essa família que, ao contrário de uma exceção, não tem condições financeiras. Então, a gente precisa do diagnóstico. Até porque, eu ainda não tenho o meu diagnóstico, mas muito provavelmente, quem me conhece sabe que eu estou dentro do espectro. Tenho 45 anos. Agora, interessa eu ter o diagnóstico? Já foi, já passou. Mas muitas coisas, talvez, seriam resolvidas na minha vida. Então, a primeira coisa é essa; a segunda, isso que a Dra. Solange falou, sobre a gente, na prática, conseguir, de forma efetiva, passar por essas etapas de diagnóstico, de avaliação multidisciplinar, e aqui eu vou me ater só até esse terceiro ponto, manter essa avaliação multidisciplinar, sem falar da intervenção terapêutica, seja ela por qualquer método. E aqui eu anotei até alguns aqui, para eu não esquecer, né: ESPE, alguém já ouviu falar sobre isso? A terapeuta que está aqui já está atualizada sobre isso, né; o Denver, de custo muito baixo, muito baixo, eu aplico na minha casa, o Marcelo tem aplicado na casa com dele com o filho dele, custo baixíssimo; equoterapia, o que é que você vai falar de equoterapia, né, Mi? Pec, Teacch, hidroterapia, ABA, então, vamos lá para o ABA. Então, os três pontos que eu falei: diagnóstico, avaliação multidisciplinar, e depois eu falo de todos os outros. E nos ater aqui, a manter esse ciclo de avaliação multidisciplinar, e prover isso. Quando a gente fala de ABA, ABA é importante? Me corrija se eu estou errado, o meu filho teve ABA, ele teve. Por uma questão financeira, a gente achou melhor não manter o ABA. Só que ABA tem uma carga horária, e um método, não é um método, é uma ciência, então, não é um método, se é uma ciência, e é a única comprovada, então, a gente tem isso como base para o processo terapêutico. Quantas horas o ABA, a “ciência ABA” nos diz que um autista tem que ter por semana? Mais ou menos? Não vou te colocar em... **“Sra. Tamiris Delfito”**: Muitos dizem que 40. **“Sr. Rogério Borges”**: Não, como é uma ciência, ela é exata. **“Sra. Tamiris Delfito”**: Mas... Então, é muito difícil de falar, porque vai de cada criança. **“Sr. Rogério Borges”**: Posso, então-- *[Falas sobrepostas]* **“Sra. Tamiris Delfito”**: Pode. **“Sr. Rogério Borges”**: --te corrigir? Se é uma ciência, e eu sou formado em ciência da computação, hoje eu estou fazendo

pedagogia e estou fazendo engenharia, por conta de questões particulares para o meu filho. É uma ciência, e a gente vem de uma polaridade discutindo ciência, né? Que tudo agora é ciência. Eu concordo 100% com isso, é da minha formação. Então, se é uma ciência, vamos aplicar o ABA do jeito que tem que ser aplicado, se não vamos explicar o ABA do jeito que tem que ser aplicado, então, tira o ABA, como ciência e como requisito - eu sei que tem gente que não vai concordar comigo, tá? -, mas o que eu quero dizer, é que não é possível aplicar o ABA! Então, e aí, eu vou fazer uma, eu vou retroceder aqui a minha fala inicial, né? Se eu estou dentro de um espectro, recentemente, cerca de 10 anos, estão dizendo que o autismo, ele é genético, seja de forma uterina ou não. Então, se eu tenho um espectro, vamos entender isso, né? Eu tenho um espectro, essa pessoa, ela pode estar em qualquer uma dessas variações aqui, qual que é a intervenção, Adriana, que eu tenho que fazer no meu filho, né? É retórico isso aqui. Qual que é a intervenção que eu tenho que fazer no meu filho? As terapeutas vão saber isso. Não sei. Vai depender do quê? Do déficit e do potencial que ele tem, e da questão de adequação social que ele tem. Porque, um dos principais pilares que a gente tem para o autista, é que ele consiga viver em sociedade. Então, se eu tenho... - né, doutora, a gente conhece, muito bem, esse menino, né? -, se eu tenho o Nicolas Brito (que escreveu dois livros já, esse aqui foi a mãe dele, mas ele já escreveu dois ou três livros), se eu tenho o Nicolas Brito, aqui junto conosco, fazendo estereotipia ou ecolalia, eu vou dizer que ele está com o comportamento inadequado? Tá, se ele está com o comportamento inadequado, qual que é a intervenção que eu tenho que fazer? Vamos falar de alfabetização. Duas mães conseguiram alfabetizar os seus filhos no teto da casa, e aí não é literal, porque ela percebeu que o menino só olhava para cima. Aí ela começou a ganhar o menino fazendo com que ele olhasse para cima, aí ela não ia conseguir escrever no teto, óbvio, o que é que ela fez? Ela fez uma cabaninha, e alfabetizou, ela deitava no chão, escrevia o alfabeto no teto daquela cabaninha, e o menino foi alfabetizado ali; outro menino que parou de ter (eu estou dando exemplos reais, aqui, olha, nesse outro livro aqui de uma amiga minha, eu tenho, pelo menos, 40 casos aqui), o menino tinha muita crise, o pai queria levar ele para pescar, levou para pescar, o moleque voltou para casa calminho, calminho, calmo, calmo, calmo. Aí, não entendeu. Foi, novamente, para lá, para a pesca, “eu vou levar esse moleque na pesca de novo, foi a pesca que fez isso”. Aí, resumindo a conversa, a quantidade de picadas que ele teve, que ele recebeu, de alguma forma, acionou algum neuro transmissor, e esse neurotransmissor, fez alguma coisa no organismo do moleque, que fez o moleque se acalmar. Aí a gente vai falar de Gaba, serotonina, o que mais que a gente pode falar? A gente pode falar de melatonina, a gente pode falar de neurotransmissores, que são utilizados com base no Ômega 3, e assim a gente podia falar um monte de coisa. E aí, olha, quem é que vai me dizer se eu posso usar ABA, Dan, se eu posso usar o ortomolecular, nutrologia, quem é que vai me dizer isso? Então, eu vou resumir agora com isso, o que é que eu quero dizer com isso? Precisamos, primeiro, conseguir, de forma municipal, diagnóstico, a gente precisa de diagnóstico. “Ah, mas os pais não querem diagnosticar agora”. O pai é o grande orquestrador dessa questão, né? A gente tem o Conselho Tutelar, onde a gente sabe que tem pais que não cuidam dos seus filhos autistas. E aí, quando a gente vê um pai que prendeu o filho dentro do banheiro, esse pai, ele é negligente, ou está exercendo violência contra a criança, tem que ir lá e atender a situação. Diagnóstico, avaliação multidisciplinar gratuita, isso é rápido gente, quem é terapeuta aqui sabe o que eu estou falando. O que é que acontece com os planos de saúde? Me corrige, Dra. Solange, os médicos não querem dar o laudo, não querem diagnosticar, se ele diagnosticar, ele vai ter que, o plano vai ter que dizer que aquela criança vai receber o tratamento terapêutico completo, que custa R\$ 10 mil. Você acha que um médico vai correr o risco do CRM dele ser manchado, junto ao plano de saúde ao qual ele trabalha? Não vai, a gente já ouviu isso, a gente tem gravado isso! Não é de um médico só não, é de vários médicos: “Ah, eu não posso dar o diagnóstico, porque se eu der o

diagnóstico, eu vou ser marcado lá no meu plano de saúde”, não é um ou dois casos, são centenas de casos. Então, o SUS que é um excelente braço do Estado (e aí eu concordo que é um excelente braço do Estado mesmo, porque é da Saúde, assim como a Segurança, assim como a escola), a gente precisa desse diagnóstico vindo do SUS, e precisa da avaliação multidisciplinar vindo do SUS, e manter essa avaliação multidisciplinar com o devido encaminhamento, ou até o prover desse tratamento terapêutico multidisciplinar pelo Estado. Porque eu gasto (eu gastava, né?) R\$ 4,2 mil de terapias por mês, hoje eu não aguento mais isso, hoje eu gasto, vai, 800, porque a minha irmã ajuda a pagar. Então, a gente precisa sair, igual a Dra. Solange falou, a gente precisa sair da caixinha, vamos para a prática, né? Por que é que o Município não consegue fazer a avaliação multidisciplinar? E aí a gente tem, olha, Pestalozzi, Gorete, Pestalozzi consegue fazer avaliação multidisciplinar? **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: Sim. **“Sr. Rogério Borges”**: Tem alguém da Apae aqui? Adriana, consegue fazer avaliação multidisciplinar? **“Sra. Adriana Cristino”**: Está fazendo. **“Sr. Rogério Borges”**: Carinha de Anjo, não precisa nem falar, eu conheço o trabalho dela. CenterClin, com a Patrícia, que eu não me lembro o sobrenome agora. **“Sra. Patrícia Romantini”**: Romantini. **“Sr. Rogério Borges”**: Olha, então, assim, olha, eu falei de quatro lugares, gente! Então, o que é que é que está acontecendo? Aí eu me alinho com a Dra. Solange, o que é que está acontecendo? Que a gente tem pelo menos, quatro polos aqui, quatro lugares, que pode pegar uma criança com dúvida de autismo ou não, ou qualquer transtorno que seja, vamos lá mandar para essas meninas! Eles são especializados nisso! Só que, quanto tempo você fica com o Luquinha, que você citou? Quanto tempo que você fica com esse menino por mês? **“Sra. Tamiris Delfito”**: Eu atendo (eu), atendo ele quatro vezes por semana, 45 minutos. Eu. **“Sr. Rogério Borges”**: O pai e a mãe ficam quanto tempo com essa criança? Todo o restante. Agora, o por que é que os pais não estão sendo ouvidos nessa questão? Há muito terapeuta que não houve o que os pais têm para dizer, não dá devolutiva, não existe devolutiva para muitos profissionais. A Pestalozzi, eu sei que faz; a Apae, eu sei que faz - e não é porque está aqui não, se não, eu ia falar também -; a CenterClin, eu sei que faz; a Mirella virou a vida dela, de ponta cabeça, para poder atender os deficientes. Então, assim, olha, já de começo, falaram, assim, no grupo, Dra. Solange, Sr. Sales(F), falaram, assim, no grupo, o senhor ouviu lá: “Ah, não vai sair nada”. Eu também acho que pode não sair nada daqui, mas eu quero crer que pode, viu, Presidente? Porque essa é a sensação que a gente tem, não é que, eu não estou falando de uma crítica, totalmente, pejorativa, a gente tem essa sensação lá. A comunidade, a qual eu faço parte, tem cerca de 4 mil pessoas (e, por favor, vocês que estão na Mesa Diretora, não entendam mal, que eu falei a mesma coisa lá em Paulínia) são 4 mil votos! Eu sei que vocês não vão olhar por isso (e não deveriam olhar mesmo), tem que olhar com o coração, não é, Rudinei? Mas são 4 mil votos! Atende a nossa comunidade. A gente chegou ao ponto de discutir, falar assim: “Tudo bem, vamos conversar com o Poder Público e vamos esquecer a sensibilização, não vamos pedir para ninguém se sentir emocionado e ver o meu sofrer, o sofrer do meu filho, que tem...”, a gente tem duas crianças, pelo menos, né, acho que tem, que estão aqui com... são autistas, e eles, os pais estão se matando aqui para conter eles aqui nessa Audiência. “Então, não vamos pedir”, a gente discutiu isso, né “Não vamos pedir para ninguém sensibilizar lá no Poder Público. Mas vamos, vamos falar, então, para eles assim...”, até falei para o Edson Cosme, falei: “Ô Edson, leva essa mensagem lá, cara! Fala, por favor, que são 4 mil votos!”. Então, se não querem se sensibilizar (e eu não quero perder o respeito aqui), entenda o que eu estou falando, veja pelo menos por voto, porque a gente está cansado de não ser atendido. E, muitas vezes (agora eu vou puxar a sardinha para o nosso lado), muitos pais acham que pode pisar, pode andar na linha do trem, é ou não é? A Dra. Solange não falou da linha do trem? Muitos pais andar na linha do trem, querem ser assassinados. Então, lá na nossa comunidade, a gente, né, Adriana, a gente tem procurado orientar os pais, para que eles percebam que eles precisam

também fazer a parte deles. Não é porque eles têm o direito, que vai ser concedido, está bom? Então, eu tenho outras coisas para falar, eu quero ver o contraditório, eu quero ouvir vocês também, porque é para isso essa Audiência Pública. Eu já dou os parabéns para o Rudinei, né, a gente não conseguiu ali avançar na conversa no WhatsApp, mas, parabéns, porque está me dando o espaço para poder falar, mesmo que não concordem com tudo que eu estou falando, mas eu sou um pai que perdeu o cabelo e a barba ficou branca por conta disso. Então, Presidente, eu sei que isso vai avançar e eu sei que outras pessoas aqui têm experiências melhores do que a minha, e ao contrário do que dizem - como que você chama mesmo? Esqueci seu nome - não somos pais especiais, não. Eu detesto ser chamado de “pai especial”. Eu sou um pai igual a qualquer outro, que eu tenho um filho com... com dois filhos com deficiência dentro de casa. Então, assim, peço que vocês que estão aqui, Sr. Salles, sabe da, a história do senhor, Marcelo, Adriana, por favor, nos ajudem, porque eles querem nos ouvir, né? Eles estão aqui para nos ouvir, e quando que a gente vai ter uma outra oportunidade para isso, está bom? Desculpa ser tão prolixo aqui, mas tem outras coisas que eu ainda quero falar, se ainda haver tempo, está bom? Obrigado, Presidente. **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Eu não quis cortar a fala do senhor, até para não ser indelicado e também não parecer a bancada de Paulínia que o senhor citou. [Risos] Mas eu gostaria de pedir aos demais, para a gente tentar ser breve e objetivo, senão a gente não consegue ouvir todos, e a ideia é ouvir todos aqui, e a gente pode marcar outras oportunidades para ouvir, né? Nós não queremos aqui, de maneira alguma, cercear a fala, e todas as falas aqui, a gente ouve de maneira muito democrática, inclusive, as críticas, que são importantíssimas. A Mirella pediu a fala, né? Depois o Dr. Jelres pediu a fala também. A Ana é depois? Depois deles? Ok. Ah, é, também tem um inscrito aqui. É que você está ali, né? Tá, então, olha... vamos fazer só uma ordem para a gente não se perder aqui. Vai ser a Mirella primeiro; depois vai ser o Dr. Jelres; depois vai ser a Ana; e depois o Ronaldo. Quem? Marcelo, né? Tem mais alguém que quer se inscrever? Vamos fazer uma lista de... Adriana, Marcelo, Adriana, quem mais? Tem alguém que quer se inscrever mais? Qual o nome, por favor? Erinéia? Erinéia. Mais alguma inscrição? Natalie(F)? Tem mais alguém? Oi? Gabriela. Eu vou pôr na inscrição, tá? Para você poder falar. Fala o nome, por favor. Roseni. Mais alguém? Que daí eu vou encerrar as inscrições, tá? Para a gente não ficar sem tempo aqui, senão... tem mais alguém que quer se inscrever? Que daí eu encerro as... porque, senão, depois a gente fica voltando, vai querer um rebater a fala do outro, e não é a ideia, né, a ideia é ouvir mesmo. Então, tem mais alguém? Aí a Dra. Solange e a Tamiris, depois, se quiserem falar no final, como considerações, eu concedo a palavra, está bom? Como vocês... que talvez muita gente vai falar em cima da fala de vocês, aí se vocês quiserem, fiquem à vontade. Tem mais alguém que gostaria de fazer? O Carlos, né? Dá tempo? O Cristian. Podemos encerrar aqui as inscrições? Tudo bem? Não tem problema? Se a gente tiver que abrir uma exceção ou alguma ponderação, a gente não tem problema com isso também, está bom? Então, vamos lá. Então, agora, a Mirella é a primeira inscrita. **“Sra. Mirella Spinelli”**: Boa noite a todos! Meu nome é Mirella Spinelli. Eu represento a Associação de Reabilitação e Equoterapia Carinha de Anjo, nós estamos no Município há 6 anos e 10 meses. Eu atuou com o desenvolvimento infantil há mais de 20 anos e trabalho com crianças dentro do espectro pelo mesmo período, tá? Cumprimento a todos e parabenizo pela Audiência. Eu não vou me prolongar, eu vou direto aos pontos que eu acho que são importantes a gente discutir, tá? Eu destaquei alguns pontos conversando com os pais, com a minha equipe, que são situações que nós vivenciamos e ouvimos o tempo todo no nosso atendimento, tá? Que seria necessário a construção ou implantação de um centro de referência de autismo em Sumaré. Nós temos em Jaguariúna um centro de referência, que conseguiu abrir em Holambra um centro muito importante, e nós temos na Cidade todas as organizações que trabalham com autismo e que poderiam colaborar com essa implantação. Como a Gorete disse, o aumento de médico psiquiatra

especialista que possa garantir um diagnóstico precoce pelo SUS, e também a orientação do pediatra, que desde lá, do comecinho, né, oriente para esse psiquiatra, para esse neurologista, né, para que seja encaminhada para uma avaliação multidisciplinar, para garantir o direcionamento dos serviços com equipe multiprofissional formada por fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos, neurologistas, nutricionistas, terapeutas operacionais, psicopedagogos, equoterapeutas, dentistas e etc.; garantir que crianças e adolescentes matriculados no Município ou Estado, possam frequentar serviços de atendimento multidisciplinar, conveniados pelo Município (como a Gorete citou), é algo que os pais falam muito, né; garantir que a equipe de cuidadores e professores estarão preparados e contratados antes do início do ano letivo (o que a gente vê é que esses cuidadores chegam lá, né, para março); garantir que o processo de inclusão dos autistas nas escolas implique no fazer docente, considerando o significado de incluir, ou seja, que se trabalhe para a compreensão do autismo, de modo a facilitar a sua inserção no espaço educacional e integrá-lo ao ambiente e as demais crianças; criação de um banco de dados dos autistas de Sumaré, possibilitando dados estatísticos para acompanhamento e encaminhamento de políticas públicas no Município e o apoio à promoção de formação e qualificação técnica dos profissionais da área da educação, da saúde e de todos que atendem a criança com autismo. E, claro que eu vou falar da parceria do Município com a Carinha de Anjo Equoterapia, não posso deixar esse momento passar, não é pessoal? A fim de conseguirmos atender através da equoterapia, nossa demanda é reprimida de mais de 100 crianças dentro do espectro autista, né? Se a gente pensar que na Pestalozzi tem 145, né, vocês podem entender. A partir dos dois anos de idade, eu recebo todos os dias mensagens de pais desesperados pelo atendimento, né, me cobrando por que é que está na fila há tanto tempo, né? Porém, para que isso aconteça, nós precisamos contratar profissionais e, bem vocês sabem, o serviço é gratuito para as famílias, porém, eu preciso pagar os meus funcionários, né? Para que vocês entendam um pouquinho, a equoterapia é um tratamento regulamentado, com o método de reabilitação através de uma Lei, tá, que é a 13.830/2019, que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas da saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência. A nossa intenção é contribuir com o desenvolvimento integral da criança através da reabilitação e equoterapia, desta forma pedimos o auxílio ao Município para a realização do chamamento público que tanto esperamos (que tudo indica que está no setor jurídico, porque o termo já foi feito, do chamamento, que eu venho conversando com o pessoal da saúde, e só falta a questão do jurídico e a publicação do edital, só que está demorando um pouco), para que a gente consiga continuar os nossos atendimentos. Este ano, nós só conseguimos continuar o atendimento da equoterapia gratuito, porque nós tivemos a parceria de uma empresa de Jaguariúna, que tem nos auxiliado, para que a gente conseguisse aberto. A realidade é bem essa, tá? Eu acredito, assim, que todas essas medidas que a gente busca na, visa garantir um atendimento priorizado, eficiente, igualitário das crianças com autismo e seus familiares do Município de Sumaré. Como os muitos disseram, os pais estão adoecendo, né? Então, a gente não trabalha só a criança, a gente trabalha toda a família. E evitar que, em um futuro próximo, nós tenhamos uma população significativa de adultos dependentes e vulneráveis em nossa sociedade. Então, eu acredito, né, no poder de Sumaré, acredito nos políticos, acredito que nós podemos fazer a diferença realmente nessa população. Agradeço. [Aplausos] **Sr. Presidente “Willian Souza”**: Agradeço a Mirella, agradeço também todos da Carinha de Anjo, que tem um trabalho sensacional no nosso Município, reconhecido publicamente, e um trabalho incrível, né? E, com certeza, faremos aí a continuidade das lutas, o diálogo com o Prefeito Luiz Dalben, com o Deputado para que a gente possa auxiliar cada vez mais e conte conosco para isso. Anotei aqui alguns pontos da pauta que achei importantíssimo, eu vi que você está com um papel aí, depois se você puder... [Risos] [Falas sobrepostas] **Sra. Mirella Spinelli**: Eu vou te entregar depois o

Ofício para você. **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Ah, fico muito grato, que-- [*Falas sobrepostas*] **“Sra. Mirella Spinelli”**: Sim. **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: --facilita bastante-- [*Falas sobrepostas*] **“Sra. Mirella Spinelli”**: Sim. **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: --para a gente poder aqui pegar as demandas. Obrigado. Parabéns pela fala. Dr. Jelres. **“Sr. Jelres Freitas”**: Boa noite a todos! Saúdo a Mesa, na pessoa do Presidente Willian Souza, gostaria de estender o cumprimento a todos os demais participantes dessa tão maravilhosa Audiência Pública, que mais parece, a meu ver, um encontro de amigos, um encontro de carinhas em que a gente se esbarra a todos os momentos pelos corredores, pelos campos de concentração, nessa grande guerra que é a inclusão da pessoa com deficiência. Eu gostaria ainda de cumprimentar aqueles que nos acompanham de forma virtual, através do YouTube da Câmara Municipal. E antes de adentrar ao tema especificamente, eu gostaria de fazer um convite a cada um que está aqui. Nós tivemos hoje aqui duas grandes aulas, aulas magnas, palestras ministradas pelas incríveis doutoras Tamiris e Solange, e eu creio que é o momento de nós expandirmos este conteúdo que foi abordado, a gente levar isso para as nossas redes, para as nossas plataformas. Então, fica um dever de casa aqui, que eu mesmo estou cobrando, mas eu preciso fazer, que é sair daqui, a gente compartilhar essa Audiência Pública nos nossos canais, para que muitos possam ter acesso a esse conteúdo tão maravilhoso que aqui está sendo debatido. E, eu dizia que é mais um encontro de amigos, porque muitos aqui já me conhecem, né, não me apresentei, eu sou o Dr. Jelres Freitas, eu sou advogado, estou membro integrante da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência da OAB Seccional São Paulo; saúdo a presença da OAB Subseção Sumaré na pessoa da Dra. Solange, né, e estou hoje na assessoria parlamentar do Deputado Dirceu Dalben, que deixou um abraço carinhoso a cada um que está aqui e pediu para representá-lo nessa Audiência. É importante a gente salientar nesse momento, desse encontro, que muitas políticas públicas estão avançando. Nós temos observado muitas coisas mudando, né, de forma bem sucinta, bem sutil, às vezes, mas não podemos negar que têm muitas políticas públicas sendo implementadas. Nunca antes foi falado tanto em pessoa com deficiência como nós estamos ouvindo falar nos últimos dias, tá? E aqui não estou fazendo defesa, nem nada nesse sentido de governos, tanto na esfera municipal, quanto na estadual, nem no federal, nós estamos falando, de fato, de realidade, nunca antes na história do nosso país se ouviu falar tanto na pessoa com deficiência. E nós que estamos ocupando esse lugar de fala (e aqui falei de propósito para irritar o Rogério), mas é realmente isso, estamos aqui representando tantos números de pessoas, que talvez não conseguiram estar aqui hoje para dar a sua palavra, mas que estão lá. Eu acessei aqui há poucos minutos, tem cerca de 30 espectadores nos acompanhando pelo YouTube, são mães, são pais que gostariam de estar aqui, mas em razão da circunstância, do horário, após um dia extenso de trabalho, não puderam estar aqui, mas que se sentem representados por nós. Então, essa abertura aqui, Vereador Rudinei Lobo, é de extrema importância, gostaria de agradecer ao senhor, à sua assessoria na pessoa do Cristian, porque nunca antes na história de Sumaré, como bem disse a Edna (nossa querida amiga conselheira tutelar), nós tivemos um mandato com tantas Audiências Públicas para tratar sobre os mais diversos assuntos. E não é só mais um assunto, porque eu tenho certeza que daqui hoje, nós vamos sair com algumas medidas efetivas, das quais eu gostaria de começar sugerindo uma, que é uma Emenda na Lei que criou o Conselho Municipal de Direitos da Pessoa com Deficiência, para que a gente possa ter uma cadeira cativa de um Vereador. Quem sabe o Vereador que esteja na Presidência da Comissão de Direitos Humanos. Gente, é muito simples, viu, Vereador Ulisses? Hoje é o senhor que ocupa essa cadeira, né, na Presidência. Mas é muito importante que participe deste Conselho. O Conselho é quase que uma Audiência Pública dessa mensal, em que a gente reúne as entidades, reúne as pessoas, sociedade civil para falar a respeito da pessoa com deficiência e aí, quem sabe, Vereador Ulisses, Vereador Ney, que é novembro integrante

dessa Comissão, vocês possam trazer ao Conselho, os Projetos de Lei antes de dar o Parecer da Comissão, para que a gente possa, em conjunto com este Conselho, colaborar na construção desses Projetos de Lei, antes que eles venham para o Plenário a ser votados. Porque, vou dar um pequeno exemplo, nós tivemos um brilhante Projeto de Lei que saiu dessa Casa, que é a carteirinha de identificação, né? É muito importante, sem dúvidas! Mas, hoje, esse Projeto de Lei abrange apenas o autista e nós temos hoje um grande número de deficiências, só dentro do autismo temos o espectro, né, como foi bem dito anteriormente, que são incontáveis, sem dizer dos outros tipos de deficiência, que a gente precisava ter, sim, uma identificação. É fato que hoje o RG, né, a identificação (a célula de identidade, RG), se você for no Poupa Tempo fazê-lo e levar um laudo, vai vir com o CID, né? Mas isso, talvez, não é eficiente em alguns casos, tá? Então, é muito importante que, na formação desses projetos, Vereador Agostinho (Lucas Agostinho), a gente veja este olhar mais próximo, tá? Porque eu sei que hoje, né, para a gente entender este grande mundo, que é o mundo da pessoa com deficiência, a gente precisa estar em contato, diretamente, né? Seja através de um amigo, de um parente e aqui eu resgato os idos de 2015, 2016, quando eu conheci o Ney, e ele nem era Vereador ainda, e eu falava: “Ney, a gente precisa de você lá na Câmara, para fazer uns Projeto de Lei voltado a pessoa com deficiência”, e ele falava assim: “Mas não já tem um monte de Projeto?”, né, como a Dra. Solange falou. É um grande arcabouço legislativo, um supual(\*) de normas, né, doutora? Mas, ainda assim, parece que falta um pouco, falta uma coisinha aqui, outra ali, e a gente tem que ir adaptando, tem que ir mexendo, e é isso o nosso trabalho. Eu quero salientar aqui, que ninguém vai longe sozinho! Nós estamos aqui hoje unindo forças, e eu quero muito crer que não vai ficar só nesse bate-papo, que vai ficar só nessa Audiência Pública. O Presidente já deu abertura para mais encontros como esse, então, vamos aproveitar, vamos fazer, levar adiante, tá? Então, quero deixar aqui o meu registro, né, de um pedido já de uma ação, que a gente vai ter, sem dúvidas, um ganho gigantesco, que é a Emenda à Lei que criou o Conselho, para que vocês possam ter uma cadeira cativa lá, seja através da Comissão de Direitos Humanos, ou através de outro integrante do Parlamento, né? Claro, já vamos pensar no futuro, não vamos falar: “Vai ser o Vereador Ulisses”, não, vamos falar algum cargo dentro da Câmara, que esteja lá representando nas reuniões, é bem rápido, tá? É uma vez por mês que a gente se encontra, é uma coisa, assim, que dura duas horas, um pouquinho mais, um pouquinho menos. Hoje tem a plataforma híbrida, né, tem encontro tanto presencial, quanto virtual, e eu acho isso de extrema importância para que a gente possa integrar nesses Projetos. Deixo aqui o meu agradecimento especial a cada um que deixou sua casa, o seu lar, a sua família para estar aqui hoje debatendo sobre políticas públicas, porque a melhor política pública que pode existir para qualquer pessoa com deficiência, seja autista ou não, é realmente o outro ter empatia. Eu costumo dizer: “Com empatia, eu vou a qualquer lugar, eu faço qualquer coisa e eu vou onde eu sonhar”. Mas sem empatia, sem aquela famosa capacidade de se colocar no lugar do outro, de entender que aquela criança não está simplesmente fazendo uma birra, né (como muitos diziam, e hoje aqui), da possibilidade da gente levar esse pensamento a centenas, milhares de lares, com vocês compartilhando lá na rede de vocês, isso vai ser de extrema importância. Então, mais uma vez, muito obrigado. Quero colocar aqui o mandato do Deputado Dirceu Dalben à disposição, eu, enquanto representando ele nesta Audiência, quero colocar vocês à disposição, para que lá na esfera legislativa do Estado, a gente provoque algumas mudanças, como, por exemplo, o envio de Emendas Parlamentares que o Deputado tem feito, a Pestalozzi, a Apae, a Carinha de Anjo que ganhou agora status, né, vai ganhar, muito em breve, já está no Projeto lá o status de declaração de organização de utilidade pública, vai poder receber Emenda do Governo do Estado. E isso é muito importante, porque a Mirella tem uns sonhos, tem projetos, tem planos, e através dessas Emendas, esses planos vão ser concretizados, eu tenho certeza disso, viu, Mirella? Então, gente, vamos juntos, vamos unir

forças, vamos levar adiante, e o Presidente já deixou a abertura aqui na Câmara, nesse Poder Legislativo Municipal, vamos aproveitar disso. Viu, Presidente? A gente já espera ansiosos com o Vereador Rudinei, através da sua assessoria, marcar a próxima Audiência Pública aí, para a gente dar continuidade nesse trabalho. Então, mais uma vez, minha gratidão a todos, que Deus abençoe a cada um e que fiquem com Deus sempre confiantes de que nós vamos mudar se nós fizermos cada um a nossa parte, um pouquinho de cada, a gente chega lá! Muito obrigado! **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Obrigado, Dr. Jelres. [Aplausos] **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Pela participação, sempre importante nesta Casa de Leis. Ronaldo. [Risos] Fique à vontade, onde você quiser, na Tribuna, no microfone sem fio. Fique à vontade. **“Sr. Ronaldo”**: Boa noite! Bom, quero agradecer principalmente ao Cristian estar, por essa oportunidade. Todos que falaram aqui tem algum conhecimento, eu vejo alguns pais aqui, mas vocês puderam ver sobre o autismo, como o meu filho, na prática, meu filho, ele é PC, tá? Ele tem uma paralisia cerebral e autismo severo. Quando o nosso amigo falou que tem um filho especial também, sobre o autismo ter momento de graus diferentes, não é bem assim, quando ele é totalmente severo, ele fica severo o tempo todo, ele só se acalma com o Neuleptil, no caso do meu filho, começou com 1%, hoje ele está em 4%, não faz efeito. A política é muito bonita, as palavras são bonitas, mas os pais que não estão aqui hoje, para mostrar o filho correndo, o filho correndo para o banco de trás, eu criei o meu filho sozinho, é só eu e ele. Então, se alguém pergunta: “Por que é que não deixou essa criança em casa para poder vir aqui hoje?”. Porque eu não tenho com quem deixar. Eu sou formado em direito, trabalhei a vida inteira na área jurídica e quando tive diagnóstico do meu filho intraútero, a mãe abandonou, é uma história complicada, e eu comecei a cuidar do meu filho para que ele andasse, para que ele falasse. Quanto à carteirinha, Jelres, foi, eu passei esse Projeto para o Cristian, que é uma carteirinha que nada mais fala dos direitos que a gente tem. Mas o direito, é só palavra. Aqui mesmo, nós temos Leis que foram criadas que elas não são cumpridas. Eu tenho hoje aqui no Município, uma mágoa muito grande por muitos servidores, que essas Leis que foram criadas aqui, eu tenho direito a fralda, mesmo tendo uma formação, ter tido uma vida muito boa, eu parei com tudo para cuidar do meu filho. A Mirella, está aqui, ela sabe da minha história, pessoal da Pestalozzi sabe da minha história. É bonito ouvir esses pedidos, eles precisam, eles têm que existir, mas a realidade dessas pessoas que estão na fila de espera, que alguns estão ouvindo aqui, Vereadores, é triste! Eu tenho situações de... até o Condef, até, acho que a doutora pode até verificar essa situação que a Gorete falou, que se você tem um filho autista ou com qualquer deficiência, o único lugar no Município que tem tempo integral é uma escola do Estado. Essa escola do Estado, a partir do momento que você matrícula o teu filho, você perde o direito de ser atendido na Pestalozzi e na Apae. Essa, já existe uma denúncia no Ministério Público com o Dr. Denis(\*), através de uma mãe, e na Secretaria de Pessoa com Necessidade Especial. O Dr. Bruno (não o Dr. Bruno daqui, da Secretaria de Pessoa com Necessidade Especial) através da Célia Leão, teve acesso a esse contrato, que existe uma cláusula, que eu, como pai, vejo como um crime discriminatória, que o município que paga seu imposto aqui, não pode ser atendido nessas entidades se ele for matriculado nessa escola. E aí como é que fica a mãe? Como é que fica a criança? Isso eu passei, aí, eu acho que, eu não sei, o Condef deve ter conhecimento disso, não sei, deveria, ou já eu passei até para o Dr. Jelres. Mas como pai, sabe o lugar que mais traz paz para o meu filho, que ele se acalma? O lugar que quando eu chego, eu me sinto seguro? Porque lá eu não vejo um profissional, é na Carinha de Anjo. Aí você fala assim: “Pai, como é que é ter um filho do espectro autista com paralisia cerebral, com déficit de fator X, que ele não pode sangrar, que ele não pode cair, se ele cair, ele tem que, precisa ir para o hospital urgente, ele precisa de plasma”. “Pai, como é quando o seu filho está estereotipia?”. “Pai, como é que é o seu filho tem epilepsia de difícil controle? O autismo”. Não estou, é, talvez, uma das situações piores do meu filho, sem contar que ele teve uma falência

respiratória há pouco tempo, mas eu não tenho com quem contar. A última vez que eu estive na Prefeitura pedindo uma fralda (que é uma Lei que o Município fez, que eu tenho direito a isso), disse: “Não, você não pode pegar a quantidade que o médico indicou, é só uma quantidade mínima”, e me indicaram, indicaram para que eu procurasse o Judiciário. Tudo bem, peguei só a quantidade. Acreditem se quiser, eu peguei os medicamentos de alto custo (que é fornecido pelo Estado no mesmo local), e quando eu fui pegar a fralda, ele falou: “O senhor não pode pegar, porque é só no dia 15”. Falei: “Mas eu estou aqui já, e sempre era dia 4, já foi comprado”. Chamaram a Guarda Municipal, eu passei vergonha, passei vexame. Eu fiz a denúncia, o cara me agrediu. Eu liguei, a situação que a gente passa chega a ser humilhante. Aí quando eu liguei para o Cristian, liguei para o Digão, pessoas que eu conheço, “Ah, você está querendo dar carteirada?”. Não. Mas são essas pessoas que a gente corre atrás de voto, quando ele falou: “Quantidade de voto, quantidade de...” eu não me importo. Quando eu tinha condições, eu fui para Brasília (o Dr. Jelres sabe disso) para discutir sobre a liberação do Canabidiol, para que nós, como pais, pudéssemos ter um pouquinho mais de tranquilidade, ou não, se isso fizesse efeito. Mas eu fui atrás de Flávio, independente de quem estava lá, batia em um assim, olha: “Olha, por favor, eu preciso”. Isso não é vergonha nenhuma. “Olha, ô doutor, ô doutor, eu preciso, eu preciso disso”. Eu, hoje, dependo do Município, eu dependo das Leis. O pouco que vocês viram aí, já imagina: “Pô, Como é que ele faz para lavar, para passar, para cozinhar, para comprar remédio?”. As terapias que são fornecidas, que a doutora falou aqui, é essencial para que o meu filho... Isso não é, eu não queria ter um filho autista! Quem tem uma cicatriz, às vezes, fala: “Nossa, olha aqui o machucado”. Mas a dor daquela cicatriz, às vezes, foi um pai que fez, um filho que fez, isso aqui na minha testa foi meu filho. Ninguém sabe quantas vezes eu passei a madrugada chorando, pedindo para Deus para tirar a minha vida e a vida dele! Porque eu não sabia o que fazer. A humilhação que eu passei pedindo fralda. A humilhação, que, às vezes, você chega num lugar, e fala: “Poxa, eu preciso que o meu filho, através desse pedido médico, precise de uma terapia sensorial, indicada pelos próprios médicos dessa entidade”. E sabe o que a Prefeitura fez, doutores? Alegou que o meu filho estava fazendo essa terapia, que era uma terapia sensorial, que nós ganhamos essa ação e... a Prefeitura falou que ele estava fazendo, eu fui na Pestalozzi: “Ele não está fazendo”. E aí a Pestalozzi avisou a Prefeitura que ele não estava fazendo, ela litigou no Processo. O resumo é que meu filho não está fazendo e por isso que ele está cada vez pior. Agora ele precisa de um outro método, o método ABA. E essa situação do meu filho, ele passa para o filho do meu amigo ali, que passou a mesma coisa, e quando eu procurei os meus direitos, que vocês colocaram, que a doutora falou, eu procuro como pai, mas sabe como é que eu volto para casa? Com o meu filho gritando, esperneando. Meu filho está deitado numa salinha ali agora. Existe Lei, existe, sim, é muito bonito! Eu adoro, é a coisa que eu mais gosto é ler a lei, mas sabe aonde que eu vejo ela funcionando? Quando eu chego na Carinha de Anjo e vejo ela tratando meu filho; quando eu chego na Pestalozzi; quando eu ouvi ela falando que precisa. Mas, gente, todo mundo sabe aqui, que precisa, nós temos aqui, uma coisa política e tal, mas, eu vou embora com o meu filho agora, sem comer, porque não deu tempo, porque eu precisava vir aqui, quando ele acordar, ele vai gritar, vai se bater, vai me morder, ele faz tratamento na Unicamp, porque o nosso Município não tem esse tipo de coisa. E o que é que vai ser feito? “Ah, nós vamos começar daqui para frente”. Mas isso precisa de ontem, precisa para já, eu não tenho, tem mais como eu chegar amanhã, eu não fui pegar a fralda de vergonha, eu não tenho como chegar segunda-feira, falar assim: “Olha, o Presidente da Câmara, o Rudinei, o outro Vereador criou uma Lei”. Isso é um direito meu! Isso tem que parar! O filho das pessoas que estão aqui, já estão fazendo tratamento ou com plano, ou sem plano. A própria Pestalozzi, com todo respeito, dentro da Pestalozzi, tem uma parte que é paga e uma parte que não é paga, mas o meu filho não entende se é pago ou se não é pago, a própria doutora fala que, às vezes,

ele não entende a diferença de autonomia de lugares. Eu tenho que fazer o quê? Procurar a Justiça, sendo que a gente poderia, a gente não... Hortolândia. Hortolândia! Não estou comparando as cidades, mas lá as professoras não precisam ser acionadas pela Justiça, o próprio professor falou: “Olha, ele precisa de um professor auxiliar”, é dado! No meu caso e no caso das pessoas aqui, que é pedido pela Justiça, sabe como é feito? A Lei - me corrija, doutora, se eu estiver errado -, a Lei determina que essa profissional tem que ser especializada em TA, em TA não, especializada, eu chego na escola, eu coloco o meu filho lá, é como se estivesse jogando. Sabe o que é que a professora faz? Ela não tem o conhecimento necessário. Na sala do meu filho tem mais um monte de autista, ela fica assim, cuidando das pessoas que são típicas, né, digamos assim, normais, modo de dizer, e os autistas, as professoras que são indicadas através de um contrato, né, que é feito pela Pestalozzi e pedido pelo jurídico, sabe como é que essas crianças ficam? A professoras, que não tem a técnica, fica assim: “Ai, fica aqui, meu deus do céu” e depois fala: “Ele não aprende nada”. Bom, gente, eu não quero me estender, eu só quero falar para vocês que eu, como pai, não adianta eu tentar reclamar na Pestalozzi, ou tentar reclamar lá na Prefeitura, porque eles também são limitados; eu estou falando de mim, mas quantos pais que estão na fila de espera, Gorete, quantos pais que estão lá? Não é uma quantidade enorme? **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: No Projeto Foco no Autismo, hoje não vai ter mais ninguém, porque nós estamos colocando todos. Então, no Foco no Autismo, eu falo aquela criança que eu atendo, não vai ter fila de espera. **“Sr. Ronaldo”**: Não vai ter ou não tem? **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: Não tem. **“Sr. Ronaldo”**: Porque desde-- *[Falas sobrepostas]* **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: Vai colocar agora. Dia 24/06, todos os autistas que estão na lista de espera, vão ser... *[Falas sobrepostas]* **“Sr. Ronaldo”**: Então, vai colocar. Então, é isso que eu quero te dizer, quando vocês usam a fala: “Não vai ter”, mas tem. Gorete, o que eu estou te dizendo, no futuro. **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: Sim, lá é-- *[Falas sobrepostas]* **“Sr. Ronaldo”**: Então, mas eu estou te dizendo agora-- *[Falas sobrepostas]* **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: --todo dia. Todo dia chega. *[Falas sobrepostas]* **“Sr. Ronaldo”**: --esse todo dia aparece. **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: Todo dia. **“Sr. Ronaldo”**: O pai que está lá, enquanto que você fala: “Nós não vamos ter”, existe, tem, Gorete. Tem um pai lá agora que a criança não está dormindo, está se batendo, está se mordendo, Gorete. E aí quando ele procura uma escola para poder trabalhar, chega lá, sabe o que acontece? Não pode, porque se ele for trabalhar, ele perde esse direito. Bom, gente, me desculpa aí prolongar, eu tenho que cuidar do meu filho, eu só queria dizer para vocês que existe Lei, sim. Essa Casa fez, inclusive, algumas de fralda, existe uma fila enorme, não é na equoterapia? Na Carinha de Anjo. Às vezes, você vê uma criança ali se... “Mas, gente, porque é que ela não faz?”, “Ah, não tem dinheiro”, “Ah, procura isso, procura aquilo” e nada acontece. Bom, muito obrigado para vocês aí, desculpa o desabafo, é que, realmente, às vezes, a gente acaba falando coisas, assim, que a gente não queria, mas é a dor que a gente sente, é que nem a cicatriz. Eu estou indo embora com o meu filho agora. 3h, 2h30 da manhã é o horário que ele acorda para ficar se batendo, se mordendo, e eu não tenho o que fazer, porque o que poderia melhorar ele, até segundo a doutora, é o método ABA. E esse método ABA, dentro da própria Pestalozzi, é pago e eu não tenho como fazer isso. Bom, muito obrigado aí, tá? Ah, quero agradecer muito o Cristian, que tem um filho autista, que através dele, que nós estamos fazendo isso aqui hoje e corre atrás de algumas coisas, eu procuro vários Vereadores, procuro mesmo “Olha, está precisando de uma cadeira de roda ali, porque uma criança que tem paralisia de repente precisa, as professoras não conseguem carregar”. Até falei para o Cristian sobre isso, de colocar a cadeira de rodas para as professoras. É, já fez, né, a Lei. Então, é fazer cumprir, votos, meu, tudo bem, beleza, é legal, mas é muito mais honesto, muito digno, eu chegar na mão de cada um de vocês e falar: “Olha, eu estou com um problema”, do que eu falar assim para você: “Olha, se você fizer

isso, eu te dou um voto”. Nem pode ter mil pais aí com mil autistas, às vezes eles nem votam nisso. A nossa questão hoje, o foco é precisar do Poder Público, da política pública para nós, como pais. Muito obrigado, viu? Desculpa alguma fala, alguma coisa errada aí, está bom? **“Sr. Presidente “Willian Souza””**: Imagina, fica à vontade. [Aplausos] **“Sr. Presidente “Willian Souza””**: Ana Cléia, Secretária de Inclusão Social do nosso Município, fique à vontade. **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: Boa noite, Presidente! Boa noite, através do Presidente da Câmara, Willian Souza! Quero aqui agradecer a presença de todos os Vereadores. Através do Nobre Vereador Rudinei Lobo e do Cristian (se assim me permite, né?), quero agradecer a presença de todos os pais e ativistas na causa, né? Através das palestrantes, né, da Dra. Solange e da... da? Fugiu o nome [Risos] da Tamiris, né, que foi brilhante a aula que foi dada, né, e foi um grande aprendizado para nós. Eu queria agradecer, né, a todas as mulheres, mães e as demais profissionais que atuam. Meu nome é Ana Cléia, estou como Secretaria da Assistência Social do nosso Município. Eu ouvi muito e estou tentando aqui fugir um pouco do que eu vim para falar, né, porque são demandas legítimas, né, que a gente compreende e se sensibiliza enquanto gestão pública, né, e sempre seguindo a orientação do nosso Prefeito Luiz Dalben. Ele busca e nos orienta sempre, enquanto secretários, né, a fazer o nosso melhor, e o nosso melhor, se estamos, né, é nesse espaço de poder sendo, né, os cargos aqui do Legislativo, o cargo do Executivo é para servir da melhor forma a população. Então, a todo momento, nós somos cobrados, né? Dentro da política de Assistência Social, a política de Assistência Social, ela trabalha na proteção social para a garantia de direitos, olhando a família, olhando o indivíduo, né? E nós temos em todos os territórios, nós temos os Cras (que é o Centro de Referência de Assistência Social), temos o Creas, que já é para a média complexidade, para fazer, né, determinadas intervenções, no caso de violação de direitos. A Secretaria, ela tem diversos serviços conveniados com OSCs(F) no Município, OSCs(F) que estão tipificadas dentro do serviço de assistência social, da Política Nacional de Assistência Social, melhor dizendo, né? Temos a Apae, temos Pestalozzi, Centro Dia, e eu ia perguntar, Maria Gorete, essas crianças que, no qual você estava falando de diagnóstico, né, elas estão no Centro Dia ou no serviço de vocês vinculado à educação? **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: Eu estou falando do Projeto Foco no Autismo, aonde eu sou assistente social, tá? **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: Hã. **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: Então, essas que estão com problema de laudo, diagnóstico, é Foco no Autismo. **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: Tá, que não são do convênio? **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: Tem do convênio. [Falas sobrepostas] **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: Está no convênio? **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: Tem na Secretaria. Tem, Secretaria da Educação. **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: Da Educação. **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: Sim. **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: Tá. Na Secretaria de Educação, não vou aqui falar em nome de outras Secretarias, mas também eu, eu gostaria de falar, porque assim, a gestão pública, ela é intersetorial, ela tem que ser, e nós sabemos do trabalho sério que é realizado pela educação, assim como pela saúde, e aí o que falta, de repente, eu acho que, de repente, é aquilo que a gente fala dentro da própria Assistência, não é Maria Gorete? Muitas vezes o trabalho em rede, o fortalecimento da rede de apoio. Não só da família para com a comunidade, mas também das políticas públicas já existentes para consolidar. Então, por exemplo, tem o Cirase, que tem a equipe multidisciplinar, que tem os atendimentos voltados à educação, ao público da educação municipal, né? Aí tem essa separação dentro do Foco ao Autismo? O que já é atendido pelo Cirase, assistido, e os que não são? **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: Olha, o Cirase, eles estão encaminhando os autistas para ser atendido na Pestalozzi, inclusive, nós estamos recebendo crianças do Cirase com o mesmo problema, sem o diagnóstico de autista. Quem está dando o diagnóstico são as psicólogas, e a gente não consegue trabalhar só com o diagnóstico do psicólogo, precisaria, no caso, do psiquiatra ou neuro. Então, nós estamos, assim, com mesma

situação, até hoje mesmo conversei com a Lucena sobre isso, tá? **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: Então, porque, e se existe um serviço, de repente, né, entender aí essa, já a equipe multidisciplinar existente no município, para, né, diagnosticar, então. E aí tem as meninas aqui que eu vi, do núcleo de inclusão da educação, né? Que, eu acredito, que direto vocês estão em contato e que estão, mesmo o pessoal da saúde, que estão acolhendo aqui, né, todas essas informações para esse fortalecimento e serviço, né, da rede. **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: Faltando mesmo é o trabalho em rede junto com a saúde. *[Falas sobrepostas]* **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: Sim. **“Sra. Maria Gorete de Camargo Funes”**: Tá? Porque a gente trabalha muito, como eu falei, a gente trabalha muito bem com a educação, tá? Mas, e também, no caso, se a gente tivesse um psiquiatra, alguma coisa na rede que a gente pudesse, “Não, vamos se encontrar essa semana, vamos discutir tal caso?”. Era isso que precisava. Porque nós temos um trabalho muito bom em rede, enquanto educação, tá? Saúde também? Também, mas falta isso. **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: Tá. Então, desculpa, eu só estou falando para eu também conseguir, porque para mim é novo, né, é novo e, vamos dizer assim, é um, é uma... o reconhecimento do transtorno do espectro autismo, como deficiência e entendendo também para o Suas, né, para a Política de Assistência Social, ele é algo novo. E tudo que é novo, ele requer o quê? Esse caminho aqui, Audiência Pública, mas que não é uma falta de políticas públicas existentes, o que a gente precisa é encontrar caminhos para o fortalecimento dessas políticas públicas existentes, tá? Então, nessa fala, eu já discordo de algumas situações, porque, mas, por favor, tenho total empatia por entender, enquanto uma mãe ou um pai de filho autista, me sentir sozinho naquele momento, né? Mas o que vocês estão fazendo aqui está, é legítimo, e não tem como, sabe, falarmos ao contrário. Então, dentro da política de assistência social, é difícil até dimensionar, gente, estatisticamente, eu fiz um levantamento. Então, por exemplo, no Município, porque está lá todas as deficiências juntas. Então, se, nós temos no Cadastro Único, na extrema pobreza e na linha da pobreza, que é o público da assistência (então, nós não estamos falando dos demais que estão fora e que também têm deficiência, né?) que recebem BPC no Município, nós temos 1.848 pessoas, né? Dentro desse universo, do público de pobreza e extrema pobreza, né? Se nós colocarmos aí um número considerável de cinco pessoas por família, porque a família, ela é afetada, né? Porque a família também precisa, o cuidador precisa de cuidado, como bem foi colocado aqui, né? Olha o universo em que a assistência tem que olhar para poder olhar esse todo, né? A assistência, ela é uma política pública que ela realiza a articulação com demais políticas. Então, dentro, a partir do momento que o transtorno do espectro autista foi reconhecido como uma deficiência, né, o que a Assistência Social, ela entende? Olha, esse indivíduo, para ter o seu direito garantido conforme pede a Constituição, direito, né, à igualdade, ele tem uma barreira muito grande, ele tem um obstáculo para conseguir chegar naquele pé de igualdade ali, é onde tem que agir. Então, a assistência, ela tem serviços conveniados, né, na proteção básica, que são os serviços de convivência; temos na proteção média, que são os Centros Dias, Apaes, Pestalozzi; temos na alta complexidade, que temos os acolhimentos. Então, hoje, dentro desses serviços da assistência, o que nós conseguimos diagnosticar, estamos com uma quantidade de crianças e adolescentes jovens e adultos com diagnóstico de TEA ou investigação. Então, são 40 no total, 80%, gente, do sexo masculino; com laudo, nós temos 18 e em investigação, nós temos 22 hoje, dentro desses nossos serviços, que é o serviço de convivência, né, que nós temos 1.518, entre crianças e adolescentes; Programa Criança Feliz, que nós acompanhamos 600 famílias no Município; serviço de medida socioeducativa, que é da proteção média, que é o Liberdade, né, Assistida, nós temos também; o Centro Dia, que são os dois, temos três casos diagnosticados, entre os dois serviços; e na Casa de Acolhimento, nós temos um caso também laudado. E, para chegar nesse diagnóstico, também ele é moroso por conta da complexidade, ele é multifacetado, um pouquinho do que eu li aqui. E aí tem opiniões divergentes.

Até, como, às vezes, vocês mesmos, né, que vivenciam no dia a dia (eu posso estar equivocada, mas que eu percebi) que, por exemplo, o amigo aqui, ele tem uma visão do que seria melhor a ser aplicado, a Dra. Solange tem uma outra forma de pensar, a Dra. Tamiris apresentou com muita propriedade e tem um outro entendimento, não é? Então, pais têm vivências diferentes e visões diferentes. Então, para consolidar a política pública e para a gente conseguir avançar, a gente precisa também, diante desse novo, né, buscar essa forma e fazer, realizar esses encaminhamentos para o fortalecimento de rede. Mas aí falar da ausência de política pública, aí eu não concordo, entende? O que a gente precisa é de diretrizes e reforçar. Então, é nesse sentido, e eu achei, assim, muito saudável, estou achando muito saudável a conversa, tá? Estou com a Secretaria de Inclusão de portas abertas para recebê-los, tá? No que a gente puder conversar, no que a gente puder dialogar, no que a gente puder articular com demais Secretarias, a Raíssa, ela é a Secretaria da Alta Complexidade... ela é da nossa Secretaria, o apoio técnico de alta complexidade, e ela substituiu a Dra. Solange, né, no Condef, está junto lá no dia a dia. A saúde está num processo licitatório da Lei da carteirinha do autismo, né, porque nós já havíamos conversado. Havíamos conversado (a Dra. Solange ainda estava na coordenação do Condef e junto a Raíssa e aos demais membros), haviam falado da carteirinha para as demais deficiências, né? Então, eu acho que é colocar em prática e assim eu dou a carteirinha do autismo, também havia conversado com o Bruno, o Bruno falou que está nesse processo licitatório, né, para começar a funcionar. E acho que é isso, eu acho que é esse direcionamento. Mas, assim, tenham toda a nossa empatia, né? O nosso Governo, ele não olha voto, não, não é voto, isso é uma coisa que a gente tem que ter e a gente tem essa questão da humanização, ela é necessária, né, a todo o momento. Então, a gente precisa ter esses espaços de acolhida, de escuta e de forma tão respeitosa como está sendo essa Audiência, conseguir produzir, né, encaminhamentos palpáveis para conseguir avançar. De repente não dá para ser feito o todo, mas dá para começar, né? Então, vamos, vamos iniciar. Então, assim, eu só tenho a agradecer a todos vocês, pelo aprendizado de hoje, e a gente está disposto, tá, a conversar e, no que for necessário, avançar aí nos diálogos com a gestão, tá? Muito obrigada, viu?! [Aplausos] **“Sr. Presidente “Willian Souza”:** Obrigado, Ana. Passar ao Marcelo agora. **“Sr. Marcelo Medeiros”:** Bem, boa noite! Sou Marcelo Medeiros, estou representando aqui a Roda de Conversa Autismo em Prática. Nós realizamos mensalmente (toda a última quinta-feira do mês) uma roda de conversa com pais e amigos de autistas, aonde o objetivo é acolher e orientar as famílias. É um déficit que foi comentado e que... um assunto que foi comentado que é um déficit, que tem que se trabalhar e tratar as famílias que estão doentes, né? E eu sou pai de autista, eu tenho um filho que vai fazer 10 anos; por opção, acabei abandonado minha carreira profissional, tudo mais e eu me dedico ao meu filho hoje. Entendo perfeitamente o que o Ronaldo comentou, porque as dificuldades que ele passa, eu também passo. E, assim, Ana Clélia, eu queria comentar até um ponto que você comentou, sobre as divergências que existem entre os pais. Na verdade, não é que são divergências, é que se a gente pegar aqui o filho de cada um, o espectro é muito grande. Então, de repente, assim, o que para mim funciona, se eu, não funciona eu pegar o filho do Rogério, do Ronaldo. Então, isso aí é muito confuso. E, assim, dentro desse ponto, é até uma das propostas que eu vim aqui trazer para vocês, é de repente a gente pensar em criar um comitê para se discutir... [Manifestações fora do microfone] **“Sr. Marcelo Medeiros”:** Exatamente. Então, eu acho que isso se quadra aí dentro do... para os Vereadores, também no seu caso, né, dentro do seu departamento, para a gente começar a discutir e entender um pouco mais sobre isso. É claro que o trabalho tem um início, meio e fim, a gente tem que começar com algo que pegue a maioria, mas ir afunilando até que a gente chegue aí na perfeição. Eu acho que a fala da Dra. Tamiris, da Dra. Solange foram muito produtivas. Elas representam um sonho de todo mundo, infelizmente não a realidade, existe um abismo muito grande entre esse sonho essa realidade. Nós temos uma situação

onde para se tornar esse sonho realidade, necessita de dinheiro, ou seja, hoje, através de liminares, seja contra o órgão público ou privado, no caso, o plano de saúde (não vamos entrar no meio desse vespeiro aí, que eu quero ser bem objetivo, né?). Um segundo ponto, né, que a gente também falou, né, a questão dos pais serem maestros, né? A gente tem que aprender numa velocidade muito rápida sobre esse monte de informação, sobre esse monte de dificuldade no momento totalmente turbulento, onde estamos psicologicamente bastante abalados, né? E um ponto que é importante, que aí é onde eu chamo a atenção da importância da velocidade, é que existe um negócio chamado “podas neurais”. Rogério fala muito nisso, acho que a doutora também pode, pode complementar. Então, assim - me corrijam - é quatro, sete, 16 anos, é isso? São as três podas? *[Manifestações fora do microfone]* **“Sr. Marcelo Medeiros”**: Perfeito! Ou seja, a grosso modo, nós temos até os 16 anos dos nossos filhos para desenvolvê-los. E, assim, é uma corrida contra o tempo. É por isso que, esse é um ponto, assim, muito importante, que eu chamo atenção de vocês, que nós precisamos de políticas públicas eficientes e rápidas para tratar esse caso. Porque, assim, o tempo voa, o meu filho, eu tive diagnóstico com dois anos e meio, ele já está com dez, e eu tenho um monte de dificuldade ainda com ele. Então, assim, parece que você, no ditado popular, né, “cada enxadada é uma minhoca”, né, meu? A gente, cada hora aparece um negócio novo, e a gente tem que estudar, se aprofundar, entender cada vez mais. Então, assim, é um negócio bastante, bastante complicado e difícil para nós, como pais. Um outro ponto que vocês tocaram também, a questão da carteirinha, né? Eu concordo plenamente com o que Dr. Jelres comentou, a Adriana tinha falado ontem também, de incluir outras deficiências. Mas eu acho que o primeiro passo que tem que ser dado é: implantar. Implantar a carteirinha! Porque, assim, é uma Lei Federal e Municipal, já foi aprovada há bastante tempo, e a gente não vê isso na prática. Qual que é a importância disso? É a gente ter um senso. Então, a gente precisa disso com urgência, estamos falando de autismo, mas eu concordo com os amigos aqui, de ampliar esse senso, mas é algo que a Cidade é carente. Bom, já falei do Comitê. Bom, gente, a grosso modo são esses, esses pontos que eu tenho para falar, não quero me estender, eu acho que o tempo está curto para todo mundo. Eu tenho aqui alguns agradecimentos especiais, à Equoterapia Carinha de Anjo, a Mirela tem sido um... tem dado um apoio fantástico para a minha família; à Pestalozzi, também tem feito um trabalho magnífico na integração e na orientação; e agradecer a todos vocês aí, pela oportunidade de a gente poder ser ouvido e que tenhamos, que tenhamos não, que seja dado sequência nesse trabalho, eu acho que é o principal e o mais importante para o sucesso de todo mundo aqui. Muito obrigado. *[Aplausos]* **“Vereador “Rudinei Olívio Lobo”**: Ô Presidente, questão de ordem aqui. **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Questão... Vereador Rudinei. *[Falas sobrepostas]* **“Vereador “Rudinei Olívio Lobo”**: Só uma pergunta para não atrapalhar o decorrer aqui da Audiência. A gente falou da educação e da saúde, alguém aqui já teve problema com Segurança Pública? Porque a criança com autismo, ele tem problema com som alto. E a gente tem uma, né, uma Comissão aqui na Câmara também, a gente está acompanhando também, fazendo Audiências Públicas, a respeito do som, né? E esses dias, chegou no meu celular, o relato de barulho muito forte, e a criança, né, o filho estava incomodado com isso aí, e se alguém depois puder falar, também é bom que a gente vai marcando aqui, para a gente poder tocar depois as demandas para frente, está bom? Obrigado. **“Sr. Rogério Borges”**: Pela ordem, Presidente-- *[Falas sobrepostas]* **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Passar... **“Sr. Rogério Borges”**: --só para comentar isso bem rápido. **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Sim. **“Sr. Rogério Borges”**: Eu tenho uma opinião muito particular sobre isso, Rudinei. No logotipo da roda de conversa criada pelo Carlos (que está ali sentado), ele escreveu uma frase - me corrige, Carlos, se eu tiver enganado - “Meu mundo” - é isso? - . É um mundo, uma figura de um mundo, né, e ali representa o autista podendo, de forma integral, ter o mundo para ele, né? E hoje existem tecnologias, e recursos e acessórios que a gente pode fazer

contenção com relação a essa questão do barulho. Eu não gosto muito dessa ideia de eu cercar um bairro inteiro, um quarteirão inteiro por causa do meu filho autista. A minha filha, a Bianca, ela, todo culto na igreja, a gente vê lá que ela está assim, procurando se - me corrige, Tamiris - regular, né, ela está se regulando ali para ela conseguir ouvir e também não entrar numa crise. E a gente ensinou algumas técnicas para ela, com a ajuda das terapeutas, e, assim, foi tranquilo. Claro, existe um caso diferente, o espectro é gigante, mas eu acho que não faz sentido eu cercar o coletivo por causa do meu filho, né? Aí eu, no meu ponto de vista, eu acho que eu estaria sendo muito egoísta. **Sr. Presidente “Willian Souza”**: Continuar aqui, Adriana. **“Sra. Adriana Cristino”**: Boa noite mais uma vez. Obrigada pela oportunidade da fala. Meu nome é Adriana Cristino, agora estou para representar a Apae, que, no momento, eu estou como Vice-Presidente e aqui estou para representar essa noite. Sou mãe também de um autista de 16 anos hoje, severo e aluno da Apae desde bebê. Então, aqui estou representando, primeiramente, a parte da saúde, né? Na Apae, que é o foco hoje, das terapias. E estive por um período com a diretora Cláudia, onde me passou como está a demanda hoje da Apae. Então, assim, em 2021, já se observou, que os, chegando os, de zero, de dois a quatro anos, os assistidos de dois a quatro anos, já estavam sendo encaminhados para o Programa de Estimulação Essencial, que são os precoces. Só que estavam analisando que eles, dentro da, que apresentavam, né, não apresentava boa adaptação com a seletividade deles, né, não se adequava ao programa. Então, foi pensado e estudado com o que a gente tinha mão, né, com os terapeutas que tinha em mão, o mínimo ali, uma equipe mínima de psicólogo, terapia ocupacional mais fonoaudiologista, e formaram uma outra análise de comportamento aplicado. Hoje, nós, na Apae, não temos o ABA, né, infelizmente, mas eu acredito que é uma coisa que para o futuro, vai ter que ser aplicado, mas para isso precisamos de treinamentos, todos bem treinados para isso, né? Então, há uma esperança muito grande que isso aconteça em breve. Mas analisando tudo isso, estudando com o que tinha, com o que tem na mão, essa equipe mínima hoje está conseguindo fazer um trabalho, e iniciou com 24 assistidos (dentro desse período) e viram que, rapidamente, com a metade, já conseguiram atender um avanço muito bom. E isso sem o ABA, né? Só com o treinamento interno mesmo, com o que se pode trabalhar, né, no momento. E com o atendimento de uma hora, com os profissionais, e está dando super certo. Treze, ainda está no programa, e os outros, né, dentro dos 24, já conseguiram um bom avanço aí no projeto. Então, isso mostra que está no caminho certo e tem tudo para melhorar, né? Então, hoje nós temos de zero a quatro anos, 95 autistas, 24 na triagem, já para atendimento breve, tá? Não tem uma lista de espera no momento, porque de zero a quatro anos, realmente, tem o atendimento precoce. Só que já foi encaminhado para o departamento da saúde que, a partir desse, já não temos mais vaga, infelizmente, porque aquilo que o Ronaldo falou, não tem hoje, mas vai chegar. É uma demanda que está crescendo muito. Então, a gente não sabe como que vai ser para os 24 que já estão na triagem, vamos atender, mas a partir daí, vamos precisar de uma ajuda, né, de todos aí para se adequar, com certeza, à equipe. Acima de quatro anos temos 93 autistas, entre escola e AEE, tá? AEE já entra com os que têm a qualificação de se manter na escola da Apae, entra aquela situação, também, da escola municipal, tivemos uma perda bastante, quando tem o início da escola estadual, como foi falado aqui. Então, isso é uma pena, que isso tem que ser corrigido, né, o mais rápido possível, porque está judiando, está judiando bastante. E a gente pede apoio aí, né, de todos, para que a gente consiga expandir mais essa parte da saúde, com melhoria de profissionais, que também, não é só um déficit da Apae, é uma falta do mercado ter o profissional qualificado em todos os lugares, né? A Tamiris falou que no Ser, também, está em falta; com certeza, a Pestalozzi, tenho o conhecimento de outras Apaes de outra cidade, não ter profissional, está faltando, não, por não poder contratar, e sim a falta de demanda mesmo, né? Então, é uma pena que isso seja corrigido aí com os futuros profissionais que abraçam a causa e tem amor, porque para

trabalhar na Apae, na Pestalozzi, e na futura Carinha de Anjo tem que ter muito amor, e adaptação, treinamento no geral. Agora, eu vou falar um pouquinho como mãe, tá? Eu peço, pelo amor de Deus, dá uma revista na Lei da Fralda; eu, como mãe, eu acho que o severo, né, igual o meu filho tem 16 anos, pensa numa mãe que compra fralda há 16 anos, eu acho que eu compraria, acho que uns três carros já, [Risos], então, não está fácil. Eu, por um período consegui, né, acho que três anos eu consegui, que na época que me ligaram: “Ah, você conseguiu?” Eu até sentei na cama, eu falei: “Você tem certeza que é para mim?” Mas, infelizmente, só foi por três anos, e fui cortada por causa de renda. Mas eu acho que quando uma família está no severo, não tem renda que aguenta, não tem renda. Então, eu acho que isso tem que ser mudado urgente, porque não é só por mim, vários estão na mesma situação, não é fácil comprar fralda, e eu estou nessa situação, e o meu filho não usa só fralda, eu ainda tenho que comprar um absorvente, agora eu estou estudando até fralda ecológica, para ver se eu consigo uma economia, porque eu não sei mais o que fazer. Então, eu preciso dessa revisão aí, porque não está dando, tá bom? Muito obrigada a todos. [Aplausos] **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Obrigado, Adriana. Agora quem está com a palavra... tem hora que nem eu entendo a minha letra, viu? Vocês, também, acontece isso com vocês também? Fala que sim, por favor. Eurenice(F) é isso? Erineia(F)? Também, Lucas. Eneia(F), desculpa, com a palavra, fica à vontade, viu? **“Sra. Eneia(F)”**: Eu tenho que falar daqui ou eu posso ir aí? **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Onde quiser, fica à vontade, será um prazer recebê-la aqui. **“Sra. Eneia(F)”**: Boa noite a todos! Eu agradeço, imensamente, o convite que me fizeram de estar aqui hoje. Eu vou ficar até aqui no meio para que todos possam me ver. Eu sou mãe de um autista, severo, de 34 anos, que na fala, no papel, tudo é muito simples e muito fácil. Mas que, na realidade, não é. Aqui, diante de todos vós, para que todos possam me ver, eis uma mãe, extremamente, cansada, exausta, que cuida do meu filho há 34 anos sozinha, sem apoio de nenhum lugar, nenhum! Sabe por quê? Porque, além do meu filho ser autista, ele ainda é deficiente visual, sabe por quê? Porque no seu nascimento houve um erro médico, e ele foi, ele precisou ficar na incubadora e não tamparam os olhos dele. E aí, ele teve seqüela, ele teve cicatrizes de fundo de olho, e ele só enxergava vultos. Agora, pensa, uma criança autista e deficiente visual severa, também. Como foi difícil a minha vida. Mas vamos seguindo. Bate numa porta: “Não”. Bate em outra: “Não”. “Aqui não pode, porque aqui, só se fosse autista”. Vai na outra: “Aqui não pode, porque ele é deficiente visual. Se fosse só visual, a gente pegava ele”. E essa foi a luta, a vida toda. Resumindo: 34 anos sem apoio de nada! De nada, sozinha. Nós, mães de autista, eu acho que tem algumas aqui, só nós sabemos o que nós sofremos. Nós somos sozinhas, porque o pai não aguenta e vai embora; os irmãos crescem e vai embora também, porque ninguém quer saber! O autista grita, o autista cospe, ele bate, ele é violento, ele quebra, ele é amoroso, também. Ele não tem culpa de tudo o que acontece, porque, infelizmente, ele é invisível, e a mãe do autista é invisível também. Não se tem política pública para altíssimo e nem para mães de autista, eu falo “mães”, porque na grande maioria é mãe! Não é pai. Eu vi um pai aqui, fiquei muito admirada. Parabéns para esse pai, porque a maioria vai embora. E o que é que acontece? Em 34 anos, eu aprendi o que você palestrou aqui, a lide com o meu filho, sabe como? Sozinha. Sozinha. Sabe quem que me ajudou? Quem que me orientou? Quem me capacitou? Foi Deus, foi Ele que me capacitou, sabe? Porque Ele me deu um amor tão grande, que eu fui aprendendo a lide com ele. Só eu sei lide com ele. A mãe do autista, ela não pode sair; a mãe do autista não tem folga; a mãe do autista não tira férias; a mãe do autista não pode se divertir; a mãe do autista, eu estou falando a mãe do autista pobre, da grande maioria, mesmo as que têm condições, sofrem também, só que nós as mães mais pobres, sofremos mais, por quê? Porque a gente não tem condições, a gente é sozinha. E a gente vai se fechando junto com o filho da gente, a gente fica invisível. E o que é que acontece? Eu vou falar de mim, eu não tenho o direito de, hoje, vamos supor, acordar e dizer assim: “Eu não

estou bem”. 34 anos cuidando dele. Eu não tenho esse direito. Eu não tenho o direito de fechar a porta do meu quarto e falar assim: “Eu vou ficar hoje aqui, eu não vou levantar, eu vou ficar dormindo, porque eu não estou bem”. Eu não posso. Eu tenho que estar bem sempre! Sem estar, mas eu tenho que estar, por quê? Porque ele depende de mim para tudo. Ele levanta de manhã, eu tenho que fazer toda a rotina dele, todos os dias, e tem que ser eu. Então, eu não posso descansar a minha mente, porque ele está 24 horas comigo. Eu passei por um episódio terrível, agora, há dois meses atrás. O meu filho entrou em crise violenta, muita forte. E para onde eu vou com uma criança, aliás, há dois anos atrás, eu estou vendo que a medicação já não está fazendo mais efeito. Vou no médico, atrás, procuro ajuda e não tenho, porque é muito fácil, o médico, muitas vezes, ele só prescreve, mas ele não sente a dor que está por trás da gente, ele não sente. Há alguns, né? Alguns sentem, a grande maioria, não. Essa que é a verdade. E, então, eu estava vendo que o meu filho estava entrando em crise, porque a medicação já não estava fazendo mais efeito. Ele não dorme, ele não dormia nada! Aí, pensa, ficar a noite toda sem dormir, porque ele me cutucava a noite toda, sem dormir. Alguém sabia disso? O Prefeito sabia disso? O Vereador sabia disso? O médico, o psicólogo, não! Porque ele não tem assistência nenhuma, né? Então, o que aconteceu? Eu fui buscar ajuda, pedi socorro, ninguém me socorreu! “Ah, mas aqui não é lugar para isso”. “Ah, mas aqui não dá”. Levei para o UPA, porque não tem convênio médico, fui para o UPA. Chegou lá, eu conversei com o médico, falei: “Doutor, me socorre, pelo amor de Deus?! Meu filho está assim, está assado”. “Ah, mas eu não posso fazer nada”. “Ah, você não pode fazer nada? Então, o que é que eu faço?” “Ah, toma medicação”, e nada resolve. No outro dia, outro médico; no outro dia, outro médico; no outro dia, outro médico; e tome seis injeção, e tome 12 injeção, e toma aquele monte de remédio e nada. Aí, voltei de novo, falei: “Doutor, pelo amor de Deus, eu já estive aqui várias noites, me ajuda”. “Ah, vem aqui falar com a assistente social”. Fui de dia, procurei a assistência social, falei: “Me ajuda, pelo amor de Deus, me socorre, eu não aguento mais! Eu estou exalta”. “Eu não tenho que fazer isso aqui, é o médico que tem que fazer”. Tá bom. “Aqui só interna se for em crise, surtado”. “Tá, então, você não vai me ajudar?” “Não, eu vou te dar uma cartinha para você ir para o Caps”. “Tá bom”. Nesse meio tempo, eu peguei meu filho, dei a volta, quando chegou ali perto da emergência, na UPA, acho que todo mundo conhece aqui, ele surtou, mas literalmente, aí eu voltei, pedi ajuda, voltei lá, a assistente social veio correndo, eu falei: “Agora você está feliz? Você não queria ver um surto? Precisou o surto? Está aí, e agora, você vai me ajudar?” Aí, internou ele. Foi um horror, um horror, foi uma sessão de horror! De horror! Ele ficou uma semana amarrado, amarrado, gritando e pulando, dia e noite, dia e noite, nada, remédio nenhum fazia ele dormir. Durante essa semana que ele ficou no UPA, ele ficou tomando sedativo para entubar uma pessoa, e, mesmo assim, ele não dormiu! Todos ali ficaram passados de ver aquilo. Resumindo a história, para não tomar muito tempo. Eu via que não tinha jeito, pedindo socorro, fui no Ministério Público, e pedindo socorro daqui, dali, porque eles iam matar o meu filho. E eu falando com o médico: “Isso aqui não é tratamento para autista, e eu não vou deixar levar ele para um hospital psiquiátrico, porque se levarem ele para um hospital psiquiátrico, é assinar o atestado de óbito, porque não é lugar para ele”. Resumindo, nada acontecia, ninguém sabia para onde levar, porque não tem, não tem lugar para levar, não tem um lugar específico que cuida de autista, não tem. Então, o que é que eu pensei, falei: “Senhor, me ajuda, porque eu só tenho o Senhor, me dá uma luz, o que eu faço?” O médico veio, as enfermeiras veio para aplicar mais medicação nele, mais forte para sedar uma pessoa, para entubar uma pessoa. Eu tenho tudo filmado e fotografado. Eu falei: “Pode parar, ninguém vai aplicar mais nada nele, chega! Solta ele. Solta ele, que ele não vai ficar amarrado, isso aqui não é tratamento para um autista”. Soltou, no que soltou ele, parecia um bicho amarrado, uma coisa horrível, horrível! No que soltou ele, que ele ouviu eu falar: “Ninguém vai aplicar mais nada nele, e ele vai embora”. Ele parou. Ele

cessou. Eu entendi o pedido de socorro dele, que ninguém via e ninguém enxergava, era um bicho que estava ali, entendeu? Resumindo, apareceu, né, também, um médico para me ajudar, Dr. Aluísio, o Dr. Aluísio foi lá, constatou tudo isso que eu estou dizendo aqui, o médico está ali, ele constatou tudo isso, e eu fui para casa com ele, continuou sem dormir. Mas aí, eu já tinha alguém me ajudando, levava lá, e dava uma medicação e dava outra, até que agora, hoje, ele está melhor em casa. Mas eu queria dizer aqui para todos vocês que, da mesma maneira que tem o meu filho de 34 anos, que está lá invisível, tem muitos outros, e eu sei disso. Eu não sei se isso, é, acho que vocês não sabem, mas existem muitos, sabe? Existem mães de autistas se suicidando, porque não aguenta mais! Não tem para onde ir, não tem para onde correr! Nós, além de tudo isso que a gente passa, a gente é julgada, é criticada, porque as pessoas de fora só sabem criticar a gente: “Ah, por que é que você não fez isso? Por que é que seu filho não vai para escola? Ah, mas por quê?” Você é a culpada, entendeu? De tudo. Você não pode trabalhar, viu? Dr. Willian. Pelo amor de Deus, aqui é um pedido de uma mãe, uma mãe exausta, desesperada, que não sabe mais o que fazer, e por conta de estar passando por todo esse processo, que ninguém sabe, porque a gente está ali. Porque você não vai ficar falando para o vizinho, para o sicrano: “Oh, olha, meu filho grita, viu?” “Olha, hoje ele está em crise”. É sua vida. Por conta de todo esse processo que eu passei, até denunciada eu fui. Então, além de tudo isso que eu passo, ainda existe pessoas que denuncia a gente por maus tratos, sabe? Ajudar, não aparece. Eu fui denunciada num órgão da Prefeitura, se eu não me engano, é Creas, ele foi na minha casa, constatou, eu falei: “Você constatou que o meu filho não é mal tratado? Tá, e agora? Você veio só fiscalizar? E ajudar?” Ajuda não tem, entendeu? Sabe quantos banhos o meu filho toma por dia? Se eu falar aqui, vocês vão falar assim: “Ela é louca”. Tem dia que ele toma 50 banhos por dia, entendeu? É o modo que ele tem de se acalmar. Aí, ele vai para o banheiro e sai, vai para o banheiro, sai. Quem é pai de autista severo, sabe o que eu estou falando. E sabe o que acontece? A conta de água, ela chega! E eu tenho que pagar! Eu não sou isenta de imposto, eu não sou isenta de nada, sabe? Sabe o Loas? Os pais de baixa renda, é uma vergonha! Você perdoa o jeito de eu falar, perdoa, mas é uma vergonha. Mãe que recebe Loas, ela não pode trabalhar, ela já não pode mesmo, mas pela Lei, ela não pode, porque se trabalhar, ela perde, entendeu? Então, políticos - que a Lei sai daqui, né? -, nós, mães, precisamos de política para nós também! Porque nós cuidamos deles, entendeu? Eu cuido do meu filho, ele está com 34 anos, eu não sei se ele vai primeiro que eu, se eu vou primeiro, eu não sei, mas se eu não morrer, eu vou ficar velha, e aí? Será que alguém vai pensar em mim? “Aquela mãe cuidou 34 anos de um autista severo, sem ajuda da Prefeitura, sem ajuda do Estado, será que ela tem direito de alguma coisa?” Tem nada! Tem nada! Será que nós, mães de autista, temos direito de chegar lá no postinho de saúde e ter preferência para marcar uma consulta? Não! A gente não tem, sabe por quê? Porque ninguém sabe o que a gente passa. Sabia que a mãe de autista, estou falando da classe baixa, não se trata, sabe? Não se trata, por quê? Porque não pode, porque não tem ninguém para ajudar, entendeu? O meu filho, 34 anos, eu cuidei sozinha, ele nunca foi para a escola, nunca foi para a escola. Ele viu vultos só. Mas por conta do autismo, porque eles tem manias, ele tem manias, ele furou o olho, ele não enxerga mais nada. Resumindo, ele fez em uma vista, depois de uns anos, fez na outra, e ele não vê mais nada. Sozinha dentro de casa. Os irmãos cresce e vai embora. Ninguém quer saber, só quem fica é a mãe, entendeu? Só que vocês tem que ver, vocês tem que fazer alguma coisa para ajudar as famílias, tudo isso que foi dito aqui hoje, é de grande valia para as crianças que estão vindo, que ainda acho que está até demorando, né, que já devia de existir tudo isso. E os autistas que crescem? Porque eles crescem, né? Eles não vão ficar pequenininhos e criança, eles crescem, e se tornam adultos para a sociedade, adultos, mas eles não são adultos, eles continuam sendo crianças. Mas aí, a criança já não é tratada mais ali naquele lugar, ela já tem que ir para um outro lugar, e aí? Aí, começa tudo de novo. Então, nós precisamos do quê? Nós precisamos de ter um

lugar fixo, que eu acho, eu tenho certeza que deveria ter em todo lugar, um lugar aonde se trata o autista desde pequenininho, até adulto, porque ele vai crescer, e um lugar só, porque a mãe do autista, ainda tem que sofrer, viu? Sofre, porque pelo SUS, você vai aqui na psicóloga, lá não sei na onde, no outro lá, não sei, o autista, para sair da casa com ele, não é fácil, tem esse fator também, é difícil. Eles não aceita, eles não gosta, demora, se demorar, eles entram em crise. É isso, se a gente for ficar falando, a gente vai falar aqui a noite toda. Então, eu agradeço essa oportunidade de estar aqui hoje, porque eu estou representando as mães, as mães que sofrem, muitas mães não conseguem esse Loas, é uma burocracia tão grande, tão grande para conseguir um salário mínimo. Gente, sabe quanto veio de água para mim? Veio 400 reais de água para mim pagar, em uma conta de água, e a luz? E a luz?! Entendeu? Nós não somos isentas de nada, ninguém sabe o que a gente passa, porque a gente está fechada ali. Você sabe por que eu estou aqui hoje? Porque eu fui denunciada, e aí eu já estou no meu limite, eu falei: “Epa, agora eu vou falar”. Nunca é tarde, né? O meu está com 34, mas tem muitos aqui que é pequenininho ainda, e está começando. E eu, sabe, de coração, espero que vocês não passem um terço, nada do que eu passei sozinha, sem ter ajuda de ninguém, sabe? E a gente não tem aonde correr, a gente não tem aonde ir, a gente não tem, sabe? Não tem ninguém por nós, ninguém! Então, eu agradeço muito essa oportunidade de estar aqui, e de pedir para vocês, que podem fazer alguma coisa, fazer, fazer por nós, porque, assim como tem o meu filho que está lá escondido dentro de casa, assim, escondido, tem muitos outros. Aí quando passa na televisão assim: “Ah, a mãe foi presa porque que acorrentou o filho, porque amarrou o filho”, muitas vezes, essa mãe, ela amarrou o filho, não é porque ela é ruim, não é porque ela está maltratando o filho, é para conter ele, para ele não se machucar e machucar ela. Só que ninguém sabe disso, aí vão lá acusar. A mãe já passa por tanta coisa, ainda, às vezes, vai até presa. Até as pessoas entenderem o que ela passa, muitas se suicida. Então, se vocês fizerem uma pesquisa com as mães, vocês vão ver que tem mães que estão se suicidando, tem mães de criança de quatro anos. Eu tenho um grupo de autismo de mães, sabe? É cada relato, um pior que o outro, sabe? De mães que fala com criança de quatro, cinco anos, que vai tomar veneno e vai dar o veneno para o filho para acabar com aquele sofrimento, entendeu? Aí, eu falo: “Gente, o meu filho tem 34 anos, o de vocês tem só quatro, vocês já não aguenta mais?” Não é assim, né, a gente tem que entender que eles não tem culpa. Eles não tem culpa, eles só precisam de ajuda, de amor, né, você citou, não adianta ser profissional, o melhor do mundo, se ela não tiver amor, ela vai se tornar a péssima, né? A Apae, até hoje eu estou esperando uma vaga na Apae, nunca eu consegui, nunca! Sabe? Eu não sei se, eu acredito que deve ser por conta do visual também, não sei. Nunca consegui! Eu já fui lá, depois de anos, não sai dessa lista de espera, eu já fui lá, já conversei, já falei, meu filho tem 34 anos, ele não está mais, né, na idade escolar. Mas gente, o meu filho, se ele tivesse dois dias para ele ir num lugar para jogar uma bola numa quadra, para ele já seria uma grande coisa, ele saiu de casa, ele foi lá numa escola, porque é frustrante para ele também. Todas as tentativas, “ah, agora vai”, e não vai, entendeu? Então, é muito triste, muito triste, a gente é cobrada 24 horas, ninguém entende a gente, a gente não tem um psicólogo, a gente não tem um psiquiatra, a gente vai e faz tudo para o filho, e a gente é esquecida. Eu não tenho o direito de ir e vir que está na Constituição, né? Eu não tenho. Eu não tenho! Eu não tenho! Feriado, né? Eu não posso falar assim: “Olha, eu vou descansar, vou passear”, não posso, não posso, porque eu tenho que cuidar dele. E eu não estou reclamando de ter que cuidar dele, sabe? Mas as cobranças que tem por fora são muito grandes, e ajuda, nenhuma. Nenhuma. Então, se está na Constituição: saúde, educação direito de ir e vir, né? Então, tem que cumprir isso aí, né? Para ontem. Para ontem! Porque senão, vocês, como, não sei qual, quem que falou aqui, futuramente vai ter um problema muito sério, muito sério. Porque famílias inteiras estão adoecendo, e ninguém enxerga, porque é uma doença invisível, invisível. Hoje vocês estão tendo empatia, porque eu estou falando!

Mas quando você vai em um lugar e você pede, a pessoa fala para você assim: “Ah, não tem”. Ninguém se põe no seu lugar, sabe? Então, está nascendo muitos autistas, muitos autistas. E não é, a gente precisa de ter um centro específico para o autismo, como tem, não que as outras deficiências, precisa também, só que o autismo, por ele ser muito difícil, ninguém quer, sabe? Os outros lugares, ainda aceita outras deficiências, agora o autismo, ele é muito difícil, e sendo severo, piorou, sabe? Então, meu filho perdeu a vida todinha dentro de casa, nunca foi para uma escola. Então, que isso não se repita com outros, né? Que não aconteça com outras crianças, que essas crianças que estão nascendo e que já existem, que elas possam ter um futuro melhor, que elas possam se desenvolver, e quando chegar na sua adolescência poder trabalhar, porque eles são inteligentes, eles aprende tudo, só que eles precisam de ter pessoas capacitadas para lidar com eles, é isso. Eu quero agradecer essa oportunidade mais uma vez, e, foi um desabafo de uma mãe, de uma mãe que também está muito cansada, está bom? Obrigada. [Aplausos] **“Sr. Presidente “Willian Souza”:** Natalie. É Natalie mesmo? É? Se quiser vir aqui, Natalie, fique à vontade, tá? **“Sra. Natalie”:** Tá. Boa noite a todos, aos Vereadores. Meu nome é Natalie, eu sou professora de educação infantil; tenho um filho chamado Ravi, de quatro anos, ele é autista, ele é uma criança não verbal com, muito desorganizado sensorialmente, né? A Gorete conhece ele. Ele ficou desde outubro na fila da Pestalozzi, mas com muita perseverança e trabalho dos profissionais, a gente foi chamado. Ele faz tratamento em Campinas, e vai facilitar vindo para Sumaré, né? O gasto com transporte é sempre muito alto. Então, vou poder estar destinando esse valor para outras coisas na vida dele. Mas o que me chamou atenção, o porquê de eu estar aqui hoje, foi por conta do anúncio no jornal, falando de políticas públicas. E aí eu parei para ler e vi que o Vereador Rudinei Lobo, ele é autor de um Projeto de Lei aqui no Município, né, que garante que a Lei Berenice Piana seja validada aqui no Município, né? É uma Lei Federal. O Ravi, ele tem sete cartas médicas entre neuropediatra e os terapeutas, que falam que ele necessita do professor auxiliar dentro da sala de aula, por conta dele ser desorganizado, por conta dele não falar, entre outras necessidades - eu vou tentar ser mais objetiva -. E a primeira coisa que eu fiz quando eu obtive essa informação na escola do meu filho (porque os profissionais de Sumaré, da Educação, eles dão todo o direcionamento para a gente, pelo menos eu fui muito bem acolhida na escola dele), quando eu fui atrás, a primeira coisa que eu fiz, foi abrir um protocolo na Secretaria de Educação de Sumaré. Mediante isso, o protocolo, ele foi transferido para o setor de inclusão dentro da Educação. E nada do pessoal me responder, nada, nada. Com certeza tem outras coisas, né, que vem antes. E aí eu fui até lá para conversar. E eles disseram que iriam responder em breve a minha solicitação. Quando elas me responderam a minha solicitação, dentro do protocolo, o pedido foi negado. Na Lei Berenice Piana fala que mediante a comprovação médica, de cartas médicas, de laudos médicos, se comprovada a necessidade, o autista tem esse direito garantido. Porém, foi negado para o meu filho. O que é que eles alegaram? Para estar negando? Que dentro da sala de aula dele tinha a professora de sala, aonde ela já tem uma demanda com outros alunos. Tem a auxiliar de sala. A auxiliar de sala... Bom, ele só tem quatro anos, todos ali tem quatro anos, entre três e quatro, ela está ali para dar um apoio para a professora, né? Muitos ainda não vão ao banheiro sozinhos, muitos sentem dificuldade, está fazendo as atividades, então, precisa. E ela também alegou que tem a sala de recursos, né? Tem uma psicopedagoga especializada para estar ali cuidando e orientando. Porém, o que parece que eles não entenderam, né, é que a psicopedagoga, por mais especializada que ela seja, o Ravi só tem acesso a ela uma vez na semana. Ela não está ali do lado dele, para que ele não tenha, porque... Bom, o que é uma desordem sensorial? São reações hiper-reativas a barulho. Gente, o que mais tem numa escola é barulho, grito, né, das crianças, luzes, cheiros. Então, tudo isso dentro de um cérebro que é desorganizado, é como se fosse uma bomba .O que é que o meu filho faria? O que ele faz: ele estaria aqui correndo para lá e para cá, para lá e para cá, para tentar se

regular. Então, a psicopedagoga, ela não está ali o tempo inteiro trabalhando com o Ravi, as necessidades, porque nós, mães de autistas (acredito que eu falo por todas), quando eu digo que nós queremos que a escola não seja apenas um ambiente de socialização, né? Que mãe que não quer que o seu filho aprenda, que ele tenha habilidades desenvolvidas? E dentro da escola, a gente não aprende só a ler e a escrever, a gente aprende habilidades sociais, a imitação, desenvolve a fala. Então, de primeiro momento foi negado, o que eu fiz? Eu fui até um advogado, né, uma advogada, e ela trabalha, né, com, a maioria dos clientes dela são autistas, e nós entramos com uma liminar. Através da liminar, eu consegui. Então, assim, existe uma Lei Federal, né? Existe um Projeto de Lei, que fala sobre isso, né? E, mesmo assim, foi negado. Mesmo o Ravi tendo as cartas. Então, o que eu peço? É para que essas situações sejam vistas com mais atenção. A gente entende que o Município tem gastos, a gente entende, a gente sabe que não é fácil administrar uma cidade, existe muita responsabilidade, mas estes casos, eles precisam ser vistos com atenção, né? Uma coisa leva a outra, eu não sei se cabe a vocês, Vereadores, mas, com certeza, eu acredito que vocês usarão dos seus contatos, influências, opiniões políticas. O que falta muito na educação de Sumaré é capacitação para professores aprenderem a lidar com os autistas. Por exemplo, né, tem lá o Ravi, ele conseguiu a professora auxiliar. Gente, ela é um amor! Ela é muito esforçada, ela é muito dedicada! O tempo todo ela me pergunta as coisas. Ela está lá na sala dos professores adaptando as atividades, e ela busca fazer dentro dos personagens que ele gosta, e me manda a fotinho para ver que está tudo bem, né, que está conseguindo dentro das dificuldades dele, do jeitinho dele, né, produzir a atividade. Uma criança de quatro anos já é imatura, o autista, então, ele demora um pouco mais para amadurecer, né? Só que, se eu tenho essa dificuldade com uma professora, que ela já tem uma atenção mais voltada, né, diretamente para o meu filho, eu acredito que as outras professoras também têm essa dificuldade, né? O porquê que... não que seja o caso do meu filho, mas, muitas estereotípias. O que eu devo fazer com as estereotípias? Ele corre muito, quando está muito feliz, ele faz os *flappings*, né? Muitas não sabem o que são, que são movimentos para se regular, né? Como que eu posso adaptar uma atividade? Porque o autista, o didático ali, o pronto, o feito, para ele, às vezes, é mais difícil de compreender de primeira, como que eu vou explicar o ABC? Eu preciso, para alfabetizar uma criança, dar significados para essas letras, né? Eles precisam ter significados, usando o lúdico. Né? Vamos ensinar de uma forma aonde a criança sinta interesse e prazer de aprender. Acredito que essa capacitação voltada mesmo, que vá ali um neuro, que vá uma psicóloga, eu acho que é importante fazer parte, porque eu sei que os professores possuem capacitação mensais, né? Sempre está ali, com alguém da educação já mais experiente que direciona, seria interessante colocar uma parte voltada a isso. Porque como é que a gente quer ter uma... o amanhã, os cidadãos de amanhã capazes, se a gente só pensar fechado, se a gente não abrir as ideias e as possibilidades? Então, são essas minhas duas objeções que eu gostaria de chamar atenção, vim ser bem objetiva também, né? Acho que é isso: voltar atenção para essas análises de protocolo e fazer valer a pena. Porque nada adianta ter um setor de protocolo para resolver os problemas, se eles não forem resolvidos, né? Não falo para ser assim, uma resolução “Ai, para ontem”, seria ótimo se fosse. Quem não quer, né, ver seus problemas resolvidos para ontem. Mas também que não demore meses para uma coisa estar dentro do esperado e receber um não, né? É isso, gente! Dentro da minha simplicidade, me expliquei. **“Sr. Presidente Willian Souza”**: Ótimo. Obrigado, Natalie. [Aplausos] **“Sr. Presidente Willian Souza”**: No final da Audiência, nós vamos tirar os encaminhamentos, tá? Então, a gente percebe que bastante gente teve que ir embora, mas ainda a gente vai tirar alguns encaminhamentos aqui, e ele também pode ser aberto para sugestões. Agora é a Gabriela. Se quiser falar aqui, viu, Gabriela, fique muito à vontade. Quiser falar aí. **“Sra. Gabriela”**: Presidente, vou falar aqui mesmo-- [Falas sobrepostas] **“Sr. Presidente Willian Souza”**: Fica à vontade! **“Sra. Gabriela”**: --pode ser? **“Sr. Presidente Willian Souza”**

**Souza**: Claro! **Sra. Gabriela**: Boa noite a todos! Obrigada pela oportunidade, porque não é fácil falar de autismo, e nem a família da gente suporta muito, que dirá os senhores, né. Então, para vocês é sacrifício, a gente entende. Porém, o que ela disse, o que todos disseram aqui, acontece realmente. Eu não tenho combinado, eu não conheço ninguém daqui, até porque sou moradora recente de Sumaré. Digo recente, porque tem seis anos, mas eu trabalhava, tinha uma vida comum, até que eu engravidei, tive uma filha e com um ano e onze meses, ela, eu percebi que não desenvolvia. Com um ano e cinco meses parou a fala, parou de falar e não desenvolvia, e parou de comer. Então, ela ficou até três anos e oito meses, praticamente, sem comer comida. Então, ela só bebia líquido, eu tinha que bater a comida, colocar na mamadeira e dar para ela. Porque ela empurrava tudo, cuspiam, tinha crises e eu não sabia o que era. E aí veio, né: “Ah, é mimoso, é isso, é aquilo” aí comecei a levar nos médicos. Como já disseram aqui, não tem equipe que consegue diagnosticar mesmo uma criança precoce, que dirá tratamento precoce. Então, eu passei por um médico do posto de saúde, que atendia no Centro da Criança, que ele é da PUC, ele não é um médico, não sei se é registrado, concursado, mas ele presta atendimento da PUC. Ele olhou bem para a minha filha, encaminhou lá para a Pestalozzi, sem diagnóstico algum. Aí eu cheguei com os encaminhamentos dele, então, me disseram assim: “Não é aqui! Não é aqui!” dessa forma. Imagina eu, com uma criança sem falar, sem comer e “Não é aqui!”, e aí eu voltei mais desesperada. Tive vontade de passar na linha do trem, sim, porque moradora aqui, sem parentes, né, sem parente algum; vizinho escuta a criança chorando, não bate no portão por nada, né, isso não existe. A minha vizinha sai lá fora até com fone de ouvido para varrer a calçada, para não ter que se comprometer em ajudar. E, então, eu fui embora da Pestalozzi, e fiquei no WhatsApp enviando várias mensagens para a assistente social. Minha filha, já mandei vídeos dela tendo crise “Mas não tem vaga, não tem vaga”, então, ela ficou dez meses esperando pela famosa intervenção precoce. Eu, como os senhores, a gente nunca imagina ter um filho deficiente e que dirá o autismo, que é uma, é uma incógnita, ninguém sabe se é um autismo de verdade, o que é que é, e aí quando você descobre, você fala: “Descobri tarde”. Eu descobri que ela... tive o diagnóstico dela com três anos de idade. Para mim foi muito tarde, porque eu poderia ter ajudado ela de várias outras formas e não consegui, porque eu não tenho a especificação de uma fono, de uma terapeuta ocupacional. Então, fui embora para casa. O que é que eu fiz? Um convênio médico. Tive que sair do trabalho, porque eu faltava 15 vezes por dia do meu trabalho. Trabalhava em recursos humanos, como uma assistente de recursos humanos fica faltando, né? Ali tinha deficiente, tinha várias pessoas, mas a gente, eu não estava podendo dar auxílio para a minha. Então, eu pedi conta do trabalho, fiquei cheia de dívidas (é claro) e fui cuidar dela. Em quatro meses, eu consegui fazer o convênio médico para ela. Então, assim, eu ando com duas peças de roupa só, dois sapatos, duas roupas, não compro mais nada, a gente vive do básico, do básico, porque eu pago 350 de convênio médico, porque o SUS não pode dar o diagnóstico, porque eles me disseram assim: “Eu não vou poder tratar, então, como que não teve atendimento?”. Neurologista ela está esperando até hoje a vaga pelo SUS, que ela não conseguiu. Então, já tem um ano e dois meses que ela faz tratamento, ela está esperando a vaga. E aí eu fiz o convênio e fiz a famosa liminar, que os senhores não são de acordo, é claro, né? Infelizmente, mas eu tive que fazer, porque eu não poderia perder uma menina que teria futuro, aí eu vou contar para vocês. Aí ela fez terapia, então, o convênio médico também não está bom, porque ela fez terapia um ano e dois meses no convênio médico, os mesmos médicos que falava que ela não tinha autismo, porque não podia dar o diagnóstico, então, eu tive que levar ela no médico particular, eles falaram que ela não tinha autismo, eles me deram dois laudos de uma outra deficiência, que hoje já foi descartada, que ela não tem, uma deficiência que não pode dar para uma criança que não fala ainda, que é apraxia de fala, que muitos autistas têm. Ela fala hoje, ela já é verbal, e naquele momento, ela não falava, não comia, ficava sentada no canto só fazendo assim. E aí

eu falei: “Eu preciso cuidar da minha filha, porque o Governo não vai cuidar. O Governo não vai cuidar, a responsabilidade não é só dele, é minha também”. Aí ela começou, fez essa terapia convencional, no plano de saúde, por um ano e dois meses, e não saiu nem para frente nem para trás, nem um A, nem um B e, muito menos, comer. Aí eu conheci a famosa ABA (não tenho clínica ABA, quem me dera), mas eu conheci a famosa ABA e defendo com unhas e dentes. Porque tem seis meses que ela está no ABA, ela faz lá em Campinas, porque aqui em Sumaré não tem ABA que preste, na verdade, no momento, que presta esse serviço, porque no momento que ela fez a liminar, não tinha ciência do ABA da Pestalozzi, porque naquele momento nem isso me comunicaram. Então, a minha filha sofreu muito e eu muito mais com ela, porque eu já pensei sim em matar ela, me matar, é coisas, assim, horrorosas, porque você vê uma criança que não come, que desnutriu, que ficou raquítica, que não comia, e aí você levava no pronto-socorro, o médico falava: “Deixa passar fome”. Eu deixei ela passar fome, então, várias horas no dia, eu não dava o leite, o líquido, e ela chegou a desmaiar, e ninguém, ninguém via isso, né? E aí levei ela para o ABA. Então, hoje a minha filha come de tudo, até quiabo, ela tinha uma seletividade alimentar grandiosa; a minha filha era não verbal, e ela está falando muito lentamente: “Mamãe, papai”. “O que é isso?” hoje ela está perguntando o dia inteiro: “O que é isso?”. E ela frequenta a escola, eu moro na Área Cura, e ela frequenta a escola, quando iniciamos lá, ela não tinha laudo ainda, então, ela era um bichinho do mato. Aí hoje, a professora falou assim para mim: “Viu, hoje nós fizemos uma atividade de cores e a Maria acertou todas! Acertou quase 100%, melhor do que as crianças típicas. O que você está fazendo?”, “ABA!”. Então, eu digo assim, por que não dar capacitação para os professores? E dá certo! Não é algo que eu estou inventando, eu não tenho ABA, é algo caro que o plano de saúde não está dando conta, mas é um estudo, é uma ciência. Até quando a gente vai ficar na máquina de escrever? Porque, sinceramente, essa terapia convencional é máquina de escrever, porque eu vi a evolução na minha filha nitidamente. Eu tentei de todas às vezes. Ela fez a terapia convencional por um ano e dois meses, poderiam liberar para ela só 40 minutos por semana, uma vez. Para uma criança autista é uma gota d’água no oceano, não serve para nada, serve para agitar eles, vocês levam embora para casa, aí você chega lá, você não sabe como tratar, porque estimulou de um jeito e não deu para sanar a criança. Então, não resolve, é pior, é como se jogasse álcool na fogueira e pegasse mais fogo ainda. Então, ela faz hoje o ABA graças a Deus, e graças aos convênios, à Justiça, cinco horas por semana e está indo muito bem. E eu vejo crianças lá na clínica que ela faz, de autismo severo, que eu mesma como mãe de autista, falo: “Essa criança não tem jeito”. E aí no passar dos sete meses, eu olhei aquela criança sentada, sabendo esperar, sem ter muitas estereotípias. Então, eu acredito que tem jeito, porque eu não estou vendo só a evolução da minha filha, eu estou vendo a evolução de todas as crianças que estão lá. Então, tem que ter capacitação, senão a Prefeitura, o Município vai ter problemas. Autistas se matam, matam as pessoas, eles crescem usuários de droga, usuários de álcool, porque eles têm uma falta de entendimento, eles não sabem onde eles existem. “Ah, aonde eu estou?”, “Quem sou eu?”, “Ai, por que é que o fulano me olha assim?”, “Ai, por que é que eu bato as mãos?”. Então, eles crescem usuários de droga, muitos! Tem muitos autistas hoje que usam drogas e nem sabem que é autista, que usam álcool. E ninguém pede para ter um autista dentro de casa, porque é difícil de tratar. A minha é nível um, é de suporte, mas eu me compadeço por todos os níveis. Porque não é porque ela é nível um, que ela é fácil de tratar. Porque ela tem crises que a gente fala assim, por uma melequinha, um barulho, e aí o que é que está acontecendo? Então, em casa, eu já aprendi o manejo, com muito sacrifício, eu fico de madrugada lendo, que é o tempo que eu tenho, e na clínica, eles já sabem o manejo, e ainda eles precisam desenvolver todo dia um manejo diferente e único (porque cada autista é único), e chega na escola, as professoras não sabem o manejo. Aí a criança vem irritada da escola, aí vai para a terapia, volta um pouco melhor, fica em

casa melhor, vai para a escola de novo. Então, fica um ciclo que não está falando a mesma língua. Então, aí a professora, eu chego: “Como foi o dia da Maria?”, “Ah, foi bem, mas ela jogou areia para o alto e não sei o que, e não sei o que” e eles estão se desesperando, porque não sabem como reagir. Aí, tá, a sala de recursos me ligou e falou: “Você tem direito da sala de recurso, uma vez por semana”. Eu fui visitar, e aí que eu cheguei lá, é o que eu queria trazer para vocês, uma precariedade a sala de recurso. Tinha chovido naquela semana, alagada; os livrinhos que estavam lá, todos molhados; uma sala dividida com armário, uma criança down de um lado fazendo terapia e um autista, e a professora fazendo a minha entrevista de anamnese, para saber se eu ia interagir a minha filha ali. Então, a criança autista, ela não pode ver uma outra situação acontecendo, porque ela não se concentra, o down é uma diferença, é outra coisa, e aí a sala é tudo no mesmo lugar, com armário dividindo. E aí a professora comentou que aquele armário, ela levou para casa, no carro do esposo, para pintar na casa dela, e tinha um palete de madeira lá quase apodrecendo, que ela conseguiu providenciar para eles não sentarem no chão, porque estava muito frio e um tapetinho de EVA em cima. Então, eu vi uma precariedade tremenda. Aí eu disse para ela: “Viu, mas nesse momento, ainda está acontecendo a terapia e a Maria não vai ter o horário para participar daqui, né? Da escola... AE” - né, que chama -. Aí ela falou assim: “Eu nem aconselho, porque o que a Maria está recebendo hoje lá, não vai chegar nem aos pés do recurso que eu posso oferecer aqui. Porque autista, eu não consigo trabalhar só com essa cartilha que eu tenho aqui, com essas figurinhas, eu tenho que ter jogos, eu tenho que ter material, eu tenho que ter dinâmica, e eu não tenho aqui”. Então, isso eu estou falando de uma escola de Sumaré, eu não estou falando de Hortolândia, nem de Campinas. Então, eu sou moradora de Sumaré, fiz questão de transferir o meu título às pressas esse ano para cá, porque eu quero ser sim, uma moradora nata, uma munícipe presente, mas eu percebo que nas escolas está faltando. Não é culpa dos professores, elas estão fazendo o que pode, porque na sala dela tem 24 (não sei se eu estou falando bobagem, ela está no maternal), 24, eu sei que são 18 meninos e 9 meninas, mais ou menos, e a professora não dá conta, e tem duas autistas na sala dela. Uma autista está no nível severo, tem uma cuidadora que ajuda ela levar ao banheiro, tira a fralda. Só que não são todos autistas que precisam de cuidador, eles precisam, claro, de uma professora auxiliar na sala que entenda sobre o TEA, mas caso isso não seja possível, que tenha uma professora, que as professoras sejam capacitadas, que recebam mensalmente curso sobre o ABA. O ABA funciona, sim, não estou dizendo que seja para todos autistas, pode ser que no nível suporte severo, eu vi aqui um pai dizendo que o severo nunca vai deixar de ser severo, eu concordo com ele, só que um autista, se ele não for trata tratado, ele vai virando um bichinho. Aí eu digo assim, o porquê é que a minha filha... que falaram assim: “Leva para a Apae”. Só que uma mãe conhece a sua prole, e eu sabia que ela não precisava da Apae naquele momento. E aí eu: “Leva para a Pestalozzi” levei, mas e vaga? Cadê vaga? E aí o que é que eu fiz? Convênio. Então, eu fui, fiz o que naturalmente toda mãe faz, mas por um ano e dois meses, eu insisti bastante, só que depois de um ano e dois meses, eu me rendi a liminar que, eu estou pagando advogado até hoje, mas pago porque eu estou vendo o rendimento dela, e hoje, se ela acertou as cores na escola, quase 100% de criança típica, que não tem problema de atraso nenhum, é graças ao ABA, e eu não me passei na linha do trem. Porque eu pensei várias vezes. Porque sem suporte, sem família, graças a uma assistente social que me atendeu (não sei o nome dela, mas ela atende aqui na farmácia de... no seminário), a minha filha não comia, eu levei ela para lá com diarreia, falei: “Olha, minha filha tem essa carta do médico para uma nutrição”, e ela me atendeu com muita dignidade, e falou para mim: “Não faça isso, não, que tudo vai se ajustar”. Então, hoje eu consigo essa nutrição, sou muito grata porque ela não desnutriu, e ela ampara ela hoje, porque tem dias que ela não quer comer. Ela com e de tudo, mas tem dias que ela não quer comer. E aí eu falo, hoje, se eu colocar ela do lado de alguma outra criança, se ela ficar mais do que 40

minutos, se percebe que ela é diferente, sim, porque ela começa com as estereotípias, mas antes disso não se percebe, porque ela fala muito alto, então, isso chama atenção, sim. Mas o comportamento dela já está se regulando. Eu acredito que é uma cidadã a menos no futuro para ser um problema público. Então, muitas mães se matam, sim, matam filhos, porque o desespero bate na porta, sim. O casamento vira uma lástima, porque você não tem ânimo para nada, é problema em cima de problema, é situação financeira que não tem fim, você vai custeando aqui, custeando ali, não tem fim. E, emprego não entende se você tem o filho autista, porque ele fala assim: “Você está faltando, o problema é seu”, é muito raro que entende. Então, a minha dignidade falou assim: “Não adianta eu ficar faltando 15 dias ao mês para levar a minha filha uma hora na terapia”. Eu gastava uma hora para chegar, lá ficava 40 minutos lá, eu voltava com ela para casa e ela ficava pior, sentada no canto, pendurando animalzinho de ponta cabeça, bichinho de estimação de brinquedo. E hoje, ela não faz mais isso, hoje ela come, hoje ela já está falando várias coisas, e que, o que eu tentei tudo no convencional e não deu certo. Então, eu acho que as professoras da rede municipal, pública, elas merecem, sim, uma capacitação ABA, merece. E eu, e eu entendo que funciona, sabe? Não estou defendendo nenhum instituto, até porque eu não disse nem nome, não estou fazendo propaganda de instituto nenhum, mas eu defendo como mãe. Que tem muitas crianças autistas suporte um que vão se tornar sim, nível maior, porque elas não estão sendo tratadas de forma correta. E, em 1980, nascia um autista para mil, hoje nasce um para 49, pode nascer em qualquer família! Qualquer família! Eu trombo com criança autista todos os dias com laudo, sem laudo e a mãe querendo enxergar, não querendo enxergar, porque depois que a gente começa a ler um pouco, porque é muito amplo, a gente começa enxergar até adultos autistas. Então, existe e existe muito. E não é só um problema do Governo, não, mas é, eu acho que é um investimento. Como a Dra. Solange falou aqui: “Se você não traz a realidade, não demonstra o que está acontecendo, não tem como o Poder também, o Poder Público trabalhar em cima”. Por que alguém sabia que a escola que ofereceu a vaga para a minha filha, como sala de recursos, está na precariedade? Eu tenho certeza que os senhores não sabiam. Tenho certeza, porque, se não, acho que não chegaria naquele nível. Porque chove lá dentro, a criança autista tem pânico, e a criança vê, o barulho atrapalha. Então, nem o básico está sendo feito. Tem a sala de recursos lá, mas por Lei, para preencher a Lei, mas não está sendo recurso. Então, é isso, é como mãe mesmo, e pedindo, implorando que elas tenham capacitação. Por exemplo, a clínica que atende a minha filha, falou assim, que tem disponibilidade até para fazer um treinamento gratuito nas escolas para as intervenções das crianças serem mais, terem mais qualidade. Porque as crianças vão para a escola, volta para a clínica, então, está sendo um tratamento, um ciclo. Então, tira aqui a estereotípias, elas se agitam na escola e voltam, porque uma professora se assustar porque uma criança está jogando areia para cima, está num nível muito difícil, porque é supernormal uma criança jogar areia para cima, só que assim, tem que ser entendido. “Ah, todas as crianças aqui estão se pegando, estão se batendo, elas estão se empurrando”. Mas assim, não é só por conta do autista, é uma fase da criança de três, quatro anos, só que tem que ser na terapia. Só terapia resolve para o autista não chegar no nível de furar o olho, no nível de não se entender quem ele é na face da terra, porque, exatamente, não tem um esporte para criança autista. A minha filha, ela fica, faz balé sem ter balé, ela vê o balé na TV, ela quer fazer balé, e eu vejo lá que ela faz coisas que ninguém nunca ensinou para ela. Aí eu quero pôr ela no balé, eu não tenho condições financeiramente, , mas, também, eu não tenho como entregar a minha filha autista para uma professora que não está acostumada com uma criança autista, ela não vai poder parar para ensinar só a minha filha. Só que poderia ter um esporte, uma dança para crianças autistas, eles se encontram muito nas danças, nos esportes e eles se igualam, eles se regulam e isso é menos problema para a família também. E que as mães surtam? Surtam. Eu estou com um tumor na testa, que estou, estava na Prefeitura esperando a

vaga no posto de saúde e conseguiram liberar, porque eu fiz uma reclamação no 0800 e depois fiz na ouvidoria, aí me encaminharam para ambulatório de especialidades. Fui lá essa semana, terça-feira, o médico atrasou 2 horas e 40 minutos, chegou, eu estava com ela, ela já estava em crises, né, esperando, entrou na sala, ela ia se acalmar, porque ela viu luva descartável. Aí eu falei: “Doutor, posso...” e ela: “Mamãe, eu quero”, “... posso pegar uma luva para ela?”, ele disse: “Não”. Aí eu falei: “Como assim, doutor? Ela é uma criança”, “não”. Aí ele me atendeu daquele jeito. Enfim. Eu levantei, pedi licença, peguei a luva, porque senão eu não ia ter uma consulta decente, e há oito meses eu estou esperando a consulta. Enfim, a consulta não deu em nada e não vai dar, né? Claro! E é isso. Então, a gente tem que arcar, sim, né, com o nosso psicológico, praticamente sozinho, né? Porque nem o médico que estava sentado ali da rede pública me entendeu e falou: “Olha, eu vou te ouvir, vamos fazer os exames necessários e pode pegar a luva para a sua filha, sim, se isso for ajudar”. O que é uma luva descartável? O que é uma luva? Ele não deu, isso para uma criança autista, ela ficou totalmente estranha, já começou a ter crises, se desregulou, ficou agitada e eu tive que pegar a luva para mim poder explicar para ele o que é que eu estava sentindo, para ele levantar da cadeira e me examinar. Aí, por fim, ele constatou realmente que era um tumor, pediu um exame lá, e agora estou eu novamente na fila de espera para fazer o exame, e assim vai. Agora, para as professoras, eu não abro mão, nem que se eu for ter que, toda semana, ter que vir na Prefeitura, eu vou pedir, porque hoje eu vi que a minha filha tem capacidade de evoluir, sim, filha de muitos tem a capacidade de evoluir, mas com terapia e profissionais capacitados. E os professores foram treinados, eles fizeram a faculdade para lecionar crianças típicas e não atípicas, mas eles precisam agora da capacitação, e o autista está na sala, e eles precisam e eles aprendem. Eles têm capacidade de aprender, e é isso; e agradeço a atenção, porque, como eu disse no começo, não é fácil ouvir mãe de autista não, está bom? Obrigada. [Aplausos] **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Obrigado, Gabriela. Nós já estamos encerrando as inscrições, viu, pessoal? Só para, só pedir desculpas aqui pelo Vereador Rudinei, ele teve que se ausentar por uma questão pessoal, tá? Ele deixou um abraço e disse que tinha que resolver. Então, ele teve que se ausentar, mas nós continuamos aqui para ouvir e, com certeza, depois, ele nos ajudará com as demandas. A Edna vai falar, porque ela tem também que sair-- [Falas sobrepostas] **“Sra. Edna Rodrigues”**: Sim. Por uma situação. **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: --por conta de uma demanda do Conselho, né? Depois é a Roseni, tá? **“Sra. Edna Rodrigues”**: Então, agradeço, mais uma vez, né, aqui o Presidente Willian Souza pela disponibilidade, juntamente com os demais Vereadores também, por tratar de um tema tão importante. Só gostaria antes de estar saindo, tem uma situação, né, motorista já, já está esperando, que toda a luta, qualquer luta, seja das mulheres, da pessoa idosa, pela promoção da igualdade racial, a gente só consegue a transformação na sociedade e garantir Políticas Públicas através da organização popular. E aí, endossando, mais uma vez, o Art. 4º do ECA, que é a família, a sociedade, o Estado que realmente vai transformar as Políticas Públicas, né? E, eu leio, assistindo um vídeo, né, que fala sobre a questão do autismo, que realmente, ele tem essa dificuldade de em comparação com outras políticas voltadas para a saúde, né? E dizer que, também que o Conselho Tutelar está à disposição, se realmente, a gente, como chega denúncias para o Conselho, quem sofre também essa vitimização são as mulheres, ser solidária também às mães soltas, as mulheres que estão aqui, porque as denúncias, as denúncias que chega no Conselho, 90% são voltados para as mulheres, e essa criança não foi feita sozinha, ela também tem pai. Então, mais uma vez, solidariedade com as mulheres, né, que enfrentam isso no dia a dia. E dizer que este colegiado, que atende quase 300 mil habitantes no Município, em hipótese nenhuma, quando chega alguma denúncia, o Conselho não faz e nem deve fazer juízo de valores. Jamais ele vai dizer que um pai, que uma mãe é negligente, porque chega denúncia assim de caso de crianças e adolescentes autistas no Conselho e que, às

vezes, o denunciante por conhecimento ou não conhecimento quer que o bicho, chamado “*bicho papão*” (porque é assim que, infelizmente, a sociedade enxerga), o Conselho Tutelar vai lá e puna essa família sem ao menos ouvir, né. Então, o Conselho não vai jamais julgando ou encaminhar para frente, ou seja, para o Ministério Público ou para Vara, sem ouvir essa família, né. Então, só dizer isso, que nós não julgamos, nós não atuamos fora do Estatuto da Criança e do Adolescente. E agradecer também aqui ao colega, né, quando eu me referi à questão de pais especiais, eu peço desculpas, realmente, eu não tenho poder de fala com pessoa com deficiência, eu tenho o poder de fala em política para as mulheres, eu tenho poder de fala na questão da criança e adolescente, eu tenho poder de fala em partes das religiões de matrizes africanas. Então, tudo na vida a gente aprende, eu aprendi essa questão de pai e mãe especial, quando ano retrasado, eu perdi meu filho na barriga, que aí eu descobri com oito meses [*Falha no áudio*] que ele tinha Síndrome de Down. Então, a gente, realmente, eu não tenho o poder de fala, eu acho que a gente aprende, a gente não sabe de todas as políticas setoriais, de todas as Políticas Públicas. Então, se caso ofendi com esse termo aí de pais especiais, né, eu me justifico e aprendo aí junto com vocês, estamos juntos aí nessa caminhada em todos os setores, em todas as políticas, seja para criança, adolescente, mulher, seja para a questão de homossexuais também, né? Enfim, estamos aí e cada política, a gente sabe que tem a sua terminologia, que tem a sua bandeira e a gente está aí para aprender. Um forte abraço. **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Obrigado, Edna. Obrigado. [*Aplausos*] **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Vou passar ao Vereador Ney, que ele tem que se retirar. Então, eu vou passar a palavra a ele, para que ele possa fazer as considerações também e, em seguida, a fala é da Roseni, tá? Se quiser falar... a Roseni está aí ainda? Está, né? Se quiser falar daqui, viu, Roseni? Ou daí, onde você quiser, fique à vontade. **Vereador “Valdinei Pereira da Silva”**: Obrigado, Sr. Presidente. Boa noite a todos, senhoras, senhores. Ouvindo as demandas de cada uma de vocês aqui, eu sei um pouquinho de como é isso, né, porque eu tenho dois sobrinhos, também, autistas, e eu sei a dificuldade que meus irmãos passam no dia a dia. Ouvindo o relato de cada uma de vocês. Domingo mesmo eu estive, eu e meu irmão estivemos, fomos convidados em um aniversário, né, e ele não conseguiu ficar 30 minutos na festinha, porque, eu acredito que devido o movimento, o barulho, a criança, sei lá, teve uma crise e ele teve que ir embora. E vocês falando, assim, esses relatos, eu sinto na pele do meu irmão a dificuldade que ele tem para atender essa situação, né? Eu quero aqui me colocar à disposição, o nosso gabinete para todas vocês, agradecer o Presidente pela oportunidade, o Vereador Rudinei Lobo pelo convite, o Cristian. E dizer que estamos juntos nessa luta, pode contar conosco, pode contar com o nosso gabinete, precisando da gente, eu acredito que todos os Vereadores também está à disposição, está bom? Um forte abraço a todos vocês. Infelizmente, eu vou ter que me ausentar, porque eu estou de carona com o Dr. Jelres, ele precisa ir embora, já está cansado, né, devido o dia todo, desde manhã na luta, e ele tem toda a dificuldade, né? Então, peço perdão a vocês, queria ficar até o final, mas devido a ele ter que se retirar, vou ter que sair junto, está bom? Muito obrigado pela atenção, conte conosco, parabéns pela luta, eu acho que, Presidente, aqui iniciou um trabalho bacana, essa Audiência Pública, que pode render fruto lá na frente, é tudo que, toda luta inicia assim, num movimento, ouvindo todas as demandas e com fé em Deus, frutos melhores sairão daqui, para que, no futuro bem próximo, as mães, os pais, podem ter uma conquista em relação aos seus filhos, está bom? Parabéns pela luta, não desista, porque não é fácil, mas conte conosco, está bom? Então, uma boa noite a todos! [*Aplausos*] **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Obrigado, Vereador, obrigado por ter ficado conosco até esse horário, depois a gente relata as demais ponderações e pontuações aqui apresentadas. Eu sinto... pessoal, eu sinto que bastante gente está indo e eu fico preocupado com os encaminhamentos, né? Que depois não adianta a gente fazer Audiência e não ter encaminhamento, porque daí fica só o desabafo. Então, eu peço a vocês que quem puder se

manter, se mantenha, quem não puder, para a gente tentar as próximas falas aí ser mais breve possível, senão a gente vai ter um final de Audiência um pouco esvaziado, o que é ruim, tá? Desculpa até as pessoas que vão falar, às vezes querem falar um tanto quanto, mas estou preocupado com isso. Nós temos inscritos, a Roseni, o Carlos e o Cristian. Agora a palavra é da Roseni. **“Sra. Roseni”**: Finalmente! Bom, boa noite! Queria agradecer todo mundo, enfim, pá, pá, pá, pá e o que é que eu queria dizer? Eu estou aqui representando a nossa coordenadora da saúde bucal, tá? Que ela tem tentado cuidar dos pacientes autistas que não conseguem – espera aí, deixa eu ver aqui... apagou - os mais severos, que eles não, que não conseguem fazer o atendimento ambulatorial. Então, eles precisam do atendimento hospitalar no centro cirúrgico. Oi? Para fazer a *[Falha no áudio]*. Então, isso é uma grande dificuldade que o Município tem, tá? Então, só para deixar o pedido da Cris, que é a coordenadora da saúde bucal, que se a gente conseguisse aumentar as vagas, que essas cirurgias são feitas no Hospital Estadual, melhorar a parceria, porque é uma parceria de palavra de pessoas, não tem um... um documento, alguma coisa oficial, é um acordo de cavalheiros entre a Secretaria e o Hospital Estadual. Então, de alguma maneira, oficializar essa parceria, para que a gente consiga oferecer mais vagas para os autistas que precisam desse tratamento. Que dentista especializado nós temos, nós não temos onde cuidar dessas pessoas. Gente, era só isso. *[Aplausos]* **“Sr. Presidente Willian Souza”**: Obrigado, Roseni. Espero não ter cerceado a tua fala, viu? *[Risos]*. O Carlos? Espero não ter cerceado a sua fala. Ah, obrigado. Carlos, fica à vontade! **“Sr. Carlos Eduardo”**: Tá joia. **“Sr. Presidente Willian Souza”**: Quiser vir aqui. **“Sr. Carlos Eduardo”**: Vamos lá, vamos lá *[Ininteligível]*. *[Falas sobrepostas]* **“Sr. Presidente Willian Souza”**: Fique à vontade. **“Sr. Carlos Eduardo”**: Já vou falando boa noite a todos, obrigado aí pela oportunidade, né? Aos Vereadores aí, né? Essa disponibilidade aí, né? Meu nome é Carlos Eduardo, eu sou psicólogo, eu sou funcionário público, estou em Sumaré há 32 anos e trabalho na área de saúde mental. Durante esse tempo todo aí, me passou muita coisa pela cabeça para estar falando para vocês, né? Mas aí com a fala, principalmente dos pais e das mães, eu fui me mobilizando para outro caminho, né? E o que vocês vem falando é alguma coisa que a gente vem escutando na nossa área, né, essa relação do cuidado. Então, não vou nem falar só em autismo, eu vou falar na questão da saúde mental, né, é uma coisa que nos mobiliza muito. A gente tem um grupo, assim, importante de saúde mental no Município e eu acho que é importante a gente frisar o seguinte, né, não é só Sumaré, a saúde mental no Brasil, de uma maneira geral, ela tem sido renegada há muito tempo. Apesar de a gente vir de um histórico da reforma psiquiátrica no Brasil aí há quase 30 anos, né, se pensou muito a questão da saúde mental quando veio a questão da desospitalização. Então, foi muito pensado na questão do doente mental, do esquizofrênico, do psicótico, do dependente químico, e a gente vem há alguns anos começando a beirar em outras questões. Então, acho que assim, uma questão muito importante, que a que está nos trazendo hoje aqui, do autismo, né? Eu entendo que a gente tem políticas muito importantes, né, disponibilizadas, induzidas pelo Ministério da Saúde em saúde mental, mas ainda muito distante da questão do autismo, né? Tem uma fala do Willian, que eu acho que a gente divide uma opinião também junto, que é a questão da participação do terceiro setor, é muito importante, né? E dessas falas todas, eu acabei, é assim, eu acho que eu vou resumir numa questão, né? Eu já participei da gestão em alguns momentos, eu acho que todo mundo que está no setor público, é muito importante que a gente reconheça as políticas e o quanto que elas também nos dizem, como é que a gente deve fazer gestão dessas políticas, por causa de todas as dificuldades que a gente tem, parte a gente vence na gestão, na organização dos serviços, né? Mas tem um camarada que foi um dos criadores do SUS no Brasil, que já não é mais vivo, o Gilson de Carvalho, eu tive a oportunidade de ver e ouvi-lo algumas vezes e ele falava uma coisa, que ao longo desses 32 anos e hoje é o que eu queria deixar aqui, né, não existe saúde pública sem investimento, né, sabe? Se a gente não conseguir investir em

saúde pública, né, fica muito difícil. Então, parte, né, da gente avançar em alguns problemas, ela está na gestão, né, então, assim, o que é que eu falo da gestão? Quando fala de um Caps, né, existe uma política do Ministério da Saúde, que diz como é que ele se organiza, que diz qual é a missão dele, que aponta para o rumo que a gente vai, né? Ele diz que uma cidade como Sumaré, para ter um Caps infantil, ele só comporta um Município 200 mil habitantes, nós estamos beirando a 300, né? Então, parte das dificuldades, inclusive, que foram trazidas e apontadas aqui, né, elas nos dizem (não, eu estou falando do Caps, mas não só, né?), de quanto nós todos que temos equipamentos, que cuidando de saúde mental necessitamos de profissionais, de recurso, de treinamento, de capacitação, né, e que parte disso é necessário que haja investimento, né, senão, a gente não consegue avançar, né? Então, acho que a... né, eu falando assim, eu estou falando para vocês do papel de trabalhador de saúde, né, então, é uma questão minha, de como é que eu olho para isso, ao longo da estrada que eu percorri junto com vários colegas (que alguns estão aí), e a gente conversa muito sobre isso, né? Então, acho que, uma das coisas que a gente pode contribuir para isso, né, tudo que se trouxe aqui, né, o pessoal da equoterapia, APAE, Pestalozzi, né, todo mundo fala assim: "Olha, nós temos um pedacinho que a gente não consegue". "Falta". Né? "Tem aquilo lá que a gente não consegue". "Precisamos de Emenda, precisamos disso, precisamos daquilo". Então, quando a gente olha para todo mundo que está trabalhando e a gente vai reconhecendo ao longo do tempo a capacidade das pessoas, né, no cuidado, na assistência, na organização, a seriedade. E a gente vê que é o seguinte, né, por mais que a gente tenha tudo isso, né, tem coisas que a gente não avança se não tiver um investimento ou um pouquinho mais aí para dar conta para a gente. Então, eu acho que era isso o resumo aí do que eu queria deixar, né, de contribuição aqui para, para esse encontro e agradecer a presença de todo mundo aí, que mesmo que a gente esteja há muito tempo nessa, nesse caminho, né, uma experiência dessa é sempre, é renovadora, né, e enche a gente de energia para continuar amanhã, está bom? Obrigado, boa noite a todos aí! [Aplausos] **"Sr. Presidente Willian Souza":** Obrigado, Carlos. Cristian. **"Sr. Cristian":** Boa noite a todos! Vou falar daqui mesmo, tá? Agora aqui vai falar o Cristian pai, tá? Deixa o assessor de lado, agora é o Cristian pai, eu estou aqui me representando como cidadão e pai de uma pessoa com deficiência, com autismo, né? Eu já tenho, desde 2017, de quando a gente conseguiu diagnosticar o Lucas com o autismo, a gente está correndo atrás, trabalhando, pesquisando e trazendo a ideia, né, graças a Deus, o Rudinei abraçou junto comigo, trazendo aí, tentar um pouquinho, ajudar não só o meu filho, mas todos os filhos e todos os pais, e mães que tem os seus filhos com autismo, e outras deficiências também, né? Colocamos vários projetos aqui na Casa, vim aqui com a ajuda do Vereador Rudinei, apresentamos, alguns foram votados, outros ainda estão em tramitação, mas o que mais me deu prazer, tá, eu vou dizer assim... foi em 2020, que foi a implementação das políticas municipais voltadas à pessoa com autismo, né? Que foi, para mim foi o marco, nessa questão, principalmente, no Município de Sumaré, e desde lá, a gente tem lutado. E a questão da Audiência Pública foi para dar voz realmente às pessoas, né, por quê? Eu quero até aqui pedir desculpas aos Vereadores, vou falar como pai, mas eu vejo, estou feliz ao mesmo tempo e triste, porque eu vi só um representante do Governo aqui, que é a Secretária, corajosa, Ana Cléia de estar aqui, mas cadê o Secretário de Saúde que deveria estar aqui? O Secretário da Educação deveria estar aqui também, para ele ouvir as demandas da população, mas não compareceram, não sei porque, né? Mas eu fico triste, porque falta, parece que o Governo não dá importância para a gente, não dá importância como pais e mães, parece que nós somos invisíveis para o Governo. Eu acho que o Governo precisa ser mais eficiente e não deficiente, que para mim, ele está sendo deficiente com relação às questões da pessoa com deficiência. E a gente precisa do apoio, precisa, realmente, de verba pública no Município, precisa de mais investimento, né? Para que o povo, que aqui a gente foi, fala, o povo que está aqui, que votou e que elegeu, para que o povo

tenha a sua necessidade suprida. E eu vejo que o problema maior não é gestão, é falta de gestão. Políticas nós temos, Leis nós temos, mas nós não temos gestores que realmente olhe e que faça a coisa acontecer. Nós temos quase R\$ 1 bilhão de orçamento, e se você for pegar a LDO, eu estava aqui esses dias, estava tendo aí a Audiência da LDO, eu participo todas elas, porque eu quero saber onde é que está sendo investido o dinheiro no Município. Tanto para ajudar o Vereador, porque eu também como pai e como cidadão, quero saber onde está sendo investido o meu imposto. E às vezes eu vejo que é investido uma miséria da questão da pessoa com deficiência, miséria mesmo, porque se a gente for olhar na questão da necessidade, é muito maior e falta investimento, falta investimento mesmo, falta um olhar no Município com relação a isso. Nós temos o Conselho, está aqui representado hoje, o Rogério e também, na época, a Dra. Solange e fiquei triste com uma situação que aconteceu, eu vi o Rogério falando, né: “Por que é que o Vereador ou a Câmara não vai até o Condef”, né? E “por que o Condef não veio até aqui?”. Mas eu vou fazer uma pergunta ao Rogério. Quando o Município colocou na época da Mirela (não a Mirella Espinelli, a Mirela que era Secretária da Educação), colocou uma cláusula no contrato o entre a Pestalozzi e Apae, o Conselho tinha ciência disso? O Conselho permitiu isso? Já que o Conselho quer dar conselho, então, que faça valer. Eu, como pai, se eu estivesse no Conselho, não permitiria isso de modo algum, porque isso é uma discriminação às pessoas. Se você estuda na escola estadual, na escola municipal, não importa, você é cidadão, você é munícipe da Cidade! Isso aí é um absurdo! É um... tem que ser, já foi feito denúncia, nós vamos continuar fazendo denúncia, é discriminação e tem que mudar isso, tem que tirar isso, essa cláusula não pode existir. Tem que ser atendido, seja ele aluno de escola estadual ou de escola municipal! A gente precisa parar de olhar na questão política do Estado, do Município, “Ah, mas isso é competência do Estado”, “Isso é competência do fulano, ciclano”, não. Eu pago o imposto aonde? Não é aqui? Eu quero receber meu atendimento aqui. A gente tem falado, a Gorete falou, né, que vai suprir as demandas, mas vão aumentar, Gorete, sabe por quê? Porque com o rol taxativo, muitas das liminares vão cair, e eles vão vir bater aonde? Vão vir bater aqui na porta do Município. E é o Município que tem a obrigação de atender. Temos Leis aqui, foi essa, a Lei do Vereador, do Rudinei Lobo, com todos os Vereadores, porque ele não vota a Lei sozinho, ele vota com a demanda dos Vereadores. Então, a Lei não é só do Vereador Rudinei Lobo, a Lei é de todos os Vereadores. E está aqui que tem lá, garante todas essas demandas, mas parece que aqui, a gente não tem, não tem voz, somos deixados de lado, né? Eu quero só citar uma situação aqui, a questão do professor auxiliar. O meu filho começou a escola esse ano, né, foi para a Escola Municipal. E aí, desde a matrícula, acho que começou foi em outubro ou novembro, a escola já sabia que o meu filho era autista, porque tinha o laudo. Quando começou as aulas, ele começou sem o professor auxiliar e começou sem a pessoa, o cuidador. E aí eu fui atrás: “Ah, nós não temos, vamos contratar ainda”. Quer dizer, demorou três meses para contratar uma coisa que já sabia. Então, é por isso que eu falo: É má gestão. Precisa aprender. Principalmente nessa questão, da questão da pessoa com deficiência, seja ela autista ou qualquer outra. Então, aí tem a questão do professor auxiliar, acho que tem o pessoal que estava aqui da inclusão, da pessoa da educação, eu sei que não tem, mas para mim entrar com uma liminar, eu preciso de uma negativa do Município. Aí eu fui até a inclusão, levei lá meu pedido, fiz um Ofício pedindo para que seja, a resposta foi: “Na rede pública, não temos isso”. Quer dizer, eu já sabia que não tinha, fui lá só porque eu preciso da negativa para mim entrar com a liminar. Mas, gente, não é necessário ter liminar, porque a Lei me garante. Tem a Lei Federal de 12.764, que é a Lei Berenice Piana, de 2012, e tem a Lei Municipal dos Vereadores desta Casa que votaram em 2020. E por que é que eu tenho que entrar com liminar? Não é, não é obrigação de o Município oferecer? Por que é que o Município não faz? Então, gente, aqui está falando um pai com muita luta, que está lutando por seu filho, eu não sou agora, eu deixei o Vereador de lado, até pedi

desculpas, falei: “Vereador, vou falar o que eu tenho que falar, eu não vou passar pano para ninguém”. A verdade é essa, tá? Eu não, a minha questão política chama-se Lucas e a pessoa com autismo, essa é a minha questão política. E quando eu tiver que lutar pelo meu filho, eu vou lutar. Então, falta essa visão da questão do Município olhar para nós. E isso aqui para mim foi um marco. E eu tenho certeza que não será só apenas uma, vai ser mais, porque o Vereador e Presidente da Câmara Willian Souza abraçou essa causa com a gente, ele abriu esse espaço, como já foi falado aqui, ele foi, depois que ele assumiu a presidência, nós tivemos liberdade do povo ser ouvido dentro da Casa de Leis, e não se via isso antes. E, graças a Deus, pela gestão do Presidente de todos os Vereadores dessa gestão e da gestão passada, nós temos essa oportunidade, e na gestão do Presidente Willian muito mais ainda. Se tivesse reeleição da Câmara, eu gostaria que você fosse reeleito, mas quem sabe, né? 2024 a gente tenha você como Prefeito da Cidade, né? Porque é, tem visão, tem gestão. Então, a gente precisa aprender de lutar realmente pelos nossos filhos, e eu vou brigar e eu vou lutar, independente de questão política, eu quero deixar bem claro isso, né? Mas o que me magoa é isso, cadê o representante da educação aqui? Cadê o representante da saúde, Secretário de Saúde, aonde ele está? Era para estar aqui! Cadê o Prefeito ou alguém da Prefeitura para representar o Prefeito, ou representar, o Prefeito, às vezes, ele está em outras demandas, manda alguém para representar, entendeu? Precisamos ser ouvidos, Prefeito! Precisamos ser ouvidos, Secretário! Esses dias mandaram na carteirinha do meu filho lá, no caderninho, a professora reclamando porque o meu filho mordeu a bunda dela. Ei, foi duas vezes, não foi uma só não, que ela estava atendendo outra criança e o Lucas chegou lá e paf! Mordeu a bunda dela. Aí eu te pergunto, onde é que está o cuidador? Não sei. Aonde é que está o professor? Não tem. Coitada da professora, estava auxiliando as outras crianças, ela não tinha nem condições de olhar para o Lucas. Aí, quer dizer, meu filho é o culpado, porque mordeu a bunda dela? Então, aí, quando chega, aí é o filho seu, é seu filho o seu filho que é ruim, entendeu? Mas se estivesse o cuidador, e se estivesse lá o professor auxiliar, o cuidador, eu entendo que dá para se dividir, porque a criança não vai toda hora no banheiro, mas se tivesse o professor auxiliar, ajudaria muito mais ainda. Mas, infelizmente, mesmo com Leis, mesmo com políticas, a gente não vê a coisa andar, tá? Peço desculpas a todos, desculpas aos Vereadores, mas aqui, como falou a moça lá, isso aqui é um desabafo de um pai, tá? De um pai, de um cidadão. Esses dias mandaram a... eu não sei se foi a Tamiris, quem foi, mandou o meu filho tomando suco no canudinho. Gente, vocês não sabem o que é isso. Vocês não sabem o que você vê um desenvolvimento. “Ah, mas tomar no canudinho”. Mas para mim, é como se eu tivesse ganhado um carro zero, é como se tivesse um carro... vocês me desculpa aqui, eu me emocionei, mas é porque a luta é grande. Eu peço para o Prefeito, olha um pouquinho para a gente, Prefeito. Campinas, a gente tem, o Prefeito de Campinas, que ele tem um filho autista, infelizmente ou felizmente, né? O nosso Prefeito não tem, mas talvez, se ele tivesse, ele olharia diferente, mas não tem, entendeu? Mas o Prefeito de Campinas, ele tem. Então, ele sabe a dificuldade que a gente passa, a dificuldade que a gente sofre. Então, eu peço desculpa e, por favor, gente, ouve a gente um pouquinho só, está bom? Me desculpe e muito obrigado. [Aplausos] **“Sr. Presidente “Willian Souza”:** Vou passar aos Vereadores, para que finalize, depois eu faço os encaminhamentos aqui, pode ser? A Ana está pedindo a palavra? Você quer falar? **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”:** Quer passar para os Vereadores antes? **“Sr. Presidente “Willian Souza”:** É que depois deles, aí eu não passo. **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”:** Ah, tá, tá. Não, deixa eu falar rapidinho, então. **“Sr. Presidente “Willian Souza”:** Tá. **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”:** Em caráter cumulativo, eu estou respondendo pela Secretaria de Cidadania. E eu quero falar que as políticas públicas, e aí, desde o início, eu estou aqui como gestora, e não é porque eu sou corajosa, não, eu estou aqui porque eu acredito que a Política Pública é a única forma de transformar a sociedade, isso a gente acredita ao longo da trajetória. E enquanto gestão, eu

estou aqui, eu represento o Prefeito, né, por conta da agenda dele, ele não pode estar aqui, mas não tenham dúvida que ele não tem um olhar para vocês, como eu disse-- [*Manifestação fora do microfone*] **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: Não, tudo bem, agora, não-- [*Manifestação fora do microfone*] **“Sra. Ana Cléia Meneguetti”**: Não, vem fazendo muito, só quero dizer, meu amigo, como da forma, como eu te ouvi, com forma respeitosa, e eu sei, e é empatia que é necessária, por isso que eu estou aqui, né, para aprender com vocês, né? E nunca vou sentir a tua dor, não vou, né? Mas, eu me solidarizo com a sua dor. Agora, nós temos muitos nós em convênios e orçamentos por conta, nós temos um Tribunal de Contas no pé que, muitas vezes, o valor da União ou o valor do Estado que vem para aplicação em um determinado convênio, é cobrado do Município, e a gente é penalizado. Então, eu acho assim, como o próprio Presidente da Câmara colocou, a gente tem que cair para dentro, entender o que pode ser feito com cada coisa, entender a parte responsável por cada coisa (porque a gente responde também, né?), e aí para poder avançar, tá? Mas não entenda, de forma, como se não tivesse sendo olhado, a gente está aqui, a gente está olhando. Tudo o que eu estou aprendendo com vocês hoje, pode ter certeza que a gente vai dialogar, né? Então, e aí vai ter os encaminhamentos aqui da Audiência também, tá? Então, e a gente vai ter outro momento para conversar, tá bom? **“Sr. Presidente *“Willian Souza”***: Passar aos Vereadores, para que a gente possa direcionar e fazer encaminhamentos. Vereador Gilson Caverna, sua saudação. **“Vereador *“Gilson Gomes Ferreira”***: Boa noite a todos, eu quero dar o parabéns ao nosso Presidente Willian Souza, por essa Audiência, e cumprimentar, também, o Vereador Lucas, o Vereador Ulisses, a todos vocês. Hoje eu aprendi muito, eu tinha até umas perguntas para fazer, mas fui contemplado com a fala de vocês. E para mim, eu poderia ficar até a noite inteira, a madrugada inteira ouvindo vocês, que olha, foi um aprendizado muito bom que aconteceu comigo. E todos nós aqui, tenho certeza. E deixo meu gabinete a minha disposição, e que Deus abençoe vocês, que nós consegue dar andamento, com certeza, que o nosso Presidente vai ter mais Audiências; e tenha uma boa noite a vocês, agradeço tudo a vocês aí. Muito obrigado, e fica com Deus. **“Sr. Presidente *“Willian Souza”***: Obrigado, Vereador. [*Aplausos*] **“Sr. Presidente *“Willian Souza”***: Vereador Ulisses. **“Vereador *“Ulisses Nunes Gomes”***: Boa noite a todas e a todos. Quero aqui complementar o Presidente, e até parabenizar por essa luta, Presidente, eu acho você nem imagina quanto isso aqui está sendo importante para nós. Cumprimentar o Vereador Lucas, o Vereador Gilson Caverna. E dizer, eu vim aqui para ouvir, nem deveria falar. Eu vim aqui para ouvir, e imagino que eu ouvi aquilo que eu precisava ouvir. Nós sabemos, né, eu já acompanho alguns casos, uma vez ou outra, né, que às vezes a gente é chamado, né, é convocado a ajudar atender ou socorrer, e eu acabo imaginando, é uma luta de uma família. Às vezes, eu nem falava, a luta da pessoa que está com, né, mas da família, eu queria ouvir a família falar, e hoje eu ouvi. Eu imaginava que um dia eu ia ouvir as famílias falarem, para mim poder entender todo o contexto. Então, Presidente, parabéns aí por essa Audiência Pública! E parabéns a todos vocês, que aqui estiveram, os que já foram embora, que eu sei que ficou longo, mas é isso que o Vereador Gilson Caverna falou, se tivesse que ficar a noite inteira, a gente ficava, porque eu precisava dessa aula. Porque eu sei que nós só vamos tocar essa demanda ouvindo vocês. Se vocês não viessem aqui falar, ia ficar muito difícil, até para a gente defender essa luta, essa causa, né? A gente podia até imaginar, mas defender, igual precisa, e o que nós vamos ter que fazer, viu, Presidente? Que nós vamos ter que fazer, eu não vou ficar aqui até uma hora dessa ouvindo vocês, para amanhã não estar fazendo nada. Me desculpa, mas eu não vou embora sem ouvir um Cristian, por exemplo, parabéns Cristian. A senhora que falou quase uma hora aqui, podia ter falado mais uma hora, não tinha problema. Porque a gente tinha que ouvir, a gente precisa ouvir esses relatos, essa dificuldade. As entidades, a gente acompanha, as entidades, a gente já sabe a dificuldade que as entidades enfrenta, já sabe [*Ininteligível*], assim como a gente sabe a dificuldade que o Prefeito

enfrenta, que o Deputado enfrenta, que os Vereadores enfrenta, nós sabemos as dificuldades, também, que as entidades enfrentam para poder atender a demanda. Sabe, isso não é fácil, eu acompanho a APAE, eu acompanho a Pestalozzi, vamos lá fazer festa para a Pestalozzi para arrecadar fundo para poder tentar ajudar. Mas eu precisava de ouvir tudo que eu ouvi aqui hoje, até para a gente começar a embasar - viu, Presidente? -, para poder embasar e tocar essa demanda. Mas precisa de muito mais diálogo, é uma luta, e essa luta não termina aqui agora, não, nem amanhã, é uma luta. A doutora, né, nas explicações delas, já começou a alertar, sinar(F), Leis, tem Leis para chuchu. Agora, precisa é fazer uma gestão mais voltada para isso, com mais responsabilidade. É isso que nós precisa, eu acho que o puxão de orelha hoje foi muito importante. Então, parabéns a todos! É uma luta que a gente tem que estar junto, e a gente vai estar junto. Pode contar com esse Vereador, com gabinete desse Vereador, e com essa Casa, eu tenho certeza que nós não vamos abrir mão de estar nessa batalha. Obrigado a todos! [Aplausos] **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Vereador Lucas. **“Vereador “Lucas Vieira Agostinho”**: Boa noite a todos! Gostaria de iniciar a minha fala agradecendo o Vereador Rudinei Lobo pela iniciativa, ao assessor dele, o Cristian, por estar incentivando e batalhando aí, para a gente poder estar tomando a iniciativa de ajudar essa categoria. Dar os parabéns ao Presidente, que sempre vem defendendo as bandeiras, e nos orientando com experiência dele, nos auxiliando aqui, para que a gente possa fazer o nosso trabalho. E agradecer a cada um de vocês pela presença; e pedir desculpas, porque nós não sabemos o que cada um de vocês vive na casa de vocês. Eu tenho alguns amigos que tem filhos autistas, já tive a oportunidade de ajudar, mas, quando a gente sai daquela casa, quando a gente termina de fazer aquele atendimento, para nós, o problema, específico ali, daquela criança, ele, nós não levamos para a nossa casa, a gente não sabe o que é que vocês passam na madrugada, nas manhãs, igual aquela senhora estava falando, nas noites sem dormir. Eu tenho dois filhos, tenho uma menina de sete anos, e um menino de, o mês que vem, agora, faz dois anos. Quando dá uma cólica, e a gente fica 3, 4h da manhã ali concordado, a gente já sofre e acha que aquilo é ruim, né? Ficar 2h da madrugada acordado. Mas a gente não sabe o que é que, realmente, é o problema, e vendo essas situações, no dia a dia, a gente aprende o que é que, realmente, tem valor. Há pouco tempo atrás, provavelmente, vocês já devem ter conhecido, ou já ouviu falar do Vitor(F) Hugo, que era o filho de uma amiga, da Regina, do Roberto, esse menino, ele faleceu, se eu não me engano, com 15, 16 anos. Ele era autista, tinha vários problemas de saúde e, infelizmente, ele veio a óbito. Essa mãe, ela não tinha sábado, não tinha domingo, não tinha feriado, não tinha folga, então, ali era 24 horas por dia, dedicando a vida dela para o filho. Infelizmente, ele partiu. Muita gente pode ter falado: “Nossa, agora a Regina vai poder viver a vida dela”, né? Mas, eu sei o quanto que ela está sofrendo pela vida do filho dela, que, aparentemente, para o mundo poderia ser um problema, mas para ela, era tudo que ela tinha, porque o sonho dela, era ser mãe, e ela estava ali com o filho dela. Então, eu tenho certeza que se ela pudesse trocar tudo que ela tem hoje para ter o filho dela de volta, ela teria, por mais que o filho dela tenha um problema. Então, eu queria pedir desculpas para vocês, que nós, como Poder Público, às vezes a gente falha, nós não demos a devida importância. E peço para vocês, que vocês possam cobrar, realmente, o Poder Público, que nós, na correria do dia a dia, nas demandas de um lugar, do outro, de um problema aqui ou de um problema ali, a gente acaba não tendo o foco na onde era para ter uma importância maior. Então, mais uma vez, eu quero agradecer vocês, pedir desculpa por, às vezes, a falha nossa, e essa falha, às vezes, é inconsciente, porque, como eu já disse na minha fala, a gente não sabe o que cada um vive dentro da casa de vocês, que é muito difícil. Pelas várias falas que tiveram aqui, eu me emocionei aqui, me segurei, e quando eu vejo uma pessoa que nem o Cristian, se emocionando de ver o filho tomando um, porque está aprendendo a tomar um suco pelo canudinho, eu fico lembrando de quando eu vi o meu filho aprendendo a andar, a falar um “papai”, falar uma “mamãe”, e às vezes uma coisa tão

simples, que a gente acaba não dando valor. Então, mais uma vez, eu queria dar os parabéns ao Presidente pela Audiência Pública; se pudesse, a gente ficava aqui até tarde da noite. E eu peço para vocês que nos ajudem, nos orientem, nos cobrem, puxa a orelha, que eu acho que a função do Legislativo é esse, e se a população cobra, vem, traz a demanda, participa dessas Audiências, isso é importante. Então, eu gostaria de encerrar a minha fala aqui, e agradecer a presença de todos vocês. Obrigado, Presidente. [Aplausos] **“Sr. Presidente “Willian Souza”**: Bom, a gente concedeu aqui a palavra, eu estou achando interessante que tinha muita gente no Plenário, e agora nós estamos vendo o número de pessoas ao vivo acompanhando. Eu acredito que muita gente que foi embora, continua assistindo pelo Youtube. Eu pedi para verificar, ali, a quantidade, e nós tivemos um pico de 350 pessoas *online*, então, uma quantidade muito alta para Audiência Pública em véspera de feriado. Então, parabéns, de verdade, aqui o que, onde chega, né? E dizer a vocês que, as pessoas que estão em casa ou no caminho ainda, estão no celular, eu tenho certeza que são essas pessoas aqui, o tanto quanto interessadas. Eu vou pedir licença para levantar, que eu gosto de dizer, não vou me alongar, mas, gostaria de dizer algumas coisas aqui, algumas palavras. E primeiro, agradecer o Vereador Rudinei Lobo, eu ganhei algumas congratulações aqui, mas quem foi o protagonista disso, primeiro foi o Cristian que utilizou o mandato para que o Vereador Rudinei Lobo propusesse aqui a Audiência Pública histórica, e a primeira vez da história da Câmara que se tem uma Audiência Pública no tema proposto. Então, nós temos aqui que dar a honra a quem tem honra, que foram, o gabinete do Vereador Rudinei, aliás, o Cristian ficou ansioso, o tempo todo, construindo a Audiência Pública, e construindo aqui com muito cuidado. Agradeço os servidores da Câmara que estão aqui; agradeço a doutora, agradeço, também, a Tamiris que aqui fizeram a fala. Eu acho que eu nunca anotei tanto numa Audiência Pública, confesso que eu mais aprendi, e tudo aprendi, porque é um tema que eu não a bordo, que é um tema que eu não tenho propriedade, o pouco que a gente sabe, é o que lê nos jornais, em um livro que se ganha. Mas hoje aqui, eu vivenciei as páginas dos livros e dos relatos jornalísticos, ganhando voz dentro da sede do Poder Legislativo. Confesso que estou um pouco quanto abalado, por todo depoimento, as mães aqui, a senhora fazendo aqui o pronunciamento aqui, é a dona, eu não decorei todos os nomes, Erinéria. Erinéria, seu depoimento aqui, para mim, foi chocante, todo mundo falou, mas você vindo aqui com coragem, porque pegar o microfone já é difícil, um monte de câmeras, mais difícil, na sede do Parlamento, eu imagino o quanto ultrapassou o teu limite pessoal para você entrar aqui dentro, teu depoimento, para mim, parece que foi de um minuto, porque eu não vi o tempo passar. E sabe? Cada página, e eu lembro da fala da senhora, falando assim: “Desculpa o jeito que eu estou falando”, a senhora não tem ideia o tanto de Leis que surgiram na minha cabeça, tanto de ideias que a senhora trouxe aqui. Por exemplo, a senhora dizendo do tanto de banho que o teu filho toma, e o valor que você paga na conta de água, já me, na hora, está ali nas minhas anotações (não vou mostrar tudo, até porque a senhora não vai entender a minha letra, né?), mas, na hora, eu pensei num Projeto de Lei isentando todas as pessoas que têm essa situação dentro de casa, de pagar água, de pagar IPTU, de pagar outros tipos de impostos. Esse tipo de Lei, que parece que não tem, e que não foi feita ao longo do Legislativo, é porque ninguém, uma mãe, como a senhora, entrou aqui dentro para me dizer isso. Eu não sei mesmo, eu não sei mesmo! Entendam a participação, sabe, Marcelo? Entenda como vocês, hoje, fizeram um bem para toda essa comunidade, Adriana? Quando você veio no outro mandato, propor Leis aqui, eu vi a tua emoção no Plenário vendo outro Vereador propondo uma Lei que você tinha proposto, dos carrinhos de mercado, outras coisas, eu me lembro como se fosse hoje, eu me lembro como se fosse hoje, você no gabinete do Prefeito, brigando por recurso da Apae. Eu não esqueço, essas coisas marcam para mim. E sabe, Ana, quando você foi defender a gestão, que eu vi aí na tua fala, no teu tom a questão, e mais do que qualquer Vereador aqui, com todo respeito, ninguém defendeu mais a gestão do Prefeito Luiz

Dalben do que eu, ninguém, nem a Ana, nem comissionado nenhum, porque aqui dentro do Plenário, aqui dentro do Plenário, e várias lutas que eu travei, eu sempre travo defendendo a gestão do Prefeito Luiz Dalben, intransigentemente. Eu acho que é uma gestão muito boa, com muita qualidade, acho que o Prefeito trabalha muito pela Cidade de Sumaré. Mas, por que é que o Prefeito não fez? A pergunta é do Cristian. Eu não ousa discordar da tua fala em nada, Cristian, eu não ousa discordar do teu tom de fala, e não ousa, também, discordar o motivo dos Secretários não estarem aqui, são meus amigos e eu defendo da gestão, e não há nada que justifique a ausência nesse momento. Nada! Vou concordar contigo, meu amigo. Eu não ousa discordar de nenhum pai, de nenhuma mãe que falou aqui, não é meu lugar de fala. A fala que vocês falaram, de quando chegarem em casa, não sabe como encontrar o filho, não sabe a situação, não me dá o direito de fazer nenhuma defesa política. Em várias Audiências Públicas aqui, eu já indaguei, já discuti, como o senhor falou, quando eu discordei de alguém. Mas hoje eu estou desautorizado pelo meu próprio, pelo meu próprio sentimento, pela minha própria humanidade de fazer qualquer discordância. Eu não consigo discordar o porquê que o orçamento não contempla, eu não consigo discordar porque não tem a fralda, eu não consigo justificar com nada. Não consigo! Eu estou desautorizado, sabe por quê? O lugar de fala hoje, para mais que as entidades falaram, foram os pais e mães que entraram aqui dentro. Os dados que o senhor traz, de um divórcio por conta dessa situação; os dados que a senhora traz, de uma lista que aguarda; os dados que a mãe traz, de uma sala de recurso, é óbvio que eu não vi a sala de recurso, e por um motivo que o senhor não viu, que o senhor não viu, que o senhor não viu, sabe por quê? Porque eu posso entrar na sala de recurso e vou achar ela perfeita e linda, eu vou achar o *pallet* que está colocado, o material de reciclagem que deveria ser feito, sabe, Carlos? Eu vou achar que aquela cor que foi pintada pelo esposo da professora (que, aliás, isso é muito comum na rede, a ter a solidariedade), Leandro, eu vou achar lindo, vou achar lindo! Mas a sala de recursos não está de quadra para todos os meios que foram apresentados e as técnicas colocadas. Olha que interessante. Não significa a má gestão, ou não significa a má vontade do político, falta, significa a má falta de conhecimento que vocês deram para a gente. Hoje nós tivemos aula, não foi uma Audiência Pública, eu tive uma aula: uma aula de empatia, uma aula de solidariedade, uma aula de entendimento. Eu vou pensar dez vezes, agora, antes de pensar qualquer tipo de Lei sobre o autismo; eu vou pensar dez vezes, agora, em não olhar para essa situação; eu vou pensar dez vezes, agora, quando eu ouvir alguém fazer uma brincadeira, como foi apresentado. Mas isso não basta só para mim, Presidente da Câmara, Willian, e eu estou falando aqui agora confesso, muito mais como ser humano do que como o cargo de Presidente. Os Vereadores aqui, todos aqui colocados, nós precisamos, urgente, pensar nas Políticas Públicas para os autistas, Cristian? Não, a mãe nos corrigiu: para a família, para as entidades do terceiro setor, para o orçamento que vai ser disposto, para os amigos, para os lugares públicos. A gente tem que fazer, agora, uma verdadeira inclusão, Ana. Nós hoje, aqui, vamos ter que sair com esse desafio, porque não é justo a gente ouvir até meia-noite todo mundo, sabe, doutora? E ir embora, simplesmente, com as anotações, e na segunda-feira tudo continuar assim. Não dá, eu não consigo. Então, primeiro, eu quero aqui reforçar a tua fala, Lucas, que foi muito linda, quando você pede desculpa para todo mundo, e acho que isso falta muito em políticos, sabe? É duro, para mim, ter que ouvir uma coisa que me incomoda muito, quando se fala de voto, porque eu sou uma pessoa muito difícil para esse tema, quem me conhece, sabe, porque para mim as pessoas tem que descer do palanque, e tem que esquecer, completamente, quando ganha, quando perde uma eleição, e tem que administrar. Mas essa fala é um choque no setor político, e eu te entendo completamente, e entendo a mãe. É assim que é tratado boa parte da política, é pelo voto, o medo da opinião, o medo de desagradar, o medo de discutir certo tema, o medo de fazer tudo isso, e aí o setor político é tratado como voto. E aí, como que faz? E aí, essas pessoas não votam? É

quando se discute o direito do animal, aqui dentro da Câmara, que não tinha antes, e agora tem o Vereador Alan que discute, eu fico completamente quieto nesses assuntos, boa parte, sabe por quê? Com propriedade tem a cadeira aqui dentro para falar. E agora, vocês fizeram com que tivesse cadeiras, porque minha cadeira aqui na Câmara representada, e acredito que dos Vereadores é muito de vocês, a partir de hoje. E desculpa, de verdade, de não ter os ouvidos antes; me desculpa por não ter chamado uma Audiência Pública antes; me desculpa por não ter dado oportunidade para vocês falar isso; desculpa parafrasear a tua fala, Lucas, mas é o pedido principal que eu posso. E sabe, Adriana, Marcelo, doutora, a gente não pode só pedir desculpa, eu costumo dizer que depois do pedido de desculpa, você tem que, ou esquecer tudo que você deixou de fazer, ou o que você fez, colocar uma pedra e tocar dali para frente para você não tem que pedir desculpa de novo. A partir de agora, eu não posso mais pedir desculpa para vocês, porque daí eu vou estar sendo hipócrita, e eu não quero isso para a minha vida pública. Por isso, eu quero aqui dizer a vocês que não deixem de puxar a nossa orelha, de nos ensinar, porque a partir de agora, nós estamos aqui com um compromisso de fazer, com que tudo que vocês falaram, pontuaram e deram certo. Eu estou encantado com o conhecimento de vocês, com proposta de Política Pública, com conhecimento de vocês com medidas que devem ser tomadas, Sabe, Leandro (do Conselho de Saúde), nós precisamos levar isso, agora, com muita seriedade, tocar todas essas ponderações, e discutir isso muito seriamente, e discutir a divisão do orçamento para isso, discutir. E eu quero aqui, em primeiro ponto, em primeiro plano, para a gente poder fazer algo muito importante. Eu sou Presidente da Câmara hoje, então, o orçamento da Câmara está na nossa mão, eu quero propor algo importante aqui para vocês, para que a gente use o prédio da Câmara e a instituição da Câmara, como ponto piloto para que a gente possa ensinar, através da Câmara, instituições, outros lugares e outros setores. Então eu gostaria-- [Aplausos] **“Sr. Presidente “Willian Souza”:** --que vocês fizessem isso. E para esse ponto, eu não vou ter desculpa. Então, quem gerencia o orçamento da Câmara sou eu, então, eu quero que vocês digam, sabe, para Câmara, o que a Câmara precisa melhorar, o que a Câmara precisa fazer, o que é que o prédio da Câmara precisa fazer, para que quando um dono de mercado entrar aqui, ele ver aquilo e falar assim: “Olha, é isso”, para a gente servir de exemplo. Eu não posso fazer uma Lei terça-feira, se eu não estou dando exemplo, eu não posso! Minha mãe sempre me ensinou isso: “Não fale aquilo que você não faz”, então, isso é muito importante para mim. Agora, vocês estão vendo ali, tem libras, vocês estão observando aí, foi uma implantação que nós fizemos, eu não sei falar o nome lá do negócio, é *closed caption*, né? Que nós, também, implantamos. Mas, às vezes, você tem uma ideia para gente implantar na TV, você tem uma ideia para a gente por aqui na Câmara. Vocês falaram aqui, alguém disse, acho que foi o pai, eu fiquei com, foi um tapa na minha cara, uma vergonha, ele disse o seguinte: “A gente chega em alguns mercados, setores, e não tem uma cadeira de rodas”, ele disse aqui, incomoda, “Como que eu pego lá?”, a Câmara não tem uma cadeira de rodas, a Câmara não tem uma cadeira de rodas. Então, o que é que eu pontuo(\*), como que eu não tenho uma cadeira de rodas aqui? Alguém precisou pegar o microfone para falar de outra instituição, sendo que eu não tenho, tem que colocar, sabe?! Então, nós temos que implantar, já notei ali, que segunda-feira eu estou pedindo para que implante isso. A Escola do Legislativo que nós temos aqui, tem que discutir, abordar esse assunto, que é um outro prédio, que é para isso. Então, pessoal, não quero me alongar, mas eu quero dizer a vocês, que vocês precisam - sabe, Carlos? Sabe? - me dizer aqui o que eu preciso dizer, fazer na Câmara. Então, para isso, como que nós vamos fazer essas ideias ser implementadas? Eu falei com o Vereador Rudinei Lobo, e os Vereadores que estão aqui, nós vamos instituir, terça-feira nós vamos colocar para votar, porque precisa da permissão do Plenário, uma Comissão de Assuntos Relevantes da Câmara instituída pelo Plenário, com participação de toda a sociedade civil, com todos os setores, para que possa abordar o tema autismo.

Ponto! Nós não vamos discutir outro os temas, porque vai ficar vago, depois a gente fecha essa e abre outra. Vamos abordar autismo, vamos abordar os recursos das entidades, vamos dialogar, vamos falar sobre tudo que precisa ser mudado, e aí, vocês precisam participar, entrar para dentro da Comissão. A Comissão precisa visitar essas entidades, precisa visitar a casa, precisa visitar os lugares, precisa proteger os pais daqueles maldosos que fazem esse tipo de denúncia. Me doeu muito, é isso, e agora? A fala que a senhora fez para o profissional da Prefeitura, é muito séria, “Tá bom, você viu que eu não maltrato, e agora?”. E agora? Essa é a pergunta que a Comissão tem que fazer, sabe, Marcelo? Então, nós precisamos discutir. Vocês têm um grupo importante que vocês discutem? Ótimo! Esse grupo precisa tirar o encaminhamento e vim usar o microfone aqui. Para cada reunião da Comissão, sair uma Lei nova, a mãe falou: “Vocês que são contra a liminar”, não sou contra a liminar, eu acho um absurdo ter que entrar com uma liminar, acho um absurdo! O dinheiro público precisa ser empregado com qualidade, o Ministério Público também é, agora como que eu tenho que garantir o meu direito por uma liminar? Como que eu tenho?! Como que a mãe que tem que pagar fralda, tem que pagar custa advocatícia, ou outras questões, não podemos fazer isso, nós temos que diminuir. Para isso, vamos chamar o Ministério Público para dentro da Comissão, vamos tentar mecanismos dentro do Órgão Ministerial para compor isso, chamar o Dr. Dênis, chamar a promotora, chama todos os promotores. Hoje eu fiz uma reunião Gaema para discutir Meio Ambiente, tinha três professores, eu fiquei duas horas, duas horas discutindo isso. O Dr. Clodovyl viu, e o Vereador Lucas acompanhou, ele falou assim: “Que bacana”, é isso! Eu quero discutir, nós precisamos discutir. Sumaré tem 300 mil habitantes aproximadamente, 1 bilhão quase de orçamento, um potencial de crescimento econômico enorme. A dor, quando, por que é que a gente não faz aqui uma Lei, por exemplo, para que a gente de isenções fiscais para as empresas que contratarem as mães dos autistas e fazer um trabalho *home office*, por quê? Por que é que a gente não faz? Vamos conversar com as empresas, vamos chamar a Acias aqui para dentro, vamos chamar aqui para dentro a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, chamar o Sebrae aqui dentro, para a gente conversar. Sabe, Adriana? Nós precisamos unir todo mundo, fazer uma união de forças, e aqui o Plenário é para isso. E aí, eu concluo dizendo o seguinte: precisamos fazer uma reunião com Prefeito Luiz Dalben, ele é sensível para isso, ele é uma pessoa que vai fazer o atendimento, e fazer uma reunião com tranquilidade, para que ele monte, também, uma comissão na Prefeitura, e tenham os representantes para que a gente possa fazer isso. Agilizar os processos que são aplicados de forma administrativa, entender o porquê que está parando nos certames que fazem isso. É um absurdo, às vezes, uma empresa que entra e quer derrubar a Carinha do Anjo, eu ia falar para eles, temos uma discussão da Lei de Responsabilidade Fiscal, que tem todo um certame para ser colocado, mas vamos discutir, colocar o Ministério Público para agilizar isso. Então, tudo isso eu queria propor a vocês, propor a vocês que essa luta não seja mais só de vocês, sabe, mãe? Que você não leve para dentro de casa e acha que está sozinha. A partir de agora, a Câmara será uma mão estendida para vocês e, Cristian, você que começou isso, nos ajude a tocar isso. Vou fazer uma nomeação para você, como Presidente da Câmara, para que crie uma Comissão de Servidores da Câmara também, para dar todo apoio para essa Comissão, para que tenha advogados da Câmara, para que tenha profissionais concursados e, também, aqui incluir o Júnior, que é um Servidor da Câmara, que está aqui, que trabalha na Câmara, concursado e que também é pai que sofre essa situação, é um profissional da limpeza da Câmara, mas que estará também, Júnior, colocado na Comissão de concursados para trabalhar isso e para dizer da sua angústia, da sua dor e o que tem que mudar aqui dentro da Câmara. Então, como finalização da minha fala, nós vamos, terça-feira, apresentar uma Comissão de Assuntos Relevantes para apurar, ouvir tudo isso, juntar tudo isso e começar a fazer as Leis. Tem lei que não precisa andar, que nós já podemos votar terça-feira, Lei de isenção de água, lei de isenção de IPTU, sabe

essas coisas, Adriana? Já vamos colocar para votar, não tem que ficar esperando muito estudo, não há necessidade, não dá para esperar mais dias. A da fralda, vamos entender isso, vamos fazer uma reunião com o Secretário de Saúde, com o pessoal do Danf, do Estado. Perfeita a tua fala! Para com isso de colocar uma culpa no Estado, outra culpa no Município, nós não podemos mais discutir isso. Quando a Constituição fala: “O Estado deve garantir”, o Estado, inclui-se a Federação, Município e o Estado, não estou falando do ente estadual. Para! Isso é uma discussão que nós não podemos ter, vamos ingressar com uma ação coletiva, vamos ingressar com uma ação coletiva e discutir essa obrigação. Enfim, vamos envolver a Ordem dos Advogados do Brasil, envolver todo mundo. Se vocês toparem, tem em mim um parceiro e a Câmara está escancarada para que a gente toque isso de verdade agora. Nós só não vamos fazer se a gente não quiser. Então, como encaminhamento, o melhor caminho é a instituição por Lei de uma Comissão de Assuntos Relevantes para isso, correto? Cristian, você ia acrescentar alguma coisa? *[Manifestação fora do microfone]* **“Sr. Presidente Willian Souza”**: Também. Vamos incluí-lo também, está vendo? Importante. Certo, pessoal? Então, a gente finaliza dessa maneira, desculpa eu me alongar na minha fala, mas eu precisava dizer tudo isso e terça-feira fica o meu compromisso da gente votar essa Comissão. Na terça mesmo à noite, eu já vou promulgá-la e publicá-la; na quarta, eu nomeio os membros; na quinta, ela já está em funcionamento. Então, vocês, rapidamente, isso não tem enrolação, quinta-feira já podem começar a mandar para uma Comissão instituída, e aí, Cristian, pega os nomes de quem quer participar efetivamente, vamos fazer um Decreto nomeando, já vou marcar reunião com o Prefeito Luiz Dalben, vou pedir a reunião com ele, vamos marcar com o Deputado Dalben, para que ele leve para o Estado e vamos agilizar, é para ontem toda essa situação, está bom? Então, de coração, me desculpem, e de coração, obrigado pela lição de vida que vocês me deram. Que Deus os abençoe e proteja a nossa Cidade de Sumaré! *[Aplausos]* **“Sr. Presidente Willian Souza”**: Só a termo regimental *[Falha no áudio]* Audiência Pública, quinta-feira, 16 de junho, à 00h03. Muito obrigado a todos e a todas! “Nada mais havendo a tratar, a Presidência dá por encerrada a presente Audiência Pública, cuja ata, se aprovada, irá assinada pela Mesa Diretora dos Trabalhos. Câmara Municipal de Sumaré, 15 de junho de 2022.-.-.-.-.-.

---

**Presidente**

**1º Secretário**

**2º Secretário**